

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**

**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - FCHS**

**UNESP – CAMPUS DE FRANCA**

**PEDRO FERNANDES RUSSO**

**ÁUREA MORETTI: A MULHER, A RESISTÊNCIA E A TORTURA:**

**UM ESTUDO SOBRE A PARTICIPAÇÃO FEMININA CONTRA A**

**DITADURA MILITAR BRASILEIRA. 1965-1975.**

**FRANCA**

**2015**

**PEDRO FERNANDES RUSSO**

**ÁUREA MORETTI: A MULHER, A RESISTÊNCIA E A TORTURA:  
UM ESTUDO SOBRE A PARTICIPAÇÃO FEMININA CONTRA A  
DITADURA MILITAR BRASILEIRA. 1965-1975.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Campus Franca, São Paulo, Brasil, para obtenção do título de Mestre em História.

**Agência financiadora:** Fapesp

**Orientação:** Profa. Dra. Márcia Pereira da Silva

**FRANCA  
2015**

Russo, Pedro Fernandes

Áurea Moretti : a mulher, a resistência e a tortura: um estudo sobre a participação feminina contra a ditadura militar brasileira.

1965-1975 / Pedro Fernandes Russo. – Franca : [s.n.], 2015.

154 f.

Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual

**PEDRO FERNANDES RUSSO**

**ÁUREA MORETTI: A MULHER, A RESISTÊNCIA E A TORTURA:  
UM ESTUDO SOBRE A PARTICIPAÇÃO FEMININA CONTRA A  
DITADURA MILITAR BRASILEIRA. 1965-1975.**

Dissertação apresentada à Faculdade Ciências Humanas e Sociais da  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Franca,  
São Paulo, como pré-requisito para a obtenção de Título de Mestre em  
História.

Presidente: \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Márcia Pereira da Silva.

Examinadora 1: \_\_\_\_\_

Regina Célia Lima Caleiro (PPGH - Unimontes)

Examinadora 2: \_\_\_\_\_

Marisa Saenz Leme (PPGH - UNESP/Franca)

Suplente 1: \_\_\_\_\_

Lincoln Ferreira Secco (PPGH - USP)

Suplente 2: \_\_\_\_\_

Teresa Malatian (PPGH - UNESP/Franca)

Franca, 29 de outubro de 2015.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente gostaria de agradecer à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) pela concessão de bolsa de mestrado que possibilitou um melhor desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço profundamente à minha orientadora Márcia Pereira da Silva. Sempre presente e atenciosa, sua orientação possibilitou-me um alargamento das minhas concepções sobre história, memória e historiografia. A exigência, sua marca registrada, foi um fator essencial para o desenvolvimento e conclusão desta pesquisa.

Agradeço também às professoras doutoras Marisa Saenz Leme e Rita de Cássia BIASON que compuseram a banca geral de qualificação. Agradeço pela dedicada leitura e olhar crítico que engrandeceram este trabalho.

Reservo aqui também um espaço especial para agradecer a meus pais Giselda Fernandes Russo e Paulo Russo. Pessoas firmes em suas convicções, atentas aos valores de justiça e igualdade. Tudo que sou devo a vocês, casal que de maneira especial conseguiu conciliar e passar a seus filhos que o pensar e o agir devem caminhar sempre juntos. Mãe, espero que em minha vida eu consiga sempre seguir seus passos, sua perseverança e seu inquebrantável otimismo que ilumina todos os locais em que você está. Pai, nunca houve melhor conselheiro, suas palavras, suas críticas, nossos acalorados debates, sua inteligência são para mim fonte inesgotável de conhecimento, você plantou em mim uma semente muito importante, sempre questionar-me, mesmo frente às supostas certezas.

Esse trabalho também não seria possível se eu não tivesse a sorte de conviver com duas pessoas maravilhosas. Aline Pagotto e Marco Escrivão. Aline, você é a principal responsável por este trabalho. Desde a graduação me incentiva a trilhar o caminho da pesquisa, você é para mim um exemplo de pessoa e de pesquisadora, sem você para me incentivar e para me mostrar os caminhos eu nem teria iniciado esta empreitada. "Marcão", iniciamos juntos nossos trabalhos e pesquisas sobre a ditadura, através do "Memórias da Resistência", em 2011. Entretanto, nossa parceria vem de longa data, desde nossa adolescência em São Carlos. Você sempre foi um ser humano que mostrou para mim que um mundo diferente é possível e que somos nós que construímos ele. Você é um dos maiores incentivadores dessa empreitada e todos os nossos debates acerca do tema ditadura foram cruciais para esta pesquisa.

Tenho também seis amigos que conviveram o dia a dia, o desenvolvimento e o desenrolar desta pesquisa. Essas pessoas aguentaram bons e maus momentos pelos quais passei sem nunca saírem do meu lado. Ajudaram-me a espairecer no momento que era necessário e entenderam minhas faltas no momento em que eu precisava me focar. Lek (Alex Almeida da Silva), Pino (Victor Manoel Nogueira dos Santos Júnior), Léo Fernandes, Rubinho Garey, Pimpão (Vitor Hugo Costa Carvalho) e Rafael Martins (Rica) a amizade de vocês foi imprescindível para manter a minha sanidade e o meu foco. Junto a eles preciso citar também duas companheiras que passaram boas partes dos dias sentadas ao meu lado na solitária vida de um mestrando, minhas cachorras "Gorda" e "Magrela" estiveram incondicionalmente juntas a mim.

Foi através do projeto "Memórias da Resistência" que me interessei definitivamente pela pesquisa histórica e entendi a importância dos trabalhos de memória. As pessoas que trabalharam comigo nesse projeto estão marcadas em mim e sempre serão levadas comigo em meu coração. Tito Flávio Bellini, Aretha Bellini, Tony Rocha e Léo Stockler, vocês estão comigo desde o início.

Nesses anos de trabalho sobre a ditadura através do "Memórias da Resistência" e desta pesquisa tomei contato com pessoas que para mim são fonte de inspiração. Algumas delas não abaixaram a cabeça em tempos de terrorismo de Estado, algumas levantaram-se contra a ditadura mesmo com ínfimas chances de vitória e ainda presas e torturadas mantiveram acesas as chamas da justiça, da igualdade e da liberdade. Outras delas não participaram da resistência à ditadura, por vários motivos, mas tiveram essencial participação para que esse período trágico não fosse esquecido. Para mim são todos lutadores e cada um, ao seu modo, não deixou a história cair no esquecimento. Agradeço a vocês: Maurice Politi, Ivan Seixas, Alípio Freire, Djalma Quirino de Carvalho, Vanderlei Fontelas, Vanderley Caixe, Maria Aparecida dos Santos (Cidinha), José Edson de Senne, Rachel Fonseca Lepera, Cleiton de Oliveira de Souza, José Osvaldo da Silva (Bradesco), Lemes Carlos de Sá Ribeiro, Thaís Barreto, Rafaela Leuchtenberger, Arthur Barros e o deputado estadual Adriano Diogo.

Nesses anos em que cursei o mestrado em História pela Unesp/Franca tive o prazer de fazer novas amizades e também compreender que outras amizades outrora distantes aproximaram-se e me surpreenderam do quão grande é minha sorte de tê-los ao meu lado. Marcos Sorrilha, Maria Helena Papa, Fabrício Trevisan, Felipe Quadrado, Pedro Borato (Flash), Henrique Duzz-Hass (Azulejo), Rafael Martins (Rica), Francisco

Barros, Romeu B. Mesquita (Marasmo), Thuanny Miller, Mateus França Olmos, Guilherme Carreira, Mateus Xavier Rodrigues, Wilson Pereira, Eustáquio Donizete, Rodrigo Morais, Heitor Loureiro, Elvis Dania Alves, Silvia Rubini, Caio Cândido Ferraro (Calói), Vivian Montezano Cruz, Rafael Pereira, Plauto Daniel, minha irmã Marília e meus sobrinhos João, Matheus e Davi, meus primos Diego e Dante Fernandes, Nathália Cordeiro (Deva), Bernardo Marquez, Alexandre Scarpelli, Otávio Paranhos, Emerson Graziano (Panda), Antônio Sérgio Escrivão (Tuco), Laura Calasans, Carlos Mendes (Carlitos), Helvio Tamoio, Pedro Íris Paulin, Rodolfo Machado, Laudelino Pires e a Solange Galofoeiro pela revisão.

Reservo um espaço especial para a biografada Áurea Moretti. Vivenciamos muitas coisas desde que nos conhecemos, desde os primeiros contatos e a primeira entrevista pelo "Memórias da Resistência", até eventos e manifestações acerca da resistência à ditadura que organizamos na cidade de Franca-SP. Me sinto premiado na loteria pela oportunidade de conhecer essa mulher, essa fortaleza que nunca deixa de sorrir e nunca deixou de lutar. Uma pessoa que exala amor e que me ensinou muito nesses anos de convivência. Como ela diz: "uma espiritualista e comunista", pode parecer contraditório, mas incrivelmente ela amalgama em sua personalidade de maneira totalmente harmônica essas duas características.

Por último e exatamente por isso, mais importante, quero agradecer àquela que é a pessoa que me completa. Sempre fomos amigos e o acaso nos levou ao amor. Andressa Somogy, você é meu pilar de sustentação, meu porto seguro. Vivemos muitas coisas juntos e sei que sem você tudo teria sido mais difícil, menos colorido, mais tedioso. Nas crises, nas alegrias, na pobreza, nos dias de sol, nos dias de chuva, nos 365 dias do ano, há quilômetros de distância ou dividindo o mesmo teto, tenho em você minha principal fonte de inspiração, você é meu conceito de liberdade. Por todas as leituras críticas, pelos debates, pela nossa evolução juntos, caminhando lado a lado lhe sou grato. Te amo e este trabalho dedico a você!

***"NADA CAUSA MAIS HORROR À ORDEM DO QUE AS MULHERES QUE  
LUTAM E SONHAM"***  
***(José Martí)***



RUSSO, Pedro Fernandes. **Áurea Moretti: A mulher, a resistência e a tortura: Um estudo sobre a participação feminina contra a ditadura militar brasileira (1965-1975)**. 2015. 154 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Franca, São Paulo, 2015.

## RESUMO

A presente pesquisa pretende compreender a participação e o cotidiano femininos dentro da resistência a ditadura militar brasileira (1964-85). Para tanto, tem como analisa a vida da ex-presença e militante política, Áurea Moretti Pires. Áurea foi uma das líderes das Forças Armadas de Libertação Nacional (FALN), movimento na região de Ribeirão Preto, interior do estado de São Paulo, contrário à ditadura e que foi desmembrado em outubro de 1969. Na companhia de Vanderley Caixe, Mario Bugliani, Mario Lorenzato, dentre outros, organizavam manifestações políticas e um jornal, "O Berro", adversos ao Estado autoritário. Tendo em vista que estudos sobre o cotidiano feminino na resistência armada à ditadura foram pouco divulgados, pretende-se analisar, a partir dos relatos de Áurea, como era a vida semi-clandestina, quais as dificuldades encontradas no treinamento e vida guerrilheiros, como foram enfrentadas por ela as torturas físicas e psicológicas desferidas pelos agentes do governo, como decorreu o processo que a condenou a seis anos de prisão, dos quais cumpriu três anos e meio em regime fechado e mais um ano em semi-aberto, assim como, suas experiências enquanto prisioneira política. O período escolhido (1965-1975) remete-se ao ano em que Áurea entrou para a luta armada, tendo sido presa em 1969 e torturada, levada à Organização Bandeirantes (Oban) e o período em que foi julgada e cumpriu sua pena. Entretanto, a fim de compreender melhor a formação da personagem, nos preocupamos também em pesquisar suas experiências antes e depois do período analisado, para emprendermos uma análise mais completa da personagem Áurea Moretti.

**Palavras-chave:** Áurea Moretti; ditadura militar, repressão, mulher, FALN.

RUSSO, Pedro Fernandes. **Áurea Moretti: A mulher, a resistência e a tortura:** Um estudo sobre a participação feminina contra a ditadura militar brasileira (1965-1975). 2015. 154 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Franca, São Paulo, 2015.

### **ABSTRACT**

This research aims at understanding the role and the daily life of women during the resistance to the Brazilian military government (1964-1985). Therefore, it will be analyzed the life path of the former political prisoner and left-wing partisan Áurea Moretti Pires, who was one of the leaders of *Forças Armadas de Libertação Nacional* (FALN), a guerrilla group based in the Ribeirão Preto region – São Paulo state's interior – which was dismantled in 1969. With Vanderley Caixe, Mario Bugliani, Mario Lorenzato, and others, Áurea organized political demonstrations and the newspaper “O Berro” against the military government. As studies about the women's daily life in guerrilla are not well known, this research aims at analyzing, from Áurea's testimonies, how was her clandestine life; the difficulties during training and daily life among the guerrilla fighters; the physical and psychological tortures perpetrated by State operatives; the court case that sentenced her to prison for six years; as well as her experiences as political prisoner. This analysis covers the period from 1965 – when Áurea joined guerrilla – to 1975 – when she was released. However, in order to place the formation of Áurea's thought, her experiences before 1965 and after 1975 are also considered.

**Key Words:** Áurea Moretti; militar dictatorship; repression; woman; FALN.

## LISTA DE SIGLAS

AI-1 - Ato Institucional nº 1

AI-2 - Ato Institucional nº 2

AI-3 - Ato Institucional nº 3

AI-5 - Ato Institucional nº 5

ALN - Ação Libertadora Nacional

AP - Ação Popular

ARENA - Aliança Renovadora Nacional

CIA - Central Intelligence Agency

CIE - Centro de Informações do Exército

DEE - Diretório Estadual de Estudantes

DEOPS - Departamento de Ordem Política e Social

DOI-CODI - Destacamentos de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna

DOPS - Delegacia de Ordem Política e Social

DPF - Departamento de Polícia Federal

EUA - Estados Unidos da América

FALN - Forças Armadas de Libertação Nacional

JUC - Juventude Universitária Católica

MDB - Movimento Democrático Brasileiro

MEC - Ministério da Cultura

MEJ - Movimento Ecumênico de Jovens

MR-8 - Movimento Revolucionário 8 de Outubro

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

Oban - Operação Bandeirantes

OLAS - Organização Latino-Americana de Solidariedade

PCB - Partido Comunista Brasileiro

PCdoB - Partido Comunista do Brasil

POLOP - Organização Marxista Leninista Política Operária

PSD - Partido Social Democrático

PT - Partido dos Trabalhadores

PTB - Partido Trabalhista Brasileiro

UDN - União Democrática Nacional

UEE - União Estadual dos Estudantes

UNAERP - Universidade de Ribeirão Preto

UNAM - Universidade Autônoma do México

UNE - União Nacional dos Estudantes

USAID - United States Agency for International Development

VAR-PALMARES - Vanguarda Armada Revolucionária-Palmares

VPR - Vanguarda Popular Revolucionária

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 1 - O NASCIMENTO DA "GUERRILHEIRA" .....</b>	<b>29</b>
1.1. Movimento Estudantil e escalada repressiva do Governo Militar.....	35
1.2. Áurea antes da luta política .....	45
1.3. Uma Mulher no Partidão .....	53
<b>CAPÍTULO 2 - A FORMAÇÃO DA "GUERRILHEIRA" .....</b>	<b>60</b>
2.1. Florescer de uma organização .....	61
2.2. Mulheres Revolucionárias .....	68
2.3. Áurea Revolucionária e as Ações da FALN.....	74
2.4. A queda.....	88
<b>CAPÍTULO 3 - ÁUREA MORETTI: SOBREVIVENDO AO COTIDIANO DA REPRESSÃO .....</b>	<b>101</b>
3.1. Uma testemunha inocente.....	102
3.2. "Prendaram a Áurea!" .....	106
3.3. A tortura.....	114
3.4 Uma prisioneira incomum e o fim das torturas físicas .....	124
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>139</b>
<b>FONTES .....</b>	<b>143</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>145</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>152</b>

## INTRODUÇÃO

*Mas quero registrar que ali naquele lugar  
aprendi que  
a vida não é só feita de sonhos.  
Ela é feita de realidades.  
Realidades duras como aço.  
E, no manejo deste aço,  
tentei tomar cuidado  
para não ser contaminada por sua  
insensibilidade.<sup>1</sup>*

*(Maria Aparecida dos Santos)*

Acordar e não abrir os olhos. O desejo de regredir cinco minutos ao sonho e não à realidade para esquecer a manhã fria, o colchão fino e duro que até parece indispensável, o cheiro úmido entre as paredes dessa prisão. Nessa edificação, que remonta ao século XIX, construída como casa de correção e onde também eram depositados escravos<sup>2</sup> para serem comercializados, local utilizado como presídio político no Estado Novo, o odor da degradação humana parecia estar incrustado em cada parede, nas ranhuras do chão e nas celas.

Áurea, quando teve a coragem de abrir os olhos, mirou para o teto, sabia onde estava, e ainda o porquê de ali estar. Essa manhã fria de 08 de junho de 1972 parecia mais gélida dentro do antigo Presídio "Tiradentes" na cidade de São Paulo. Desde 1970, essa era sua morada, seu lar. Talvez a vida aprisionada fosse muito mais difícil, sem a

---

<sup>1</sup> SANTOS, Maria Aparecida dos. O ofício da Tolerância. In: FREIRE, Alípio; ALMADA, Izaías; PONCE, J. A. de Granville. **Tiradentes, um presídio da ditadura**: Memórias de presos políticos. São Paulo: Scipione, 1997. p. 279.

<sup>2</sup> Para mais informações sobre a história do Presídio "Tiradentes" - CAMARGOS, Marcia M. de R.; SACCHETA, Vladimir. A história do presídio Tiradentes: um mergulho na iniquidade. In: FREIRE, Alípio; ALMADA, Izaías; PONCE, J. A. de Granville. **Tiradentes, um presídio da ditadura**: Memórias de presos políticos. São Paulo: Scipione, 1997.p. 494. In: Tiradentes, um presídio da ditadura.

companhia de pessoas de luta, todos presos políticos, separados dos demais. Na prisão: Áurea, Marlene, Dulce, Dilma, Madre Maurina, dentre outras tornaram-se cúmplices, confidentes, amigas, irmãs.

O Presídio possuía uma estrutura muito antiga e era dividido em três Pavilhões, dois para os presos políticos e um para os presos comuns e correccionais (chamados de corrós<sup>3</sup>), além de uma ala feminina. As presas políticas, à espera de julgamento ou já julgadas, eram alojadas numa construção em formato de torre, que possuía uma estrutura circular e estava localizada dentro da ala feminina do presídio. Rita Sipahi lembra-se que:

O local que habitávamos no presídio Tiradentes era uma velha torre circular, de paredes maciças, rodeada de guaritas, isolada do resto do presídio pelo pátio feminino e tendo como única entrada uma porta de ferro. Dentro, o acesso às celas se dava por uma escada dupla, majestosa, em forma de ferradura. Sua amurada na parte superior, como um mezanino, permitia a visão do que acontecia na parte de baixo. A porta de entrada e saída rangia sempre, e seu cadeado tinha uma batida inconfundível.<sup>4</sup>

Visto que a torre isolava as presas políticas do resto do presídio, os presos e presas remeteram esse isolamento aos contos de fadas em que uma donzela ficava enclausurada contra sua vontade em uma alta e arcaica torre, desse modo, deram à construção dentro do presídio a alcunha de "Torre das Donzelas". A palavra donzela rememorava as fábulas encantadas em que um príncipe salva sua frágil e desprotegida princesa, das garras de uma bruxa e/ou um dragão. A jovem donzela aguardava o resgate de seu amado e após o tão esperado beijo e, então, viviam felizes para sempre.

A despeito do nome, na "Torre das Donzelas" não se encontravam moças frágeis à espera de algum príncipe encantado para resgatá-las. As presas políticas do Presídio "Tiradentes" fizeram parte de um contexto político, em que se rebelaram contra a ditadura militar (1964-1985) e por isso estavam presas. Áurea, em particular, foi militante da organização Forças Armadas de Libertação Nacional (FALN), agrupamento revolucionário contrário à ditadura instaurada por militares, no Brasil, em 1º de abril de 1964, dia da mentira.

---

<sup>3</sup> Como eram chamados os presos comuns correccionais. Eram presos sem processos, que geralmente passavam poucos dias na prisão, mas que segundo muitos ex-presos políticos, sempre voltavam a ser presos. FREIRE, Alípio; ALMADA, Izaías; PONCE, J. A. de Granville. **Tiradentes, um presídio da ditadura**: Memórias de presos políticos. São Paulo: Scipione, 1997.

<sup>4</sup> SIPAHI, Rita. Em nome da rosa. In: FREIRE, Alípio; ALMADA, Izaías; PONCE, J. A. de Granville. **Tiradentes, um presídio da ditadura**: Memórias de presos políticos. São Paulo: Scipione, 1997. p. 183.

Seus olhos ainda estavam focados no teto quando chegou uma "teresa". "Teresa" era o nome dado a uma forma bastante rudimentar, e ao mesmo tempo eficaz, de comunicação entre os presos e presas políticos. Consistia em um barbante com uma mensagem amarrada na ponta, os presos políticos jogavam esse barbante para os comuns, que por sua vez passavam a mensagem da mesma maneira às presas comuns que encaminhavam a "teresa" as outras presas na torre.<sup>5</sup> Dessa forma, as militantes tiveram a notícia de que seis companheiros estavam sendo transferidos, sem razões conhecidas do presídio "Tiradentes". "*Mas quem eles estão transferindo? Por quê?*". As informações eram parcas, parecia que a tortura nunca acabaria. Áurea lembrava-se de que, em maio do mesmo ano, 26 pessoas já tinham sido transferidos para a Penitenciária do Estado. Percebiam a intenção dos militares de separar os presos políticos do estado de São Paulo que, até aquele ano, amontoavam-se todos no Presídio "Tiradentes".

Desde que o acampamento da FALN foi descoberto, em outubro de 1969, na estrada que liga o pequeno município de Sertãozinho a Ribeirão Preto, no interior de São Paulo, a vida de Áurea resumiu-se a sobreviver e angustiar-se. Eram vivas, em suas memórias, as torturas que sofrera na mão de policiais e militares em Ribeirão Preto e São Paulo, os choques elétricos, o pau-de-arara, as violações ao corpo e à dignidade. O medo de que essa operação não fosse apenas uma transferência de presos de um presídio para o outro habitava os pensamentos de Áurea, "*será que vão matá-los?*".

Enquanto pensava, chegava à informação de que tinham levado Maurice Politi, Manuel Porfírio, os freis dominicanos - Betto, Fernando e Yves -... "*Mas são cinco companheiros, quem é o sexto? Disseram que eram seis!*", a pessoa que leu o bilhete suspirou, olhou para Áurea e disse: "*O sexto é Vanderley Caixe!*". Mario Bugliani deveria ser transferido também. Conhecido como "capitão do mato" na FALN, Bugliani, com idade já avançada, estava em condições físicas debilitadas para aguentar uma transferência devido à última greve de fome empreendida por ele e outros presos

---

<sup>5</sup> Aliás, eram variadas as formas de comunicação entre os presos: "O domínio da sinalização, da 'teresa', do alfabeto dos surdos-mudos, da técnica do telégrafo - através dos seus diferentes toques - foram indispensáveis para nossa sobrevivência de humanos. E ainda a retomada da comunicação primitiva do reflexo do espelho na contraluz do sol, sinalizando a aproximação de guardas e outros agentes carcerários, para impedir que as mensagens que estavam sendo trocadas entre um pavilhão e outro pudessem ser interceptadas pelos indesejáveis." LOBO, Elza F. Os sinais, os gestos e os ritos. In: FREIRE, Alípio; ALMADA, Izaías; PONCE, J. A. de Granville. **Tiradentes, um presídio da ditadura**: Memórias de presos políticos. São Paulo: Scipione, 1997. p. 219.



políticos. Os protestos de Politi, Caixe e dos outros salvaram Bugliani da longa e incerta viagem.<sup>6</sup>

O dia todo foi de apreensão, o doutor Nelson Guimarães, juiz-auditor responsável pelos presos políticos e também pela transferência desses seis não deu explicações, como de costume. A tortura psicológica foi um método eficaz dos agentes da repressão contra os presos políticos. Logo, a indignação e a sensação de impotência acompanharam Áurea durante todo o dia, até a hora de dormir. Ao recolher-se custou a pegar no sono, a revolta fazia seu coração pulsar mais rápido e a ansiedade aumentava. Além disso, sentia-se insegura, pois ela ou qualquer de suas companheiras poderiam também estar sujeitas a esse tipo de transferência. Começou a revirar seu "mocó" - o "mocó" era uma espécie de "guarda-tudo, improvisado com caixotes de laranja ou tomate pregados na parede"<sup>7</sup> ao lado da cama - estava inquieta, nem sabia o que procurava, foi então que achou uma foto de seus pais. Preocupou-se um pouco mais. O que seria de seus pais? Já sofreram tanto com o ocorrido e agora, apesar dos pesares, sua filha estava supostamente a salvo, *sub judice*, mas, mesmo assim, a qualquer momento poderia sumir novamente. Áurea sentia-se culpada, não queria que os pais sofressem pelos seus atos, porém ao mesmo tempo não se sentia arrependida, acreditava na sua luta e que a história a absolveria, visto que em sua cabeça lutava pela igualdade e pela liberdade do povo brasileiro. Ao pensar nos pais, começou a acalmar-se, lembrou-se com carinho das broncas do pai, Joaquim Moretti, quando ela começou a ir a manifestações e se envolver em política e lembrava-se da mãe, Virgínia Moretti, sempre presente e carinhosa, intermediadora dos filhos com o pai, mantenedora do equilíbrio familiar.

Seu coração acalmou-se aos poucos, sua pulsação baixou, a respiração tornou-se mais vagarosa e profunda. O sono, antes uma utopia distante, transformou-se em realidade e, exausta, entregou-se. Dormir era mesmo uma vitória para Áurea, aparte estar presa, as luzes do Presídio eram todas acesas às 18h e assim permaneciam até o raiar do dia seguinte.

Em meio a tanta angústia, raiva e luzes que incomodavam, contraditoriamente a calma do sono pareceu reinar, sua mente não estava mais no presídio, naquele odor de mofo, nem mesmo enjaulada. A sensação do vento no rosto, o cheiro da terra úmida,

---

<sup>6</sup> POLITI, Maurice. **Resistência atrás das grades**. São Paulo: Plena Editorial, 2009. p. 37.

<sup>7</sup> COSTA, Robêni B. da. A cozinha enquanto peça de resistência. In: FREIRE, Alípio; ALMADA, Izaías; PONCE, J. A. de Granville. **Tiradentes, um presídio da ditadura**: Memórias de presos políticos. São Paulo: Scipione, 1997. p. 315.

com a coloração avermelhada, típica do solo do interior de São Paulo, levaram-na para longe daquela realidade, para um tempo que não voltaria nunca mais.

Na Fazenda Perobas, no município de São Joaquim da Barra, Áurea passou boa parte de sua infância, nas décadas de 1940 e 50. Nascida em 12 de dezembro de 1944, veio ao mundo nas mãos de uma parteira. Áurea é a terceira de seis irmãos: "[...] assim, a Eli, o João, que é meu irmão, depois sou eu, a Roseli, o Joaquim e a Regina"<sup>8</sup> e tem suas raízes no meio rural, no contato com os trabalhadores e trabalhadoras da fazenda e também com um núcleo familiar muito unido e católico. Sua família, portanto, era largamente influenciada pelos ritos e festas cristãs. Quando criança, Áurea mal conseguia segurar a ansiedade para as festividades religiosas organizadas por sua mãe, dona "Gina". Na festa junina, por exemplo, sempre marcavam presença: a fogueira, as comidas típicas, as barraquinhas e claro a reza para os santos de junho, principalmente São João, mas também São Pedro e Santo Antônio. Dona "Gina" também organizava, minuciosamente, o famoso presépio de Natal, o qual atraía pessoas de toda a região. Com a ajuda do marido e dos filhos o presépio era montado até confluir ao seu momento mais especial: "[...] por o menino Jesus deitado na manjedoura, com Nossa Senhora, sabe?"<sup>9</sup>. A alegria do natal durava até a Folia de Reis nos primeiros dias de janeiro, em que os foliões tocavam instrumentos e cantavam por horas em frente a sua casa, e depois seguiam o caminho passando de lar em lar celebrando a vida do Cristo.

Áurea relata que nessas festas aparecia "todo mundo", o trabalhador da terra, junto com os donos do armazém, além do padrinho Arnaldo, dono da farmácia em frente, os trabalhadores da fazenda que também moravam ali. Segundo ela: "E todo mundo tinha o direito a ir."<sup>10</sup> Cabe aqui lembrar que Áurea constrói hoje sua memória em período muito posterior ao narrado acima. Dessa maneira, as expressões em seu relato devem ser encaradas historicamente, por exemplo, a Áurea criança, provavelmente, não tinha em mente a diferença entre trabalhador rural, dono de fazenda, de farmácia, etc. Como o microcosmo em que ela vivia na infância era bastante restrito, no que concerne ao número de pessoas, e visto que uma criança não teria como principal preocupação as classes sociais dos envolvidos em festas religiosas, é plausível

---

<sup>8</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Márcia Pereira da Silva.** (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 10 de maio de 2014.

<sup>9</sup> Id. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo.** (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 17 de maio de 2014.

<sup>10</sup> Ibid.

que este relato seja a construção que Áurea faz hoje de seu passado, influenciada largamente e, obviamente, por sua história de vida, seus valores atuais, etc. De tal forma para Maurice Halbwachs:

[...] a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada.<sup>11</sup>

Em suma, a partir do exposto acima podemos analisar que talvez para a Áurea de hoje seja muito mais importante lembrar que vivia em um meio democrático em sua infância, que mantinha contato direto com trabalhadores rurais, independente se o meio em que vivia era realmente democrático. Assim sendo, compreendemos que essa "convivência" com os trabalhadores rurais sempre foi motivo de orgulho para Áurea, principalmente porque para ela hoje isso teria moldado sua identidade.

O pai de Áurea, Joaquim Moretti era também uma figura que recorrentemente aparecia em seus sonhos. Ele gerenciava, em sociedade com o avô e dois tios de Áurea, o armazém da fazenda que abastecia os moradores locais. Vendiam-se desde roupas e móveis a alimentos e produtos de limpeza, mas para Áurea e seus irmãos, o melhor de tudo era o sorvete. O mais importante e delicioso alimento que atraía não apenas crianças, como também pessoas de toda a fazenda. A delícia infantil de lambuzar-se ao gosto de açúcar misturado com o sabor de alguma fruta ou doce. Sentia o sabor de infância novamente.

Anexada ao armazém estava a casa em que Áurea e sua família moravam, que "[...] era aquelas casa<sup>12</sup> de fazenda grandona [...]"<sup>13</sup>, construída pelo proprietário da fazenda para ele e seus familiares e que foi posteriormente vendida a seu avô. A energia elétrica que alimentava a casa e o armazém era gerada no "açudão", barragem erigida para gerar energia com a queda d'água, entretanto muito mais uma grande piscina, onde a competição, o riso, a diversão e a amizade eram os bens mais preciosos.

Áurea sonhava, parecia que era possível sentir a liberdade de correr "solta *no mato*", a proximidade com a natureza e com os irmãos e amigos, ajudando a mãe a

---

<sup>11</sup> HALLBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990, p. 71.

<sup>12</sup> A fim de conservarmos na íntegra o relato de Áurea, optamos pela não utilização do termo "sic".

<sup>13</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Márcia Pereira da Silva**. (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 10 de maio de 2014.

alimentar as galinhas e os pintinhos da granja localizada nos fundos da casa, tudo parecia uma coisa só, interligados pela saudade e amor. A casa, para Áurea parecia uma imensa mansão, ou ela que era muito pequena para aquela imensidão de liberdade que misturava casa, armazém, fazenda, bosque, açude? A relevância hoje reside mais nas memórias, na nostalgia, no que ela faz questão de lembrar. Ser proibida de jogar futebol com seus irmãos homens, o que a desagradava muito, virou riso quando se lembrou de anos depois, "*coisa de criança*". "[...] mas eu gostava. Entrava no meio (risos). Aí eu tava atrapalhando eles me punham pra fora (risos)".<sup>14</sup> E que menino iria querer brincar de boneca? Casinha? Áurea era uma criança inquieta e não se contentava com apenas uma brincadeira.

Os pais nunca controlavam muito do que as crianças poderiam brincar ou não. O pai, provedor financeiro do lar, estava sempre trabalhando. Passava dias, semanas, às vezes meses viajando para o Paraná a fim de comprar artigos, os quais seriam revendidos no armazém posteriormente. A fazenda não ficava próxima da cidade, pelo menos não para ir a pé ou fazer compras, por isso o armazém era tão importante, lá se vendiam produtos de limpeza, roupas, calçados, artigos para festas, alimentos, sorvetes, doces e em frente estava localizada a farmácia do padrinho Arnaldo. Ou seja, tudo estava ali, nesse microcosmo que, para as crianças, era um universo gigantesco, como se nada existisse além daquilo e, para Áurea, não precisava existir mais nada.

De todo modo, por mais que Áurea desejasse retornar no tempo, bastava acordar para lembrar-se de sua realidade como prisioneira política. Áurea cumpriu três anos e meio de prisão, reclusa em presídios do estado de São Paulo, tendo sido o presídio "Tiradentes" o que mais tempo a alojou. Conhecemos Áurea em dezembro de 2011, através de uma entrevista concedida por ela ao projeto "Memórias da Resistência". Através desse projeto tivemos os primeiros contatos com a história de Áurea Moretti e da organização que fizera parte, a FALN. O projeto, financiado pelo Ministério da Cultura através do edital de Ponto de Mídias Livres, trabalhou com documentos do Delegacia Estadual de Ordem Política e Social (DEOPS) encontrados numa casa de fazenda abandonada em meio a um canavial, no município de Jaborandi-SP e alguns fatos interessantes chamaram a nossa atenção para o projeto.

---

<sup>14</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo.** (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 17 de maio de 2014.

Os documentos foram descobertos por três recolhedores de cana-de-açúcar que trabalhavam próximos da casa onde os documentos estavam abandonados. Dentre os descobridores estava Cleiton Oliveira que utilizava seu salário de recolhedor de cana para pagar a Faculdade de História que cursava na época. Foi Cleiton o responsável por levar os documentos à Faculdade e a seu professor Tito Bellini (idealizador do projeto), que os digitalizou e encaminhou os originais ao Arquivo Público do Estado de São Paulo. Descobrimos posteriormente que a casa pertenceu ao ex-delegado da polícia civil e ex-diretor do DOPS Tácito Pinheiro Machado que, segundo seu filho, levou os referidos documentos para sua casa e depois à fazenda.<sup>15</sup> Além disso, dentre os 1200 documentos estavam aproximadamente 100 fichas consideradas pelos profissionais do Arquivo Público do Estado de São Paulo como "inéditas". Isso por que no Arquivo há dezenas de dossiês com centenas de milhares de fichas, todas da Delegacia de Ordem Social, já as encontradas em Jaborandi são da Delegacia de Ordem Política.<sup>16</sup>

Os desdobramentos do projeto possibilitaram-nos a manutenção de uma rede de contatos com diversos grupos e pessoas ocupadas em resgatar as memórias dos resistentes à ditadura. Dentre eles, grupos como o coletivo político "Quem?" de São Paulo e "Aparecidos Políticos" de Fortaleza que organizam palestras e atos públicos a fim de chamar a atenção da população ao período e o Cordão da Mentira que organiza uma marcha carnavalesca que sai todo dia 1º de abril a fim de "descomemorar" o Golpe e também denunciar as violações aos direitos humanos na ditadura, assim como na democracia. Da mesma forma nos aproximamos de instituições como o "Núcleo de Preservação da Memória Política" (principalmente nas figuras de Maurice Politi, Ivan Seixas e Alípio Freire), Comissões da Verdade (Nacional e Estadual Paulista), Memórias Reveladas (Arquivo Nacional-RJ), Memorial da Resistência, dentre outros.

Soma-se a isso o contexto político brasileiro atual. A promulgação da Lei de Acesso à informação e a criação da Comissão Nacional da Verdade, em novembro de 2011, promoveram e estimularam os estudos acerca da ditadura. Além de facilitarem o

---

<sup>15</sup> CARDOSO, Rodrigo. Documentos Secretos da Ditadura. **Revista ISTOÉ**, São Paulo, v. 1, n. 2248, p. 46-50, dez. 2012.

<sup>16</sup> RIBEIRO, Veridiana. Documento do DOPS são achados em Jaborandi. **Folha de São Paulo**, Ribeirão Preto, 20 out. 2009. Folha Ribeirão. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri2310200905.htm>>. Acesso em: 01 jul. 2014.

acesso aos documentos sigilosos, essas leis impulsionaram o levantamento e a pesquisa sobre pessoas e organizações de esquerda.<sup>17</sup>

Algumas das fichas encontradas por Cleiton e seus colegas, eram sobre pessoas envolvidas no Inquérito Policial Militar (IPM) 114/69, referente ao Processo 198/69. Esse processo é alusivo à FALN e ao crime contra a Lei de Segurança Nacional. Dentre acusados, suspeitos, testemunhas e condenados consta o nome de Áurea Moretti Pires. Apesar da ficha de Áurea não constar nas encontradas em Jaborandi, logo percebemos que seria impossível falar de resistência à ditadura em Ribeirão Preto e da FALN sem citarmos Áurea Moretti, Vanderley Caixe, Djalma Quirino de Carvalho, Mario Bugliani, dentre outros. E foi assim que conhecemos Áurea pessoalmente, uma senhora de estatura baixa, macérrima e de cabelos brancos.

À medida que o projeto desenrolou-se tomamos contato com diversas memórias sobre o período, mas a entrevista e o contato periódico com Áurea fizeram com que aumentassem as curiosidades sobre as experiências vivenciadas por ela no período da ditadura. Nesse ínterim, organizamos junto ao Coletivo Político "Áurea Moretti", em junho de 2012, uma palestra na UNESP-Franca com dois ex-presos políticos que falaram de suas experiências nos anos de luta, tortura e prisão. Os convidados foram a própria Áurea Moretti e Maurice Politi, cujo diário sobre a greve de fome é fonte indispensável nessa dissertação. Depois de um dia, manhã e tarde, de intensos debates e trocas em que participaram mais de 100 estudantes, chegou o momento de levar os dois militantes para a rodoviária a fim de apanharem os ônibus para suas cidades. Áurea para Ribeirão Preto e Politi para São Paulo.

Enquanto esperávamos a partida de ambos que, por coincidência, seria em ônibus diferentes, mas no mesmo horário, conversamos um pouco, eu, Áurea, Politi e Alex, um amigo que nos acompanhava. Em um dado momento, Politi começou a falar de seu livro/diário e da importância que são os registros das pessoas que sobreviveram aos horrores do terrorismo de Estado. A partir desse apontamento, Politi disse à Áurea que ela deveria também registrar suas memórias ou fazer uma autobiografia. Eis que nesse instante, surgiu a ideia de se fazer uma biografia das memórias, vivências e lembranças de Áurea Moretti. Sob a orientação da professora doutora Márcia Pereira da Silva foi possível que a ideia se transformasse em realidade. Após ingressar no

---

<sup>17</sup> Lei de Acesso à Informação. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/lei/112527.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112527.htm)>; Lei de criação da Comissão Nacional da Verdade. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2011/Lei/L12528.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12528.htm)>. Acesso em: 25 jul. 2015.

Programa de Pós-graduação em História da Unesp-Franca, iniciamos o trabalho e, assim, levantamos os principais questionamentos historiográficos necessários para que os primeiros passos se desenrolassem em uma caminhada. Além disso, a concessão da bolsa de mestrado através da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) foi fator determinante para o melhor desenvolvimento da pesquisa.

É fato que há um aumento significativo dos estudos sobre a ditadura militar (1964-1985), principalmente após a ampliação dos programas de pós-graduação em finais dos anos 1990. Todavia, também é verdade que os estudos sobre o cotidiano feminino foram pouco divulgados. O que saltou aos olhos em nossa percepção é que as pesquisas repetiam os mesmos moldes ao não se predisporem a analisar as questões de gênero envolvidas. Ao passo que, até o momento, a mulher foi pouco estudada, com foco no cotidiano da resistência e sobrevivência à tortura, nesse contexto de luta armada contra a ditadura militar brasileira.

Devido à falta de estudos focados no cotidiano feminino, nos perguntamos: Como foi a participação feminina nos movimentos armados de resistência à ditadura? Ou, como compreender a condição que a mulher encontrava-se em um ambiente majoritariamente masculino, que era o das organizações de extrema esquerda? Como as mulheres sobreviveram à tortura e quanto o fato de Áurea ser mulher influenciava nas atitudes dos torturadores? Quem eram essas mulheres que decidiram pegar em armas para lutar contra o Estado ditatorial?

Mais precisamente, é fundamental analisar o cotidiano da resistência clandestina à ditadura e, além disso, a condição da qual a mulher, nesse caso Áurea, estava exposta, posto que as próprias organizações de esquerda que contestavam o regime estavam mais preocupadas com o que chamavam de "questões gerais" da luta de classes do que com os direitos de mulheres, negros, homossexuais, etc. A lógica era de que primeiro era necessário eliminar a exploração de classes, perpetrada pelo sistema capitalista e só posteriormente seriam possíveis essas mudanças culturais.<sup>18</sup>

Para Agnes Heller, "a vida cotidiana é a vida do homem inteiro", ou seja, ao olharmos para o cotidiano percebemos o desenvolvimento das pequenas ações humanas. As ações do indivíduo partem da necessidade de satisfazer o "Eu", particular, e ao

---

<sup>18</sup> WOLFF, Cristina S. Amazonas, soldadas, sertanejas, guerrilheiras. In: BASSANEZI, Carla & PEDRO, Maria J. (orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 440.

mesmo tempo suas atividades podem atingir o gênero humano, como a práxis do embate político, por exemplo. Dessa forma, para Heller:

O indivíduo (a individualidade) contém tanto a particularidade quanto o humano-genérico que funciona consciente e inconscientemente no homem. Mas o indivíduo é um ser singular que se encontra em relação com sua própria genericidade humana; e, nele, tornam-se conscientes ambos os elementos. É comum a toda individualidade a escolha relativamente livre (autônoma) dos elementos genéricos e particulares; mas, nessa formulação, deve-se sublinhar igualmente os termos "relativamente".<sup>19</sup>

Analisamos que o estudo da vida cotidiana possibilita observar as particularidades do indivíduo estudado e a sua relação com o humano-genérico. Estudar o cotidiano permite que, ao voltarmos nossos olhos para as atividades diárias, constataremos tanto as práticas criativas e resistentes/revolucionárias de um indivíduo, em nosso caso Áurea Moretti e as pessoas com quem convivia, como as alienantes. Propicia, em suma, resgatar as "múltiplas facetas" da personagem estudada e suprir uma importante questão da biografia, que é fazer a ligação da personagem em sua vida particular e o contexto temporal que ela está inserida.<sup>20</sup> Schmidt diz que:

[...] a perspectiva da vida cotidiana permite ao historiador recuperar a tensão entre o biografado e seu contexto o que [...] é um dos grandes desafios deste gênero. Afinal, esta não deve ser examinada de forma autônoma, desprovida de historicidade, descolada das demais relações sociais. Os elementos, ritmos, temporalidades e espaços que constituem e onde se desenvolve a cotidianidade só se tornam plenamente compreensíveis quando inseridos em redes mais amplas de práticas e representações.<sup>21</sup>

Existe também na vida cotidiana uma heterogeneidade de conteúdos que a englobam como, por exemplo, relações familiares, amorosas, de amizade e também, como no caso de Áurea, a relação com os/as militantes políticos seja no PCB ou na FALN, ou até mesmo dentro do Presídio "Tiradentes". Ao aprofundarmos nas lembranças acionadas através da memória de Áurea pretendemos ponderar como ela vislumbra a dinâmica de sua vida e suas relações cotidianas e, em vista disso,

<sup>19</sup> HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. p. 37.

<sup>20</sup> SCHMIDT, Benito B. "O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação". Anos 90: revista do Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre. N. 6 (dez. 1996), p. 187-189. Disponível em: <<https://www.repositorioceame.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31755/000097057.pdf?sequenc e=1>>. p. 187-189. Acesso em: 10 jun. 2014.

<sup>21</sup> Ibid. p. 188.



conseguimos construir, além da personagem, o quadro em que se situavam essas relações e como elas se desdobravam e influenciavam a personagem em cada etapa de sua vida.

Ademais, os problemas que os historiadores que se propõem a escrever uma biografia geralmente enfrentam no desenvolvimento de sua pesquisa, como a dificuldade para encontrar materiais e fontes sobre a personagem estudada, foram sanados rapidamente.

Áurea, hoje com 70 anos de idade, reside em Ribeirão Preto, cidade de fácil acesso a Franca (100 quilômetros), local em que a pesquisa foi desenvolvida. Além disso, possuímos algumas entrevistas, tanto dela quanto de outros militantes da FALN feitas pelo projeto "Memórias da Resistência", o que enriquece o levantamento de suas lembranças a partir da confrontação de diversos relatos. Não obstante, Áurea foi solícita e concedeu diversas entrevistas, a fim de enriquecer as fontes para a pesquisa. O *corpus documental* do trabalho também é de fácil acesso, já que utilizamos o Processo Judicial 198/69 que condenou os participantes da FALN (dentre eles Áurea). O Processo pode ser encontrado no Arquivo Histórico Municipal de Franca "Capitão Hipólito Antônio Pinheiro", sendo livre a pesquisadores o seu acesso.

Além das fontes citadas acima, as lembranças ativadas pela memória de Áurea e de pessoas que conviveram com ela, direta ou indiretamente, intensa ou parcamente, serão essenciais nessa biografia. Essas lembranças auxiliam-nos também a compreendermos o imaginário construído acerca da FALN, assim como do contexto em que a organização atuou. Ou seja, entrecruzar as lembranças de Áurea com as de pessoas que conviveram com ela ajudaram determinantemente na melhor compreensão desse imaginário. Segundo Halbwachs:

[...] se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apóiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que aí eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam o mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos

sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social.<sup>22</sup>

Desse modo, essa pesquisa é também um trabalho de memória. Para Michel Pollak:

Se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta.<sup>23</sup>

A historiadora argentina Elizabeth Jelín aprofunda a importância de se historicizar as memórias das ditaduras no Cone Sul. Para ela a "memória trabalha", ou seja, os pesquisadores que se atentam em registrar as lembranças ativadas pelas memórias de pessoas que viveram períodos específicos são largamente influenciados pelo contexto em que são registradas essas lembranças, ao mesmo tempo que podem influenciar esse contexto. Para ela:

En efecto, hay situaciones en que el investigador/historiador puede tornarse agente público, y sus posturas pueden tener consecuencias políticas que van más allá de los saberes disciplinarios y los debates académicos. Son los momentos en que frente a controversias ideológico-políticas, "los historiadores" intervienen en la esfera pública ciudadana.<sup>24</sup>

Isto porque muitas pessoas que viveram determinados períodos e estavam diretamente ligadas ao embate político ainda estão vivas - principalmente se nos ativermos ao caso das ditaduras no Cone Sul entre as décadas de 1960, 70 e 80 -. Ou seja, são fontes históricas vivas falando de um determinado lugar e influenciadas pelo desenrolar do período pós-ditaduras. Dessa forma, existe em torno dessas lembranças uma ingerência muito grande do contexto em que são relatadas e isso influencia

---

<sup>22</sup> HALLBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990. p. 51.

<sup>23</sup> POLLAK, Michel. **Memória e Identidade Social**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 1982. p. 207.

<sup>24</sup> JELIN, Elizabeth. **Los Trabajos de la Memoria**. Madrid: Siglo Veintiuno, 2002. p. 66-67. (Tradução livre). "Com efeito, há situações em que o investigador/historiador pode tornar-se agente público, e suas posturas podem ter consequências políticas que vão além dos saberes disciplinares e os debates acadêmicos. São os momentos em que frente à controvérsias ideológico-políticas, 'os historiadores' intervêm na esfera pública cidadã."

sobremaneira o que se recorda e o que é esquecido nos depoimentos das personagens que viveram os períodos ditatoriais.

Assim, não se pode perder de vista, nesse trabalho, que Áurea ativa sua memória em um contexto específico e isso influencia o que ela lembra ou esquece. Áurea hoje com setenta anos de idade, recém-aposentada, reside em Ribeirão Preto. Apesar de não ter seguido a carreira política, como aconteceu com alguns ex-militantes da esquerda armada, manteve-se atualizada aos embates políticos recentes e à redemocratização do país, com especial preocupação aos estudos que concerniam os anos de chumbo. Desse modo, através de sua profissão como enfermeira manteve-se ligada aos movimentos sociais e grupos de esquerda, tendo trabalhado junto ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e sido filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT). Tudo isso reflete na fala de Áurea. Em resumo, quando utilizamos as lembranças de Áurea para falar de sua infância, da luta política, da tortura é preciso estar atento que não é a Áurea criança, ou a revolucionária da década de 1960 que está falando e sim a Áurea de hoje influenciada por um contexto em que os valores não são os mesmos que os de outrora. Segundo Jelín:

La dinámica histórica de la memoria, entonces, requiere ser problematizada y estudiada. La ubicación social de los diversos actores y sus sensibilidades, la conformación del escenario político en el que están insertos, y las luchas de sentido en las que está embarcados, son algunos de los elementos que ayudan a explicar estos cambios de sentido.<sup>25</sup>

Trata-se, portanto de compreender que:

La construcción de memorias sobre el pasado se convierte entonces en un objeto de estudio de la propia historia, el estudio histórico de las memorias, que llama entonces a "historicizar la memoria."<sup>26</sup>

Assim, admitindo que as lembranças na verdade fazem parte também de uma construção histórica, é preciso registrá-las e analisá-las com a finalidade de que consigamos "historicizar a memória". Esse é, também, um dos intuitos desse trabalho.

---

<sup>25</sup> JELIN, Elizabeth. **Los Trabajos de la Memoria**. Madrid: Siglo Veintiuno, 2002 . p. 70. (Tradução livre) "A dinâmica histórica da memória, então, requer ser problematizada e estudada. A localização social dos diversos atores e suas sensibilidades, a conformação do cenário político em que estão inseridos, e as lutas de sentido em que estão embarcados, são alguns dos elementos que ajudam a explicar estas trocas de sentido."

<sup>26</sup> Ibid., p. 69.(Tradução livre) "A construção de memórias sobre o passado se converte então em um objeto de estudo da própria história, o estudo histórico das memórias, que chama então a 'historicizar a memória'."

Desse modo, o trabalho de biografar a vida de Áurea Moretti Pires apresenta-se também com a finalidade de, a partir do registro de sua biografia através de suas memórias e, ainda, das memórias de algumas pessoas que conviveram com Áurea, trazer luz à vida de uma mulher que se posicionou politicamente e trilhou caminhos a partir de suas próprias convicções.

Podemos dizer, portanto, que este é um trabalho de memória. Desse modo, procuramos escrever esta pesquisa como registro fiel de memória que entrecruza as lembranças obtidas através das falas de Áurea e de pessoas que se relacionaram com ela, assim como, lembranças conseguidas no Processo 198/69 e também através da historiografia que se ocupa da memória.

Por fim, devemos salientar que a problemática apresentada na pesquisa pretende, através do estudo da vida de Áurea Moretti, compreender o cotidiano e as particularidades vividas pelas mulheres membros de organizações de esquerda que se opuseram à ditadura. A escolha do período (1965-75) tem o intuito de abarcar, principalmente, os anos em que a militante optou pela luta armada tendo sido torturada, julgada, presa e libertada. Entretanto, memórias de sua infância e adolescência, assim como do período posterior a 1975, foram utilizadas para uma melhor compreensão da personagem.

## CAPÍTULO 1

### O NASCIMENTO DA "GUERRILHEIRA"

*Eu acredito  
É na rapaziada  
Que segue em frente  
E segura o rojão  
Eu ponho fé  
É na fé da moçada  
Que não foge da fera  
E enfrenta o leão  
Eu vou à luta  
É com essa juventude  
Que não corre da raia  
À troco de nada  
Eu vou no bloco  
Dessa mocidade  
Que não tá na saudade  
E constrói  
A manhã desejada...*

*(E Vamos À Luta - Gonzaguinha)*

Um estrondo na porta de metal da cela acordou Áurea com um susto. Era o pão e o leite da manhã, trazidos por uma presa comum. Saiu de sua máquina do tempo e, como se estivesse no meio de uma onda, voltou de súbito ao profundo úmido do presídio. O sonho tinha sido tão bom e real que, por uma fração de segundo acreditou que poderia fazer o tempo voltar. Acordar assim deixava-a mais deprimida, mas ao mesmo tempo mais feliz e confiante. Era contraditória essa sensação. Ao passo que se preocupava com a vida de seus companheiros, sabia que sua família estava ao seu lado. As constantes visitas dos familiares, principalmente a mãe e a irmã Eli que traziam livros, mantimentos, roupas e, além disso, amor e atenção, aliada ao apoio dos

advogados faziam-na crer que talvez pudesse olhar do fundo do poço para cima, sem opções, só lhe restava subir. Estar no Presídio "Tiradentes", para quase a totalidade dos presos políticos era um alívio, um paraíso perto dos órgãos de repressão como o Delegacia Estadual de Ordem Política e Social (DEOPS) e do Destacamento de Operações e Informações- Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), esse último sede também da Operação Bandeirantes (Oban). Chegar ao "Tiradentes" era a certeza de que sobrevivera ao pior. Depois das torturas, desaparecida, sem que ninguém soubesse seu paradeiro, para Áurea e para os presos políticos em geral, chegar ao "Tiradentes" era voltar a existir, ter contato com familiares e advogados. Jacob Gorender relata que:

No porão do DEOPS, todos os encarcerados se achavam sujeitos à tortura. Quando soava, a campainha da carceragem produzia taquicardia generalizada. Tanto podiam ser presos recém-chegados ou tiras que vinham buscar algum prisioneiro para interrogatório no terceiro andar. O Presídio Tiradentes significava proteção judicial, uma vez que só então a detenção deixava de ser sigilosa e incomunicável e se formalizava na Auditoria Militar.<sup>27</sup>

O traslado para o Presídio "Tiradentes" é descrito por muitos ex-presos políticos em textos inseridos na obra "Tiradentes: um presídio da ditadura". O livro organizado por ex-presos políticos conta com diversos textos de mulheres e homens que passaram por locais em que a tortura era generalizada, como DEOPS e DOI-CODIs e posteriormente foram encaminhados ao Presídio. Rose Nogueira chama a atenção para o fato de que:

Só ia para o Tiradentes quem tinha prisão preventiva decretada pela justiça militar. Passava-se a existir novamente, ter um papel, um documento e, principalmente, sair das mãos da Oban - ou DOI-CODI - e do DEOPS.<sup>28</sup>

Era sábado, dia de visita. Dia de empolgação e esperança, porque uma vez por semana permitiam às presas políticas receberem visitas, de familiares consanguíneos ou no máximo parentes de primeiro grau. Apesar da revista vexatória a que passavam os visitantes, de toda a aura pesada e cinzenta do presídio, da falta de liberdade, a visita, as

<sup>27</sup> GORENDER, Jacob. **Combate nas Trevas: A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada**. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1987. p. 219.

<sup>28</sup> NOGUEIRA, Rose. Em corte seco. In: FREIRE, Alípio; ALMADA, Izaías; PONCE, J. A. de Granville. **Tiradentes, um presídio da ditadura: Memórias de presos políticos**. São Paulo: Scipione, 1997. p. 146.

notícias do mundo lá fora e de pessoas queridas acalentavam os corações revolucionários. Esses dias eram de movimentação intensa, na "Torre das donzelas" as celas ficavam sempre abertas, deixando a circulação livre e era um vai pra lá, vem pra cá, *"me empresta aquele vestido? Estou bem assim? Você vai usar aquele sapatinho hoje?"* Uma vez por semana parecia que a realidade deixava de ser cinza, até o sol dava o ar da graça na terra da garoa.

Dentro da "Torre das donzelas" existia uma cela grande, bem maior que as outras, que era chamada de "celão". No "celão" as presas políticas, já arrumadas e bem vestidas esperavam a visita, aguardavam ansiosas o relógio bater às duas horas da tarde, que era o horário que iniciavam as visitas. Quando ouviam a batida do cadeado no portão, seguido do inconfundível ranger das dobradiças ao abrir suas portas de metal, era o sinal de que começava a hora da visita. Chegou, para Áurea então, o momento de ver a mãe e a irmã. Dona "Gina" e Eli esperavam também ansiosas para o encontro com Áurea. Abraçaram-se por muito tempo, um reconforto duplo, porque as que estavam "livres" também sofriam. Como de costume levaram para Áurea livros, roupas, comidas, frutas. Tentavam fazer da vida de sua querida no Presídio mais tragável. Conversaram, como conversaram, recordaram muito da fazenda e do armazém.

Áurea lembrou que quando criança adorava a escola da fazenda. Lá, uma professora era a responsável por lecionar, em uma única sala de aula, alunos do primeiro ao terceiro ano primário, era uma farra. Relembrou também quando o pai de Áurea conseguiu expulsar uma professora que tinha como prática educativa o espancamento dos alunos. Segundo Áurea:

Naquele tempo, professor batia nos alunos, então ela quebrava, a Iolite, quebrava a régua em nós, batendo. Ela cansou de comprar régua, mandou os meninos pegar no cerrado vara de marmelo, que era resistente, e eu juro pra você tinha uma fila pra gente entrar tudo junto na classe.<sup>29</sup>

O estopim aconteceu em um dia que a professora machucou a orelha de um menino, filho de trabalhador rural. O pai de Áurea colocou o garoto em seu caminhão e foi até São Joaquim da Barra avisar ao diretor, superior e responsável pela docente, isso porque ele não aceitavam aquela atitude violenta e que era necessário trocá-la por outra professora. Como um porta-voz dos interesses dos trabalhadores da região, conseguiu

---

<sup>29</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo.** (arquivo .3ga). Ribeirão Preto, 3 de maio de 2014.

expulsar a professora e trazer outra, que passou a morar junto com a família de Áurea nos dias de semana e, aos finais de semana, voltava para a casa em São Joaquim da Barra.

Para Áurea, seu pai - Joaquim Moretti - era uma referência para os trabalhadores que moravam nas proximidades, algo como um porto seguro. "E qualquer intercorrência que tivesse, tinha o Joaquim Moretti que pegava o caminhão e levava na cidade."<sup>30</sup>

Assim como acontece com seu pai, Áurea busca também inspiração em sua mãe para explicar as origens de sua proximidade com relação às necessidades dos trabalhadores próximos a ela e, conseqüentemente, sua família:

E um dia, logo que eu voltei para Ribeirão (depois da prisão), uma mulher me parou na rua [...] e falou assim: "Você é a Áurea?", eu falei: "Sou". Ela falou: "Nossa, menina eu ajudei a te criar lá na Perobas, na fazenda Perobas. E a sua mãe é que me ajudou na vida, muito. [...] E que o primeiro sapato que ela usou na vida foi minha mãe que deu. E deu um pouco de roupa também para ela e que daí a vida dela deslanchou pra frente. E que ela devia tudo isso pra minha mãe."<sup>31</sup>

Tendo em vista a carência econômica das famílias de trabalhadores rurais, a mãe de Áurea resolveu ensinar um ofício às mulheres, a fim de que participassem no sustento financeiro de seus lares. Dessa forma, "Gina" ensinava-as a serem empregadas domésticas, para tanto, as moças que chegavam até ela eram ajudadas e tinham os primeiros ensinamentos na própria casa da família de Áurea. Virgínia de fato ensinava às moças o ofício e muitas delas, após o aprendizado, mudavam-se das fazendas para trabalharem em casas de famílias nas cidades onde, por conta do trabalho, poderiam residir.

Os relatos acima demonstram o quão marcante foi a figura de "Dona" Virgínia nas regiões que cercavam o armazém. Suas atitudes talvez à época não fossem vistas como de vital importância, provavelmente nem eram consideradas um ofício, todavia, é perceptível a importância dessa figura feminina nesse meio, visto que a mãe de Áurea acumulava funções centrais na vida e cotidiano no entorno do armazém. Além de ensinar às mulheres uma profissão, ela mantinha a coesão e a interação dos moradores do local através das festividades junina e natalina.

---

<sup>30</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo.** (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 17 de maio de 2014.

<sup>31</sup> Ibid.



A partir disso, podemos apreender também que pelo fato de dona "Gina" recorrentemente ensinar o ofício de doméstica, chegando a ter até três aprendizes ao mesmo tempo, a casa de Áurea sempre esteve cercada das ajudantes de sua mãe. Desse modo, Áurea e seus irmãos não eram requisitados ao trabalho, mesmo as meninas, sendo possível a todos ir à escola e seguir os estudos, assim como, eram livres para brincar.

As três conversavam incessantemente, tentavam matar a saudade no curto tempo que tinham de visita. Riram aos montes ao lembrarem a mudança da família para Morro Agudo, onde seu Joaquim Moretti abriu um bar que era "O bar mais chique da cidade. Todo mundo ia no bar do seu Joaquim pra tomar uma cerveja, pra conversar, pra ouvir uma música, coisa boa."<sup>32</sup> Além da cerveja, da conversa e da boa música, o bar servia algumas comidas para seus clientes. Eram quitutes, salgados, doces, etc., quem os preparava era a mãe de Áurea, dona "Gina" e "ela sempre ajudava [...] fazia o salgado e já ia pro bar, os meninos levavam. Essa parte assim, mas mais dentro de casa, que mulher não podia viver dentro de bar não."<sup>33</sup> Entretanto, o real motivo da mudança para Morro Agudo era a educação dos filhos, tendo em vista que na fazenda só existia escola até o terceiro ano primário e que os pais só conseguiam pagar educação particular para dois filhos, os mais velhos, Eli e João já estudavam nas escolas de freiras e padres, respectivamente, na cidade de Franca. Com a mudança todos os irmãos, inclusive os que moravam em Franca, passaram a viver e estudar em Morro Agudo.

De Morro Agudo, Áurea lembrava-se de quando se tornou "mocinha" e teve sua menarca. "'Meu deus do céu, acho que eu to morrendo' (risos). Aquele sangue saindo."<sup>34</sup> Nunca falaram para ela dessa reação do corpo feminino. Assustou-se e contou para a irmã Eli que estava "doente". A irmã, para espanto de Áurea, explodiu em felicidade, "Falei: 'Eli do céu, eu to doente. Tá saindo sangue.' Ela falou: 'Nossa, que legal. O mãe, a Áurea...' E saiu (risos). Aí me explicaram tudo direitinho." Lembraram-se também dos primeiros namorados. O de Áurea se chamava Valmir e tinha o apelido de "Toco". Sempre driblavam o pai super-protetor, as irmãs (Áurea e Eli) iam ao cinema, ou marcavam de se encontrar com os namorados em casa mesmo, aproveitavam os dias que os pais saíam para um jantar romântico ou algo do tipo, para marcarem os encontros.

---

<sup>32</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo.** (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 17 de maio de 2014.

<sup>33</sup> Ibid.

<sup>34</sup> Ibid.

Contudo, ir ao cinema era o que mais gostava de fazer, principalmente as matinês de domingo, "Matinê. Ô maravilha (risos)."<sup>35</sup>

As artimanhas criadas por Áurea e sua irmã Eli demonstram uma certa liberdade, tendo em vista que numa cidade pequena como Morro Agudo, a qual atualmente possui 29 mil habitantes, é difícil imaginar que seu pai não sabia o que as filhas estavam fazendo. Seu Joaquim Moretti nunca as proibiu de saírem de casa, por exemplo, e quando tentou monitorá-las, pediu para que o tio Alfredo acompanhasse-as à sessão de cinema. Só que o tio Alfredo não era muito mais velho que elas e deixava-as livres, porque ele também queria aproveitar a sessão para namorar.

Como gostava da visita de seus amados familiares. Parecia que vê-los era o bastante para tirar o fardo pesado, o qual carregava desde aquele dia de outubro de 1969 em que foi presa. Entretanto, essa sensação era fugaz e volátil. Se o sábado era repleto de ansiedade, saudade, esperança, movimentos de pessoas procurando melhores roupas para receber as visitas, ao final do dia, após o crepúsculo, a noite se tornava irreconhecível, o silêncio, a melancolia e a nostalgia reinavam absolutas.

Já conformada que a saudade seria sua companheira pela noite, revirou seu "mocó" até encontrar um de seus livros de Jorge Amado para ler antes de dormir. Famoso escritor e comunista baiano que "ensinou" para ela, na adolescência, o que era o comunismo. Ler e reler Jorge Amado, era para Áurea uma forma de manter suas raízes intactas, ao mesmo tempo em que acalmava a nostalgia avassaladora que a acometia nos sábados pós-visitas.

A leitura do escritor baiano era acompanhada de uma estranha sensação, a esperança nostálgica do passado, e essa transformava-se em perspectiva e expectativa de um futuro, mesmo que incerto. Acreditava que os caminhos trilhados eram frutíferos e que a luta não deveria cessar, se sobreviveu não foi para desistir de si e de seus companheiros e companheiras, mas sim para prosseguir e faria o que pudesse até ver seus companheiros de volta ao Presídio Tiradentes.

Mas aí então na adolescência eu comecei a ler os livros do Jorge Amado, até o dia que eu descobri o que que era o comunismo, aí eu fiquei muito feliz!<sup>36</sup>

---

<sup>35</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo**. (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 17 de maio de 2014.

<sup>36</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconte Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 10 de dezembro de 2012.

A figura de Jorge Amado foi a primeira a influenciar sobremaneira o pensamento político de Áurea. Através do escritor ela passou a se preocupar mais com a realidade que a cercava e, influenciada por ele, aproximou-se do pensamento de esquerda ligado ao socialismo.

### **1.1. Movimento Estudantil e escalada repressiva do Governo Militar**

Não era possível a ditadura submeter os presos políticos a essa situação. Áurea não conseguia esconder a indignação frente a mais um desmando e falta de humanidade dos agentes da repressão. Dois dias já tinham corrido e ela ainda não sabia onde estavam seus companheiros, para onde haviam levado o Vanderley Caixe, pessoa única em sua vida. Parecia que reviveria tudo, o Golpe, a sensação de impotência, a falta de apoio e o imobilismo, a luta armada, a clandestinidade, a perseguição, as torturas que começaram dentro de sua própria casa na frente da mãe e dos irmãos. Tudo parecia voltar a sua mente, as dores, o medo, a incerteza da vida ou da morte, o gosto do sangue após as sessões de tortura.

Para Áurea tudo começou com o golpe militar de 1º de abril de 1964 contra o presidente eleito democraticamente, João Goulart (Jango). A partir do golpe iniciou-se a perseguição aos apoiadores de Jango e também de indivíduos, partidos e movimentos em geral que se identificavam com ideologias de esquerda, ou daqueles que eram simplesmente contra o golpe. Mais especificamente Áurea e seus companheiros sentiram a perseguição, num primeiro momento, na repressão às manifestações estudantis em Ribeirão Preto.

Num primeiro momento, logo após o golpe, a esquerda se viu imóvel frente ao avanço da conspiração. João Goulart, na tentativa de impedir um derramamento de sangue preferiu se autoexilar no Uruguai ao invés de enfrentar os golpistas. Marcelo Ridenti ressalta que, além disso, o Partido Comunista Brasileiro (PCB, também conhecido como "Partidão") que liderava os movimentos de esquerda no Brasil até meados da década de 1960, possuía um caráter burocratizante e acreditava na via eleitoral/pacífica como forma de atingir o socialismo. Segundo o autor, "O PCB

continuará mantendo, depois de 1964, a proposição da via pacífica para o socialismo."<sup>37</sup>

Essa visão rígida e etapista que o "Partidão" possuía, foram, ao longo dos anos, muito questionada por diversos quadros. Entretanto, as dissidências que sangraram o PCB aconteceram a partir de 1966-67. Muitos dos jovens que estavam nas fileiras do "Partidão" em 1964 já atuavam no movimento estudantil nacionalmente. Em Ribeirão Preto Áurea Moretti, Vanderley Caixe, Nancio Marietto, eram jovens militantes pelo PCB, mas também atuavam dentro do movimento estudantil.

O movimento estudantil foi dos primeiros movimentos sociais a iniciar as mobilizações contrárias ao governo do Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco. Segundo Martins Filho isso foi possível por que:

[...] as raízes sociais do movimento estudantil - e especialmente a participação da classe média na contramobilização golpista de 1964 - impediram uma repressão mais intensa às suas áreas mais militantes, semelhante à que ocorreu nos meios camponês e operário. Em tais condições, foi possível reorganizar gradualmente a oposição dos estudantes às medidas tomadas pelo novo governo para a universidade, medidas essas que atingiram algumas das principais conquistas do meio estudantil na fase populista. [...] Não obstante, outro fator de fundamental relevância pesaria favoravelmente para a retomada das lutas dos estudantes: trata-se de sua autonomia organizativa frente ao Estado, que impediu o desmantelamento do sindicalismo estudantil no mesmo nível ocorrido com os sindicatos operários. A partir daí, tornou-se possível o revivescimento das tendências estudantis de esquerda e a retomada das entidades por essas correntes, mesmo numa situação de semi-clandestinidade.<sup>38</sup>

Ao longo do tempo, as reivindicações usuais do movimento estudantil ganharam um novo elemento, a pauta de luta contra a ditadura imposta desde 1964. Desse modo, o movimento estudantil foi um dos responsáveis por dar início às maiores manifestações contra a ditadura. À medida que o Estado democrático de direito era suprimido, aumentavam as reivindicações estudantis.

Eliezer Rizzo de Oliveira divide o governo Castelo Branco em três etapas para demonstrar o fechamento que ocorreu no âmbito do poder político e demonstra que "à transferência do poder político para o âmbito das Forças Armadas corresponde um processo de centralização das decisões, que não se configura plenamente senão no

---

<sup>37</sup> RIDENTI, Marcelo. **O Fantasma da Revolução Brasileira**. 2. Ed. São Paulo: Editora UNESP, 2005. p. 44.

<sup>38</sup> MARTINS FILHOS, João Roberto. **Movimento Estudantil e Ditadura Militar: 1964-1968**. Campinas: Papyrus, 1987. p. 78.

Governo Costa e Silva."<sup>39</sup> Para o autor, a primeira etapa do governo Castelo Branco, que corresponde aos dois primeiros meses após o Golpe, é caracterizada pela tentativa de desarticular as organizações sociais através da perseguição a suas lideranças, sem atacar ainda as instituições existentes, os partidos são mantidos, a censura à imprensa ainda é superficial.<sup>40</sup> Essa etapa se caracteriza pelo Ato Institucional nº 1 (AI-1) que permitiu ao presidente cassar mandatos legislativos e direitos políticos de cidadãos e militares, assim como, transferir militares para a reserva e acabar com a estabilidade e vitaliciedade de funcionários públicos. As primeiras listas de cassados juntas contavam com um número aproximado de 500 nomes.<sup>41</sup> Todavia, neste primeiro momento a União Nacional dos Estudantes (UNE) e as Uniões Estaduais dos Estudantes (UEEs) são mantidas na legalidade, como já apontado por Martins Filho anteriormente.

Já na segunda etapa do governo Castelo Branco, que compreende os meses entre junho de 1964 e outubro de 1965, é caracterizada por Oliveira como o período da hegemonia militar, não no sentido conceituado por Gramsci, mas numa ideia de que havia uma "presença preponderante de um determinado setor das Forças Armadas."<sup>42</sup> Para o autor, o que marca essa etapa é a crise sucessória para a presidência, visto que a unidade derivada dos grupos políticos que apoiaram a queda de Goulart, se revela "precária", em suas palavras<sup>43</sup>. Visto que tanto o Partido Social Democrático (PSD) quanto a União Democrática Nacional (UDN) - partidos que apoiaram o golpe em março de 1964 - pretendiam apresentar seus próprios candidatos para sucederem Castelo Branco. A figura de Costa e Silva, Ministro da Guerra, surgiu, então, como proposta viável aos adeptos da "linha dura", visto que era frágil o poder de Castelo dentro Congresso. Eliezer Rizzo de Oliveira aponta que a ruptura da "unidade precária" leva à relevante vitória da "linha dura" nas cúpulas de poder:

[...] a "unidade precária" rompe-se também no tocante aos caminhos a serem percorridos ao nível do regime político. Como se disse, parte do Congresso a iniciativa da prorrogação do mandato de Castelo Branco.

<sup>39</sup> OLIVEIRA, Eliezer Rizzo de. **As Forças Armadas: Política e Ideologia no Brasil, 1964-1969**. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 65.

<sup>40</sup> *Ibid.*, p. 59-60.

<sup>41</sup> D'ARAUJO, Maria Celina; SOARES, Glaucio Ary Dillon & Castro, Celso (orgs.). **Visões do Golpe: a memória militar sobre 1964**. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994. p. 30.

<sup>42</sup> OLIVEIRA, Eliezer Rizzo de. **As Forças Armadas: Política e Ideologia no Brasil, 1964-1969**. Petrópolis: Vozes, 1976 p. 60.

<sup>43</sup> "A ditadura, desde o início, e até o fim, teria que se haver com esse desafio porque, desde o início, e até o fim, ela nunca foi *una*, mas *vária*." - REIS FILHO, Daniel Aarão. **Ditadura e Democracia no Brasil: Do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 53

Este manifesta-se contrário à prorrogação, por ver nela um fator de perturbação política. A posição de Castelo o distancia dos "duros", cujas reivindicações são canalizadas para o Ministério da Guerra, ocupado por Costa e Silva. E a prorrogação assume, de fato, o aspecto de uma primeira e significativa vitória da 'linha dura' no confronto com o projeto 'esguiano'<sup>44</sup> pela hegemonia política.<sup>45</sup>

Somam-se à crise sucessória, as derrotas do governo nas primeiras eleições pós-golpe. Em março de 1965 a oposição elegeu Faria Lima para prefeito de São Paulo e, em outubro, das nove eleições para governadores, ganhou duas, porém nos estados vistos como cruciais para o governo, Minas Gerais e Guanabara. Esses fatores, para Oliveira, levaram os militares "duros" a pressionar o presidente a concentrar maiores poderes e desembocou na promulgação do Ato Institucional nº 2<sup>46</sup>, que iniciou a terceira etapa do governo Castelo Branco, que compreende os períodos entre outubro de 1965 e março de 1967. A terceira etapa inaugurou, portanto, a fase de "fechamento do poder" em que as Forças Armadas acabaram por centralizar as decisões. Oliveira diz que daí decorre um aumento da repressão à oposição<sup>47</sup>, e a criação de um aparato institucional para embasar o regime.<sup>48</sup>

Finalmente, uma legislação institucional define novos espaços políticos do regime: eleições indiretas para governadores e indicação de prefeitos das capitais (AI-3), a Lei de Imprensa, a Lei de Segurança Nacional e a Constituição de 1967. Neste momento são atingidos instituições e estatutos da sociedade civil. No primeiro caso redefinem-se as atribuições e responsabilidades da Imprensa [...] (Nesta etapa) a Revolução e seus objetivos fornecem o elemento de base sobre o qual os Partidos devem fundamentar sua existência. Como temos visto, o Estado estende paulatinamente seu controle sobre setores da sociedade civil, especialmente a Imprensa e os movimentos de organização da política, como o movimento estudantil.<sup>49</sup>

<sup>44</sup> Relativo à ESG (Escola Superior de Guerra), da qual Castelo era o principal representante.

<sup>45</sup> OLIVEIRA, Eliezer Rizzo de. **As Forças Armadas: Política e Ideologia no Brasil, 1964-1969**. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 61.

<sup>46</sup> "A ditadura foi tomando corpo. Ao ser derrotado nas eleições estaduais em Minas Gerais e no Rio de Janeiro, o governo edita o Ato Institucional nº 2, em outubro de 1965, que acaba com todos os partidos políticos e permite ao Executivo fechar o Congresso Nacional quando bem entender; torna indiretas as eleições para presidente da República e estende aos civis a abrangência da Justiça Militar. 'Não se disse que a Revolução foi, mas que é e continuará', afirma-se na introdução do AI-2." - ARNS, P. E. (Prefácio). **Brasil: Nunca Mais**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 61.

<sup>47</sup> "[...] no fim do governo Castelo, mais de 3.500 pessoas haviam sido punidas pelos atos de exceção." In: REIS FILHO, Daniel Aarão. **Ditadura e Democracia no Brasil: Do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 53.

<sup>48</sup> OLIVEIRA, Eliezer Rizzo de. **As Forças Armadas: Política e Ideologia no Brasil, 1964-1969**. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 65-71.

<sup>49</sup> *Ibid.*, p. 68-69.

A primeira tentativa mais organizada do governo de controlar os órgãos estudantis aconteceu com a promulgação da Lei Suplicy. Logo nos primeiros dias que sucederam ao golpe, ocorreram ataques às instituições educacionais que eram consideradas núcleos da esquerda, como as sedes da UNE e algumas universidades. Entretanto, após esse primeiro momento de exaltação o governo procurou remediar, com ações mais efetivas que tivessem um prazo mais longo. Nesse contexto foi publicada oficialmente a Lei Suplicy, em novembro de 1964.<sup>50</sup>

A Lei previa a extinção da UNE e das UEEs que seriam substituídas por outros órgãos de representação estudantis ligados a uma cadeia hierárquica, subordinada ao Ministério da Educação. Martins Filho revela a estratégia do governo militar:

No lugar da UNE e das UEEs, o governo militar propunha a construção de uma nova estrutura de representação: os diretórios estudantis em cada escola substituiriam os centros acadêmicos (entidades civis, até então); acima deles, ficariam os Diretórios Estaduais de Estudantes (DEEs), eleitos por voto indireto pelos representantes dos primeiros; os vários DEEs elegeriam, também indiretamente, a cúpula do Diretório Nacional dos Estudantes (DNE), cuja sede seria em Brasília. A lei vinculava os diretórios de cada escola à administração universitária e a entidade nacional, além das regionais, ao Ministério da Educação. Impunha diversos limites às candidaturas, subordinava as eleições ao controle dos burocratas do ensino e criava o voto obrigatório. Segundo ex-líderes estudantis, este último contribuiu, no ambiente de oposição generalizada que caracterizaria o meio estudantil nos anos seguintes, para trazer às eleições o voto amplamente contrário à política do governo.<sup>51</sup>

Diante da posição autoritária do governo que sancionou a Lei Suplicy sem diálogos, as manifestações estudantis aumentaram e a UNE e UEEs continuaram a existir. A UNE só foi proibida e caiu na clandestinidade a partir de 1966, através de um decreto presidencial. E, em 1967, o "Decreto Aragão" proibiu a atuação de todos os órgãos de representatividade estudantil.<sup>52</sup>

Outro motivo que levou os estudantes às ruas foi o acordo entre o Ministério da Educação e Cultura (MEC) com um órgão estadunidense de ajuda ao desenvolvimento de nações consideradas de terceiro mundo, era a United States Agency for International Development (USAID). Segundo Martins Filho a USAID era um "organismo

---

<sup>50</sup> MARTINS FILHOS, João Roberto. **Movimento Estudantil e Ditadura Militar: 1964-1968**. Campinas: Papyrus, 1987. p. 82-84

<sup>51</sup> MARTINS FILHOS, João Roberto. **Movimento Estudantil e Ditadura Militar: 1964-1968**. Campinas: Papyrus, 1987. p. 87-88.

<sup>52</sup> *Ibid.*, p. 89.

diretamente vinculado ao Departamento de Estado americano e cuja ação fazia parte do esforço de difusão ideológica que, desde o imediato pós-guerra, os EUA realizavam na América Latina."<sup>53</sup> Os estudantes enxergavam esse acordo como uma interferência imperialista do grande irmão do norte na educação brasileira e que visava inculcar a ideologia estadunidense nas universidades. Segundo Martins Filho:

Calcados numa linguagem tecnocrática e inspirados no modelo privatista do ensino norte-americano, propunham soluções aparentemente "técnicas", mas que representavam na prática, a limitação da reforma universitária à modernização das estruturas do ensino, com o conseqüente abandono dos aspectos democráticos da reivindicação estudantil de "abertura" da Universidade.<sup>54</sup>

À medida que as manifestações estudantis alargavam, aumentava também a violência do estado através da polícia e do exército contra os manifestantes. A própria Áurea lembra, como veremos mais à frente, da truculência dos militares ao reprimir manifestações estudantis em Ribeirão Preto. Com Costa e Silva na presidência da república a violência dos militares aumentou. No final de 1967 e início de 1968 as repressões às manifestações tornaram-se mais violentas ainda, a polícia reprimiu a tiros, em janeiro de 1968, um protesto no restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro e no mesmo restaurante, dois meses depois assassinou o estudante secundarista Edson Luís. A progressiva repressão às manifestações levou os estudantes a organizarem no segundo semestre uma passeata contra a ditadura que ficou posteriormente conhecida como "Passeata dos Cem Mil".<sup>55</sup>

Com o aumento da repressão muitos estudantes ligados às ideologias de esquerda, membros do movimento estudantil, passaram a questionar a efetividade do enfrentamento não armado contra a ditadura. Visto que ao passar dos anos os direitos democráticos foram cada vez mais suprimidos, as eleições para presidente tornaram-se indiretas, o Congresso Nacional poderia ser fechado ao desmando do presidente, muitos militantes de esquerda não acreditavam mais nessa "via eleitoral" imposta pelos golpistas, como trajeto viável de embate político. O autoritarismo avançava e sufocava a democracia, estrangulando-a dia a dia. As eleições existiam na verdade para manter uma suposta "legalidade" do regime. Provar fogo contra fogo tornou-se, para os opositores

---

<sup>53</sup> MARTINS FILHOS, João Roberto. **Movimento Estudantil e Ditadura Militar: 1964-1968**. Campinas: Papyrus, 1987. p. 130.

<sup>54</sup> *Ibid.*, p. 131

<sup>55</sup> *Ibid.*, p. 139-141.



da ditadura, uma ideia muito mais viável do que permanecer refém de uma legalidade imoral. Reis Filho ressalta que:

Se a direção do PCB fora "culpada" pela vitória dos militares, os novos dirigentes também seriam responsabilizados pela lentidão com que se operava a inversão da paisagem da luta de classes no país.<sup>56</sup>

A falta de democracia, a rigidez do Partido Comunista Brasileiro em não aceitar outras formas de luta contra a ditadura deixou muitos integrantes do Partido insatisfeitos. A larga influência exercida pela figura do "Che" e Fidel Castro, heróis da Revolução Cubana de 1959 e sua ideia de foco guerrilheiro (foquismo<sup>57</sup>) teorizada através da obra *Revolução na Revolução* de Régis Debray, foram os principais exemplos seguidos por uma parcela dos estudantes que se propunham a pegar em armas contra a ditadura. Martins Filho aponta que existiam duas principais posições presentes na esquerda que atuava no movimento estudantil, a primeira ligada à Ação Popular (AP) que se tornou adepta do pensamento maoísta, e a segunda aos dissidentes do PCB e membros da Organização Marxista Leninista Política Operária (OML-POLOP). Aqui nos interessa a segunda posição, posto que dela surgiram os militantes da FALN, incluindo-se Áurea Moretti. Martins Filho a define essas duas posições:

Ao contrário do que ocorria com a "primeira posição" estudantil, que expressava visões de uma única organização - a Ação Popular - a segunda força do movimento universitário de 1968 constituiu-se de um agrupamento de várias correntes políticas de expressão regional, cujo ponto de convergência mais geral foi a aceitação das análises de Ernesto "Che" Guevara sobre a estratégia da revolução na América Latina. [...] o bloco de forças que deu origem à "segunda posição" continha, em seu interior, enfoques diferentes sobre o caráter da sociedade brasileira e sobre as alternativas de efetivação da "luta armada". Do ponto de vista organizacional, os defensores da luta específica tinham suas origens em dois grupos políticos, já existentes antes de 1964: o Partido Comunista Brasileiro, de onde saíram as chamadas Dissidências estudantis e outros núcleos divergentes, e a Organização Marxista Leninista Política Operária, a POLOP.<sup>58</sup>

---

<sup>56</sup> REIS FILHO, D. A. **A Revolução Faltou ao Encontro**: Os Comunistas no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 52.

<sup>57</sup> Teoria revolucionária muito difundida na década de 1960 que consiste em criar focos de revolução pelo mundo. Seus principais expoentes são Che Guevara (herói da Revolução Cubana) e Régis Debray que desenvolveu a teoria foquista na obra "Revolução na Revolução".

<sup>58</sup> MARTINS FILHOS, João Roberto. **Movimento Estudantil e Ditadura Militar: 1964-1968**. Campinas: Papyrus, 1987. p. 191-192.

Desses novos direcionamentos trazidos pelo exemplo da Revolução Cubana e pela teoria do "foquismo", junto com a insatisfação dos militantes com os caminhos que o "Partidão" tomava tiveram início as "dissidências do PCB". Isto é, os militantes que estavam contrariados com os rumos que o Partido tomava decidiram afastar-se e criar organizações armadas de enfrentamento direto armado contra a ditadura. Para Gorender:

As perdas do Comitê Central na militância partidária refletiam sangrias substanciais em todas as frentes: entre os operários, os camponeses, os intelectuais e variados setores da classe média. No setor estudantil, a situação já era de desmoroamento. Na maioria dos Estados, surgiram as *dissidências* ou *correntes*, que ganhavam vida própria, seguiam orientação política independente e recrutavam adeptos para elas mesmas e não mais para o partido.<sup>59</sup>

Muitos desses dissidentes eram estudantes, a exemplo de Áurea Moretti. Além disso, o contexto mundial de Guerra Fria, a Revolução Cubana, como citado anteriormente, a Guerra do Vietnã<sup>60</sup>, e alguns exemplos de luta estudantil pelo mundo, como o Maio de 68, na França, ecoaram entre os movimentos sociais no Brasil. Segundo Marcelo Ridenti:

Entre 1964 e 1968, reconstituiu-se lentamente uma parcela dos movimentos sociais; por exemplo, 1968 assistiu a greves de bancários, operários e outras categorias, sendo o movimento estudantil o que mais amplamente mobilizou-se. A opção de uma parte da esquerda brasileira pelas armas deu-se nesse contexto social, agitado, ainda, pelas manifestações libertárias em todo o mundo, da guerrilha do Che na Bolívia à Primavera de Praga, do Maio de 68 na França à Guerra do Vietnã, da contracultura à Revolução Cultural Chinesa.<sup>61</sup>

Ao mesmo tempo o governo de Costa e Silva, sucessor de Castelo Branco, seguiu a lógica apontada anteriormente por Oliveira e em 1968/69 aplicou uma centralização militar do poder, que culminou em 13 de dezembro de 1968 com a promulgação do Ato Institucional nº5 (AI-5).

Antes da publicação do AI-5 acontecia um nítido aumento da violência dos militares na repressão às manifestações da oposição, principalmente ao movimento estudantil. Em protesto, no mês de setembro de 1968, o deputado do Movimento

---

<sup>59</sup> GORENDER, Jacob. **Combate nas Trevas. A Esquerda Brasileira:** Das ilusões perdidas à luta armada. Ed. 2. São Paulo: Editora Ática, 1987. p. 89.

<sup>60</sup> Algumas capas do jornal "O Berro" da FALN, organização que Áurea fazia parte fazem referência direta à Guerra do Vietnã. (ANEXO 1).

<sup>61</sup> RIDENTI, Marcelo. **O Fantasma da Revolução Brasileira.** 2. Ed. São Paulo: Editora UNESP, 2005. p. 32.

Democrático Brasileiro (MDB) Márcio Moreira Alves fez na Câmara dos deputados um discurso em que pediu à população que boicotassem os desfiles de sete de setembro, data da independência. Clamava os pais e mães para que não deixassem seus filhos, estudantes, desfilar com seus algozes, os policiais que os atacavam e barbarizavam nas passeatas estudantis. Falou abertamente que o país vivia sob um "regime de opressão" e que a população em geral deveria cessar todo e qualquer contato entre civis e militares.<sup>62</sup>

O AI-5 foi a resposta da "linha dura" à ascensão da oposição nas ruas e dentro do próprio Congresso. Tendo em vista que após o discurso de Marcio Moreira Alves o governo quis processá-lo, sem sucesso, devido à resistência da Câmara dos deputados, isso virou o estopim para o fechamento do governo nas mãos dos militares. Em 13 de dezembro de 1968 Costa e Silva assinou o Ato Institucional nº 5 que aumentou a repressão e aboliu todos os direitos políticos e de liberdade de expressão que restavam. Nas palavras do livro Brasil: Nunca Mais, "era a ditadura sem disfarces".<sup>63</sup>

Os três fatores utilizados como pretexto pelas Forças Armadas para desencadear nova escalada repressiva com o Ato Institucional nº 5, foram: as denúncias sustentadas dentro do próprio partido de oposição criado pelo regime, o crescimento das manifestações de rua e o surgimento de grupos de oposição armada, que justificavam sua decisão com o argumento de que os canais institucionais seriam incapazes de fazer frente ao poder ditatorial.<sup>64</sup>

O AI- 5<sup>65</sup> ficou conhecido como o "golpe dentro do golpe", ou seja, quando a ala mais radical dos militares se impôs. Esse Ato Institucional agravou mais ainda a repressão, que aumentava gradativamente desde 1964. Com maiores poderes ao executivo, foi possibilitado ao presidente poderes praticamente ditatoriais como decretar recesso do Congresso Nacional, Assembleias e Câmaras, bem como determinar estado de sítio. Promulgou também a suspensão de *habeas corpus* em casos de crimes políticos e legalizou a cassação de mandatos e a suspensão de direitos políticos de qualquer cidadão por até 10 anos. Na mesma noite foi decretado também o Ato Suplementar nº 38 que colocou o Congresso em recesso indefinidamente. Daniel Aarão Reis afirma

<sup>62</sup> Discurso completo do deputado Márcio Moreira Alves. Disponível em: <<http://www.marciomoreiraalves.com/discurso2968.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

<sup>63</sup> ARNS, Paulo Evaristo. **Brasil: Nunca Mais**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 62

<sup>64</sup> Ibid., p. 62.

<sup>65</sup> A íntegra do Ato Institucional nº5. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/AIT/ait-05-68.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm)>

que: "O Ato era apenas mais um passo numa 'escalada' que já se iniciara, fora apenas um 'revelador', como se a ditadura tivesse resolvido 'tirar a máscara' de uma vez por todas."<sup>66</sup>

Oliveira aponta que a partir do citado Ato Institucional a repressão aumentou sobremaneira:

O processo de centralização militar do poder atinge seu ponto decisivo após a edição do Ato Institucional nº5 (que dá início à última etapa do governo Costa e Silva). As prerrogativas do Executivo, definidas por este estatuto, colocam nas mãos do Presidente um amplo campo de decisões: com a finalidade expressa de garantir a continuidade da Revolução - o mais significativo é que o AI-5 não tem prazo de extinção - permite ao Executivo a decretação do Estado de Sítio, do recesso do Congresso, da intervenção nos Estados, da suspensão de direitos políticos e cassação de mandatos; o AI-5 - mais significativamente - elimina o estatuto do habeas-corpus para os crimes definidos como ligados à segurança nacional. Na verdade, a constituição de 67 fica subordinada ao poder definido por esse Ato que, para muitos casos, pode ser aplicado "sem as limitações previstas na Constituição."<sup>67</sup>

A "ditadura sem disfarces" proibiu as manifestações e aumentou seu aparato de perseguição aos seus opositores. A tortura, o assassinato e o desaparecimento de militantes opositores ao regime se intensificaram. As Delegacias Estaduais de Ordem Política e Social (DEOPS) e os Destacamentos de Operações de Informações - Centros de Operações de Defesa Interna (DOI-CODIs) eram os principais órgãos responsáveis pela repressão. Além disso, algumas organizações clandestinas foram criadas a fim de agirem na perseguição aos opositores, dentre elas a Operação Bandeirantes (OBAN). Segundo Joffly:

A constituição do novo órgão repressivo deu-se sob o signo da ambiguidade. Fundado em ato que contou com a presença de importantes autoridades civis e militares, não foi institucionalizado formal ou juridicamente, restringido-se a um conjunto de medidas administrativas internas. Objetivando coordenar ou combater contra a "subversão", entrava com frequência em conflito com outras forças coercitivas. Embora fosse diretamente comandado pelo Exército, exercia funções de polícia política. O funcionamento da Operação Bandeirantes repousaria permanentemente sobre essa dicotomia legalidade/ilegalidade, o que lhe conferia dinamismo e flexibilidade em suas atividades repressivas. Em outras palavras, no que diz

<sup>66</sup> REIS FILHO, D. A. **A Revolução Falta ao Encontro**: Os Comunistas no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 69.

<sup>67</sup> OLIVEIRA, Eliezer Rizzo de. **As Forças Armadas**: Política e Ideologia no Brasil, 1964-1969. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 99.

respeito aos seus fundamentos, o órgão estava ancorado na sólida estrutura do Exército, contando com todo o suporte das mais altas patentes. Os métodos empregados - tortura, invasão de domicílio, assassinatos - eram ilegais mesmo dentro da lógica da legislação autoritária erigida pelo regime militar, entretanto, utilizados com a aquiescência dos superiores hierárquicos, embora não assumidos publicamente, pelo desgaste que tal opção acarretaria à imagem das Forças Armadas e do governo. O sólido apoio logístico aliado à implícita autorização para agir clandestinamente - portanto, sem a necessidade de prestar contas - permitiam-lhe uma grande liberdade de atuação.<sup>68</sup>

Os referidos órgãos de repressão foram os principais responsáveis pela perseguição às organizações de esquerda do período. Para Joffly, a Oban contava com elementos das três Forças Armadas, do DOPS, do DPF, das Polícias Militar e Civil. Era comandada por um coronel do exército (Antônio Lepiane) que, segundo a autora: "fez do órgão o meio de entrada, em grande escala das Forças Armadas em operações de ordem policial."<sup>69</sup> Dentre essas organizações figurava a FALN. Com a queda do grupo em outubro de 1969 seus membros tomaram contato com a sistemática repressiva da tortura. Contudo, antes de chegarmos a esse ponto é necessário apontar os caminhos que foram tomados por Áurea que culminaram em seu ingresso na FALN e em sua militância na organização, para posteriormente analisarmos a queda da organização e, conseqüentemente, de Áurea nas mãos dos agentes da repressão.

## 1.2. Áurea antes da luta política

Apesar das agitações ocorridas nos primeiros dias, nas alas dos presos e presas políticos, logo após a súbita transferência de Vanderley Caixe, Maurice Politi, Manuel Porfírio e dos freis dominicanos, a vida no Presídio "Tiradentes" transcorria em relativa normalidade.

Áurea tomou um susto quando atentou para o fato de que dias decorreram e os presos ainda não tinham se mobilizado contra as transferências, as quais espalhavam os presos políticos por outros presídios. Ela não conseguia precisar exatamente quantos

---

<sup>68</sup> JOFFLY, Mariana. **No centro da engrenagem**: Os interrogatórios na Operação Bandeirantes e no DOI de São Paulo (1969-1975). 2008. 349 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. p. 34.

<sup>69</sup> *Ibid.*, p. 31.

dias passaram, porque dentro do Presídio "Tiradentes" os dias pareciam todos iguais e cinzentos e por isso era muito fácil confundi-los e perder a noção do tempo.

A jovem presa decidiu então que era o momento de tentar mobilizar os presos políticos. Somando os seis companheiros transferidos nos últimos dias com os 26 em maio para Penitenciária do Estado, contabilizavam-se 32 pessoas retiradas do "Tiradentes" em menos de dois meses. Era necessário reverter essa situação, os presos políticos precisavam permanecer unidos, todos no mesmo presídio. Primeiro tentou reunir, na "Torre das donzelas" um número relevante de presas políticas para pensarem numa ação, e essa fizesse pressão no diretor do presídio e sobre o juiz-auditor para reverterem tal situação. Ao mesmo tempo enviou uma "teresa" para a ala masculina com uma mensagem com o propósito de que os homens também organizassem uma ação que pressionasse as autoridades. Tudo em vão. De todos os presos políticos do Presídio "Tiradentes" apenas Marlene Soccas encampou com Áurea essa empreitada.

Áurea e Marlene receberam com profundo desapontamento a notícia de que apenas as duas, dentre os presos políticos do Presídio "Tiradentes", estavam dispostas a se mobilizarem contra a transferência de seus companheiros. O consolo diante dessa situação só veio quando descobriram, através da mãe de Vanderley Caixe, que seus companheiros estavam no Presídio em Presidente Venceslau. "*Pelo menos estão vivos!*", pensou Áurea. Da mesma forma souberam que eles tinham entrado em greve de fome desde o dia em que chegaram a nove de junho. Ficaram mais esperançosas ainda quando surgiu a notícia de que os 26 que se encontravam na Penitenciária do Estado também aderiram à greve.<sup>70</sup>

Uma ponta de esperança habitou o peito de Áurea. Precisava estar atenta, permanecer enrijecida porque sabia que o enfrentamento estava próximo. Sempre que se acercava de momentos decisivos e importantes sua mente ativava as lembranças dos pais. Como os pais eram para ela fonte de inspiração, relembra-los ajudava Áurea a encorajar-se. Além da coragem, pensar neles era para ela um porto seguro. O presídio era um lugar hostil, o qual não se identificava, não se sentia à vontade. Por isso era tão importante resgatar em sua mente essas raízes familiares, era isso que a mantinha conectada ao mundo. Talvez por esse motivo sonhasse tanto com sua infância e adolescência, queria reviver aqueles momentos que, comparados aos vividos agora, pareciam mais fáceis.

---

<sup>70</sup> POLITI, Maurice. **Resistência atrás das grades**. São Paulo: Plena Editorial, 2009.

Acendeu um cigarro e começou a lembrar-se de Morro Agudo, da mudança de toda a família para Ribeirão Preto e como aquela experiência foi ao mesmo tempo ruim e boa. Se por um lado a família saiu de Morro Agudo com o relacionamento dos pais bastante abalado e economicamente em frangalhos, do outro, mudar para Ribeirão Preto abriu para ela um mundo totalmente novo, em que saía de um microcosmos mais voltado para o meio rural e adentrava em outro um pouco mais aberto e plural.

Recordou a sensação desagradável do último ano em que viveram em Morro Agudo. O pai de Áurea iniciou um relacionamento extra-conjugal e, provavelmente, devido ao tamanho da cidade, rapidamente sua mãe tomou conhecimento. Dona "Gina" não foi passiva frente à traição e o casal entrava cotidianamente em conflito, o que deixava os filhos assustados. As brigas entre os dois tornaram-se tão recorrentes, que Áurea e seus irmãos tiveram receio de que o pai pudesse causar algum mal à mãe, segundo ela:

E quando estourou assim, a gente escutava os dois gritando. Nós arrombamos a porta do quarto. Eu, a Eli, o João, a Roseli. Nós juntamos a turma e arrebentamos com a porta. Porque a gente tinha medo dele bater nela. Nunca ele bateu, mas a gente tinha medo!<sup>71</sup>

A partir desse fato, aparentemente, a família inteira entrou em crise. As brigas recorrentes dos pais se somaram a um problema financeiro que nem Áurea sabe apontar exatamente a origem:

Ele comprava disco do Nat King Cole, tudo. Trazia em casa, a gente ouvia e ele dava pra ela. As coisas de namorado [...]. Com seis filhos dentro de casa. Então, tudo coisa assim que foi marcando nós e que depois ele chegou até a perder o bar. Com muita conta, com muita coisa que a gente nem sabia da onde saía. E aí nós tivemos, ele vendeu o bar, e nós mudamos de Morro Agudo. Viemos pra Ribeirão.<sup>72</sup>

Na ocasião em que Joaquim Moretti perdeu seu bar e, conseqüentemente, sua fonte de sustento, a família entrou em uma séria crise financeira. Como não possuía nem mais sua parte no armazém, a solução imediata foi reaproximarem-se da parte da família que residia em Ribeirão Preto para conseguir amparo para a nova empreitada, com o intuito de restabelecer a estabilidade financeira. Áurea ainda não era adulta, estudava no

---

<sup>71</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo.** (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 17 de maio de 2014.

<sup>72</sup> Ibid.

ginasial, estava para entrar no colegial e enfrentou pela primeira vez um problema desse tipo.

A maior parte da família residia em Ribeirão Preto, avós, primos, irmãos de seus pais e até amigos. Áurea diz que a cidade sempre foi referência para os "Moretti":

Aí nós viemos assim, ó. A situação financeira no zero. Meu pai sem emprego, sem nada, mas ele voltou lá pro armazém pra ajudar. Então, o tio Alfredo trazia do armazém tudo que ele podia pra nós. E a gente olhava as crianças dele e ele, né. Aí nós tivemos que trabalhar.<sup>73</sup>

Mesmo a ajuda dos familiares não foi suficiente para que, em curto prazo, a família se restabelecesse economicamente. O pai de Áurea nesse momento tornou-se bastante ausente, por voltar a trabalhar no armazém, agora como empregado, viajava muito, para localidades distantes, com o propósito de comprar os produtos que seriam revendidos. Além disso, segundo Áurea: "Porque meu pai de vez em quando sumia também, ia pra fazenda, ia... E ela (a mãe) ficava sem nada."<sup>74</sup>

Frente a esses problemas econômicos Áurea, o irmão João e a irmã Eli procuraram trabalho para auxiliarem no sustento da família. Aos 14 anos Áurea começou a trabalhar, durante o dia, nas Lojas Americanas, que tinha sido recém-inaugurada em Ribeirão Preto. Segundo ela, o salário era utilizado para pagar o colégio metodista, escola particular que oferecia o curso ginasial e colegial noturno e o resto do salário era dado para a mãe com o intuito de ajudar a pagar as contas e o aluguel da casa em que moravam.

Os pais de Áurea não queriam que os filhos trabalhassem, pois achavam que eles precisavam focar suas energias nos estudos. Joaquim Moretti, não recebeu de bom grado a notícia de que os filhos estavam trabalhando: "(Ele, Joaquim Moretti) Ficou tão bravo [...] Ixi, ele não queria não. Só que ele não parava em casa. Ele viajava, ele ia pra lá, pra cá."<sup>75</sup> A mãe também não queria que os filhos trabalhassem, porém a necessidade de pagar as contas e cuidar dos filhos mais novos era primordial no contexto em que se encontrava a família: "Ela não gostou né [...]. Mas ela estava assim, tinha outros pequenos pra criar."<sup>76</sup>

---

<sup>73</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo.** (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 17 de maio de 2014.

<sup>74</sup> Ibid.

<sup>75</sup> Ibid.

<sup>76</sup> Ibid.



Nesse quadro familiar, em que o pai de Áurea tornou-se uma figura distante da família e a mãe ainda tinha três filhos pequenos que precisavam de atenção e cuidado, era natural que ocorresse o amadurecimento de Áurea e de seus dois irmãos mais velhos. Ora, o fato de Áurea, João e Eli começarem a trabalhar à revelia do desejo de seus pais, por perceberem que era necessário ajudar no sustento da casa já é um indicador de amadurecimento e consciência da realidade que se acercava. Os três irmãos já tinham idade suficiente para perceberem que poderiam ajudar em casa, tanto procurando trabalho quanto nos serviços domésticos.

Assim, Áurea começou a trabalhar aos 14 anos de idade, nas Lojas Americanas. Se lembra que por ser a mais nova entre as vendedoras era considerada a "mascote" delas:

Eu era a "menorzinha", elas falavam que eu era a mascote delas, das funcionárias. E elas que cuidavam de mim, que tinha um subgerente lá que vivia implicando com tudo. E quando ele ficava bravo comigo elas vinham e falavam assim: "Não, o seu Alfredo, com ela não. Tem dó, ela é a nossa mascote, a nossa menina." Protegia mesmo, elas me ajudavam.<sup>77</sup>

De todo modo, mesmo trabalhando Áurea não abriu mão de seguir com seus estudos. Como, na época, as escolas públicas não concediam cursos noturnos, a garota procurou um colégio particular que oferecesse oportunidade para continuar sua formação. Dessa maneira, Áurea matriculou-se no Colégio Metodista, onde finalizou o último ano do antigo ginásio e cursou também alguns anos do colegial, isto é, trabalhava durante o dia e estudava à noite. Segundo Áurea o emprego nas Lojas Americanas era suficiente para pagar o colégio e ao mesmo tempo sobrava dinheiro que era entregue a sua mãe. Junto a isso ajudava nos afazeres domésticos.

Áurea, João e Eli não eram exceção à regra no restante da família Moretti por trabalharem. As primas Célia e Cecília, que tinham as idades mais ou menos parecidas com as de Áurea e seus irmãos, já trabalhavam também: "Mas também a tia Maria que tinha a Célia e a Cecília. Ela tinha já colocado pra trabalhar, em lojas essas coisas."<sup>78</sup> Entretanto, não eram todos os familiares que viam com bons olhos o fato dela trabalhar como, por exemplo, a tia Amélia:

---

<sup>77</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo.** (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 17 de maio de 2014.

<sup>78</sup> Ibid.

A tia Amélia que era mais rica, né, é que não admitia, tinha vergonha. Um dia ela foi na Lojas Americanas e eu ficava no balcão dos alumínios[...].

Aí eu reconheci e falei: "Oi, tia Amélia". Ela virou, mas não virou pra mim. Ela virou e saiu. Aí uma delas (atendentes) falou: "Nossa, ela é tua tia?" Eu falei: "É, é minha tia Amélia." (risos) E ela saindo e acho que nunca mais entrou na Lojas Americanas.

Que era uma vergonha, porque ela era uma das mulheres, dessas mulheres que são religiosas, que são ricas, que, entendeu? E que gosta mesmo é de fazer pose.<sup>79</sup>

Para Áurea, a Tia Amélia era uma "mulher rica" e parece que, em sua cabeça, mulheres ricas desprezam o trabalho. Ou seja, a atitude de tia Amélia revela-nos que talvez para ela, devido a sua posição social, fosse absurdo um de seus familiares, ainda adolescente, trabalhar nas Lojas Americanas. Entretanto, não podemos comparar a condição econômica e social de Tia Amélia com a de Áurea. Se Tia Amélia desprezava mulheres que trabalhavam, era provavelmente por sua condição social. Visto que: "Basta aproximar-se da realidade de outrora para constatar que as mulheres pobres sempre trabalharam fora de casa."<sup>80</sup> E Áurea precisava trabalhar fora de casa, aliás, Áurea escolheu trabalhar para ajudar no sustento do lar e ver um familiar envergonhar-se dessa sua atitude a marcou.

Além disso, para ela outro motivo para a tia Amélia envergonhar-se da própria sobrinha era porque ela era uma mulher "religiosa". Apesar de Áurea não especificar a religião exata de sua tia, é muito provável que fosse uma religião de matriz cristã, visto a educação familiar de Áurea em que sua avó era católica e fazia questão que toda a família seguisse os ritos da religião. As religiões sempre propagaram uma visão androcêntrica, como aponta Bourdieu:

Quanto à Igreja, marcada pelo antifeminismo profundo de um clero pronto a coordenar todas as faltas femininas à decência, sobretudo em matéria de trajes, e a reproduzir, do alto de sua sabedoria, uma visão pessimista das mulheres e da feminilidade, ela inculca (ou inculcava) explicitamente uma moral familiarista, completamente dominada pelos valores patriarcais e principalmente pelo dogma da inata inferioridade das mulheres. Ela age, além disso, de maneira mais indireta, sobre as estruturas históricas do inconsciente, por meio sobretudo da simbólica dos textos sagrados, da liturgia e até do espaço

<sup>79</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo**. (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 17 de maio de 2014.

<sup>80</sup> FONSECA, Claudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: PRIORE, Mary Del & BASSNEZI, Carla. (orgs.). **História das Mulheres no Brasil**. 8. Ed. São Paulo: Contexto: Ed. UNESP, 2000. p. 517.

e do tempo religiosos [...] Em certas épocas, ela chegou a basear-se em um sistema de oposições éticas que correspondia a um modelo cosmológico para justificar a hierarquia no seio da família [...] e para impor uma visão do mundo social e do lugar que aí cabe à mulher por meio de uma verdadeira 'propaganda iconográfica'.<sup>81</sup>

Aliás, na década de 1950 era muito presente o imaginário compartilhado de que a mulher não seria apta ao mercado de trabalho. O fato de a mulher deixar de cumprir suas funções vistas como "naturais" para trabalhar fora de casa era considerado muitas vezes um atentado aos valores - aqui entra o papel da religião ao forjar esses valores - e à manutenção da ordem social. Isso era visto, por setores sociais mais conservadores, como um sintoma da desmoralização da sociedade da época. Bassanezi ressalta que:

[...] eram nítidos os preconceitos que cercavam o trabalho feminino nessa época. Como as mulheres ainda eram vistas prioritariamente como donas de casa e mães, a ideia de incompatibilidade entre casamento e vida profissional tinha grande força no imaginário social. Um dos principais argumentos dos que viam com ressalvas o trabalho feminino era o de que, trabalhando, a mulher deixaria de lado *seus afazeres domésticos* e suas atenções e cuidados para com o marido: ameaças não só à organização doméstica como também à estabilidade do matrimônio.<sup>82</sup>

De repente Áurea percebeu que estava há muito tempo fumando seus cigarros e pensando em sua família, em sua vida pregressa. Estar presa ajudava o trabalho de contemplação. Isso não quer dizer que ficava o dia todo à toa, afinal as normas dentro da "Torre das donzelas" eram bem rígida. As mulheres eram divididas em duplas e cada dia uma dupla ocupava uma função, limpar a cela, cozinhar, fazer reuniões, etc.

Mesmo assim, ainda tinha tempo para fumar seu cigarro e lembrar-se de seu passado. Ficava um pouco irritada quando vinha à cabeça a experiência vivida com Tia Amélia. Entretanto, para ela, presa política que lutava pelo socialismo, as coisas pareciam fazer mais sentido, pois sua tia "rica e religiosa" nunca estaria ao lado dos trabalhadores como ela. A tia Amélia não teve as mesmas experiências que ela com os trabalhadores rurais na infância, não trabalhou na adolescência para ajudar a sustentar a casa e muito menos estava preocupada se o país vivia sob uma ditadura ou não. Apesar da ponta de ressentimento que sentia da tia, no fim das contas tinha mais pena dela, presa aos fetichismos do capital.

<sup>81</sup> BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 11. ed. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 97-98

<sup>82</sup> BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: PRIORE, Mary Del & BASSANEZI, Carla. (orgs.). **História das Mulheres no Brasil**. 8. Ed. São Paulo: Contexto: Ed. UNESP, 2000. p. 624.

Não obstante, em seus relatos Áurea resgata diversos momentos que para ela foram cruciais para a sua formação enquanto militante revolucionária. Esses relatos fazem parte de uma construção que Áurea faz de si. Por exemplo, na escola em que estudou na Fazenda Perobas, Áurea salienta que:

[...] e isso foi uma coisa que me marcou. Por quê que eu tinha aquela casa e os outros não tinham? Por quê eu levava lanche e eles não tinham lanche pra tomar? Então eu comecei a repartir meu lanche, entende? E muitas vezes assim, criança que era espancada, chegava chorando na escola e a gente não era, né. Toda aquela diferença social mesmo, foi a primeira coisa que me tocou, depois já um pouco mais tarde, na adolescência eu não entendia por que que o fazendeiro, os fazendeiros, que não trabalhavam, tinham todo aquele luxo e o povo da roça mal tinha o que comer. E era tudo meeiro<sup>83</sup>, eles tinham que dar pro fazendeiro uma produção grande, e ficavam com pouca coisa.<sup>84</sup>

Em sua descrição Áurea lembra diversos momentos que, para ela foram cruciais para a sua formação enquanto militante revolucionária. A proximidade que teve com os trabalhadores e os valores rurais, de convivência em comunidade desde a infância, por exemplo, quando ainda moravam na casa ao lado do armazém, na fazenda Perobas. A percepção de que havia uma diferenciação social entre sua família e as dos trabalhadores da fazenda também habitam o imaginário criado por Áurea para forjar a sua própria personagem. Ou seja, para ela os valores rurais, somados à percepção que ela tinha das diferenças sociais, junto com a relação que os pais tinham com os trabalhadores, de ajuda e assistência a eles, teceram em Áurea um sentimento de dever frente aos que para ela seriam considerados injustiçados pela exploração de classes do capitalismo.

Do mesmo modo, o "confronto" com Tia Amélia é percebido como um momento-chave para a maturidade da então garota. Áurea apresenta um quadro em que a própria tia envergonha-se da sobrinha, que não parece muito, em um primeiro momento, entender as razões para tal. Num segundo momento ela aponta os prováveis

---

<sup>83</sup> adj. Diz-se do agricultor que trabalha em terras que pertencem a outra pessoa. Em geral o meeiro ocupa-se de todo o trabalho, e reparte com o dono da terra o resultado da produção. O dono da terra fornece o terreno, a casa e, às vezes, um pequeno lote para o cultivo particular do agricultor e de sua família. Fornece, ainda, equipamento agrícola e animais para ajudar no trabalho. Adubos, inseticidas e adiantamentos em dinheiro podem ocasionalmente ser fornecidos pelo dono da terra. No Brasil, a agricultura de meação ainda é muito praticada, principalmente nas regiões mais atrasadas. Disponível em: < <http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/meeiro/2265/>>. Acesso em: 01 jul. 2014.

<sup>84</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo**. (arquivo .3ga). Ribeirão Preto, 3 de maio de 2014.

motivos de tia Amélia, que era "dessas mulheres que são religiosas, que são ricas, que, entendeu? E que gosta mesmo é de fazer pose!". Isso demonstra que Áurea enxerga essa sua tia como o oposto daqueles que ela acreditava defender. A tia era rica, desvalorizava as pessoas que trabalhavam, preferia manter a aparência de riqueza ao invés de apoiar a própria sobrinha que, neste momento, passava por problemas dentro de casa e tentava fazer o que estava ao seu alcance para ajudar seus familiares. Em relação à religião, Áurea não demonstra nenhum tipo de repulsa às religiões, tanto que para ela a Igreja foi uma das principais razões pela qual ela e seus companheiros não foram mortos na tortura (retomaremos esse fato mais à frente). Entretanto, é nítido que Áurea vê no fato da tia ser religiosa um motivo para a atitude conservadora dela. Disso percebemos que Áurea entende que dentro das religiões há essa diferenciação entre os preocupados com injustiças sociais e uma elite mais preocupada, segundo ela, em "fazer pose".

### 1.3. Uma Mulher no Partidão

Aos poucos o relacionamento de Joaquim e Virgínia Moretti começou a apresentar melhoras e o pai voltou a ser mais presente em casa. A condição econômica da família melhorou e Áurea pode parar de trabalhar e voltou seu foco novamente aos estudos. Ela cursou, após o ginásio, o antigo curso científico no colegial, tendo ingressado posteriormente na Faculdade de Filosofia de Ribeirão Preto, hoje USP.

Bom, aí então já eu parei depois, saí, né. Saí da Lojas Americanas e fui fazer o curso científico no Otoniel Motta. Então, no terceiro ano, [...], que eu fui prestar Filosofia e passei. Saí na rádio (risos).<sup>85</sup>

Áurea soube de sua aprovação no vestibular, no curso de Filosofia, por uma vizinha. Na verdade, essa ouviu pelo rádio o nome de Áurea entre os convocados para a matrícula e foi correndo avisá-la. Áurea ficou animada com a notícia e fez a matrícula no curso que achava que seria o melhor para ajudá-la a entender aquela realidade que tanto chamava sua atenção. Em 1965 ingressou na Faculdade de Filosofia da USP. Nessa mesma universidade iniciou sua militância estudantil que desembocou em sua militância pelo socialismo. No primeiro ano de faculdade Áurea tomou contato com as

---

<sup>85</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo.** (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 17 de maio de 2014.

assembleias estudantis, com o movimento estudantil e participou de sua primeira manifestação.

A Faculdade de Filosofia passava por um transtorno financeiro, em consequência da economia do país que não andava muito bem. O curso de Filosofia teve diversas verbas cortadas. Isso fez com que os estudantes se mobilizassem para chamar a atenção da população para o que estava acontecendo com o curso. Os estudantes, então, vestiram-se com roupas esfarrapadas, conseguiram diversos chapéus de palha e foram à Praça XV, no centro de Ribeirão Preto, pedir esmolas para o curso de Filosofia para as pessoas que passavam. O recado era bem claro, já que o governo não liberava a verba, os estudantes decidiram que teriam que pedir esmolas para sustentar o curso.

E o que nós fizemos mais legal ainda é que nós acampamos na Praça XV pedindo esmola com chapéu pras pessoas, pra Faculdade de Filosofia. Isso é o que desmoralizou, e a imprensa pôs né, assim, que o governo do estado não mandava verba e então era assim, era uma afronta mesmo, mas muito criativo, muito bom.<sup>86</sup>

E Áurea adentrou aos poucos no movimento estudantil, até que chamou a atenção de estudantes que militavam no Partido Comunista Brasileiro (PCB). A partir da militância e por ter contato com algumas pessoas do movimento estudantil, Áurea foi convidada a ingressar no "Partidão".

Áurea já se posicionava contrária à ditadura. Um dia sua irmã, Roseli, chegou para Áurea e disse que sua amiga Angélica, militante do PCB precisava esconder alguns materiais considerados subversivos, visto que os militares estavam atrás da garota, devido à sua militância. Áurea disse que elas deveriam esconder os materiais em casa e levaram para ocultá-los no sótão da casa, sem que dona "Gina" e seu Joaquim ficassem sabendo. Quando a polícia prendeu Angélica em uma invasão à escola que ela estudava, não conseguiram achar nenhuma material que incriminasse a garota, visto que todo o material que ela tinha estava escondido na casa de Áurea. Segundo ela:

Mas aí ela não tinha nada na casa dela, então ela que intermediou a gente com o pessoal do partido [...]. E aí eu comecei a militância minha como estudante. Então eu participava das reuniões que reunia todas as universidades com representante de cada uma e eu era a única mulher, sô, ali. Quando era já uma reunião maior, já tinha a Nanci, tinha outras mulheres que participavam e aí nós formamos uma

---

<sup>86</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconte Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). Ribeirão Preto, 10 de dezembro de 2012.

comissão feminina dentro do Partido e começamos então a fazer festa, brincadeira dançante, tudo para arrecadar dinheiro para o partido.<sup>87</sup>

Dentro do Partido as estudantes, dentre elas Nanci Marietto, Áurea e Maria Aparecida dos Santos (também conhecida como Cidinha, filha de um histórico comunista de Ribeirão Preto, o Patrocínio dos Santos) decidiram que era hora de formarem uma comissão feminina. Assim, organizaram uma comissão que se ocupava primeiro em angariar fundos para o Partido através de festas e brincadeiras dançantes. Na verdade, acabavam buscando o espaço feminino, mas repetindo velhos moldes em que as mulheres são responsáveis por logística como angariar fundos, organizar festas, etc. Nesse ponto é importante salientar que Áurea considera como principais professores dentro do PCB três homens, Irineu de Moraes, Patrocínio dos Santos e Luciano Lepera. Ou seja, a comissão feminina dentro do Partido era coordenada por homens que faziam parte da cúpula do PCB de Ribeirão Preto. As moças não tinham uma mulher mais velha que estivesse na cúpula regional do Partido e que pudesse guiá-las nessa comissão. Luciano Lepera, que na época do golpe era deputado pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) proferiu uma palestra às jovens militantes do PCB sobre a mulher no pós-revolução em Cuba. Entretanto, quem dava as cartas e a tônica da discussão continuava sendo um homem.

Mesmo assim, as moças que faziam parte da comissão feminina começaram a levantar relevantes questões dentro do PCB e debater a importância da mulher na sociedade. Para Áurea os motivos da criação dessa comissão eram os seguintes:

Então, primeiro contra o domínio do homem, né. Pelo fato que o homem é que sustentava a casa, então ele tinha direito a tudo, tá. Inclusive de tudo mulher fora, tudo, e a mulher ter que se humilhar, ser humilhada e obedecer. A mulher tinha que obedecer o marido, ele era o dono de tudo. Então, isso é uma coisa que a gente questionava, mas que ao mesmo tempo a mulher também tinha que ter uma carreira, uma profissão, ou qualquer coisa assim. E até no sentido de que o marido não tinha direito de espancar filho e mulher, porque era isso que acontecia muito. Então começamos a luta assim [...]<sup>88</sup>

No início a comissão feminina do PCB causou estranhamento em alguns militantes, principalmente os mais antigos. Alguns achavam que a bandeira que elas começavam a hastear era desnecessária, que quando se atingisse o socialismo todos os

---

<sup>87</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo**. (arquivo .3ga). Ribeirão Preto, 3 de maio de 2014.

<sup>88</sup> Ibid.

tipos de exploração, assim como o machismo, seriam naturalmente extirpados. Outros defendiam que deveriam na verdade existir leis para amparar as mulheres. E foi o que elas começaram a fazer, procurar caminhos para o reconhecimento das mulheres enquanto agentes de suas próprias vidas. Todavia, a comissão feminina não teve muitos desdobramentos dentro do PCB, mesmo porque com as diversas dissidências, incluindo a da FALN, a maior parte das jovens que estavam no PCB foi para outras organizações.

Foi nas reuniões das comissões estudantis que Áurea conheceu Vanderley Caixe. Áurea já ouvira falar do jovem que fora expulso da Faculdade de Ciências Econômicas logo que irrompeu o golpe, em 1964, por ser presidente do Centro Acadêmico. Vanderley era um líder entre os estudantes de Ribeirão Preto, na Faculdade de Direito (hoje UNAERP) estava envolvido também no movimento estudantil e tinha iniciado um jornal de esquerda que ficou famoso entre os estudantes, o jornal "O Berro".

Era normal que a convivência entre os jovens que ingressavam na juventude do "Partidão" aumentasse. Ora, organizavam juntos debates, pautas, manifestações, protestos, etc. Mesmo quando atuavam no movimento estudantil, fazer parte do PCB era um fator que conectava esses jovens. O local em que se encontravam para concentrarem-se antes das manifestações era geralmente no Pinguim, antigo e tradicional bar ribeirão-pretano. Nessa convivência Áurea diz que aproximou-se aos poucos de Vanderley. A partir daí, segundo Áurea, iniciou-se aos poucos um relacionamento que sobreviveu à militância e à tortura, mas não à prisão.

Os militantes do PCB, tanto os antigos como os mais novos, organizaram diversas manifestações. A mais emblemática ocorreu em abril de 1965 quando foi votado e aprovado na câmara de Ribeirão Preto um projeto de lei que concedia a Lincoln Gordon, embaixador norte-americano no Brasil, o título de cidadão ribeirão-pretano. Estudantes organizaram uma manifestação contra esse que era considerado "a própria personificação física do imperialismo estadunidense no país".<sup>89</sup> Áurea estava entre os manifestantes, além dela encontravam-se outros estudantes que formariam, posteriormente, a FALN, como Vanderley Caixe. Áurea relata sua lembrança sobre o ocorrido:

Aí nós organizamos a "festa" pro Lincoln Gordon. Eu sei que o Vanderley até soltou bomba molotov lá no clube Recreativa, onde

---

<sup>89</sup> BOTOSSO, Marcelo. **FALN. A guerrilha em Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Holos, Editora, 2006. p. 53.



iriam recepcionar o homem. E nós, meninas, ajudamos a fazer as faixas, os cartazes e os bonecos. Os bonecos representavam o embaixador enforcado, que era pendurado nos postes e fios. O Patrocínio dos Santos, um antigo comunista, ensinou os meninos a jogar os bonecos nos fios elétricos, de maneira que só os bombeiros conseguiriam tirar. Então, eles pegaram o roteiro que o Lincoln Gordon ia fazer, do aeroporto à prefeitura, o roteiro inteiro, pois não havia outro caminho, outra via de acesso naquela época.<sup>90</sup>

Ao passo que as manifestações estudantis aumentavam, crescia também a repressão policial. Em Ribeirão Preto era costume que viesse do quartel de Pirassununga, militares para ajudar a conter as manifestações estudantis. As manifestações eram cada vez maiores e a repressão era cada vez mais violenta.

Muitas vezes, os estudantes foram amparados por religiosos durante os protestos, por exemplo, quando os deixavam entrar correndo na catedral, para fugirem da repressão violenta, dos sabres e cassetetes dos policiais. O arcebispo de Ribeirão Preto, Dom Felício da Cunha Vasconcelos e o padre Angélico Bernardino, que chegou a dirigir o jornal de esquerda "Diário de Notícias", davam suporte e proteção, quando podiam, aos estudantes. Se a manifestação era próxima à catedral "era uma beleza porque o arcebispo abria o portão da frente pros estudante entrar e segurava a polícia porque lá era território da Igreja e a polícia não podia entrar e os padres soltava a gente pelo fundo!"<sup>91</sup> Em uma das manifestações, o arcebispo chegou a ir até a Praça XV enfrentar os policiais militares, segundo Áurea:

Então o Arcebispo chegou um dia, Dom Felício da Cunha Vasconcelos, ele chegou um dia dele ir na Praça XV defender nós no meio da passeata e um (policial) que tava a cavalo empinou o cavalo em cima dele e o povo que tirou ele, tá.<sup>92</sup>

As manifestações assustavam também o pai de Áurea que se preocupava muito com a segurança da filha frente à brutalidade dos militares. Áurea e Cidinha estavam se preparando para a manifestação, já sabiam que além da polícia de Ribeirão Preto, o batalhão de Pirassununga também chegaria para ajudar na contenção. Os estudantes estavam em grande número e esperavam conseguir manifestar-se em paz. O que Áurea

<sup>90</sup> BOTOSSO, Marcelo. **FALN. A guerrilha em Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Holos, Editora, 2006. p. 53-54.

<sup>91</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconde Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). Ribeirão Preto, 10 de dezembro de 2012.

<sup>92</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Márcia Pereira da Silva**. (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 10 de maio de 2014.

não sabia é que seu pai, que estava viajando para Orlândia, ouviu no rádio que a manifestação sairia às 17h, no rádio também ouviu que o batalhão de Pirassununga estava "descendo". Desesperado, deu meia-volta na estrada com seu veículo, foi para casa, pegou seus filhos, no caso irmãos de Áurea, e disse que eles tinham que ajudá-lo a tirá-la da manifestação. Áurea relata que:

[...] e meu pai conseguiu me pegar, mas a Cidinha escapou. Os meninos correram atrás da Cida, não conseguiram pegar a Cida. Aí ele me segurava: "Me solta, pai. Aí eu fico até com vergonha, que que é isso?". Veio o jipe assim, ele me jogou num portão e me cobriu com o corpo dele, olha. E falou: "Se vier a bala vem para mim, você não!"<sup>93</sup>

À medida que as manifestações estudantis aumentavam, crescia também a repressão por parte da ditadura. Ao passo que a ditadura tornava-se mais fechada nas mãos dos militares, aumentava a repressão policial às manifestações. Os diversos Atos Institucionais, que cessaram com os direitos democráticos, a liberdade de imprensa e as liberdades individuais, o acordo MEC-USAID e a Lei Suplicy que visavam desestruturar o movimento estudantil, a perseguição, a tortura e a prisão de militantes políticos eram exemplos de que a ditadura pretendia eliminar seus opositores.

Para os jovens militantes do PCB, o Partido também não dava a resposta que eles desejavam, ou seja, partir para a ofensiva direta contra a ditadura. Como já apontado anteriormente, o "Partidão" manteve sua posição de atingir o socialismo pela via democrática e negou-se a pegar em armas para derrubar a ditadura. Houve, segundo Martins Filho, uma:

[...] profunda crise de credibilidade que atingiu o PCB no seio da esquerda, após a derrota de abril de 1964. No plano de sua direção, a intensa luta interna resultaria na formação de várias organizações defensoras da luta armada, com a saída de importantes líderes do partido, no final de 1967. Por sua vez, as bases estudantis comunistas permaneceram no PCB por pouco tempo, vindo a formar as Dissidências universitárias em 1966-67.<sup>94</sup>

Em Ribeirão Preto as sangrias do PCB também ocorreram. Os primeiros militantes que deixaram o Partido foram os que formaram as Forças Armadas de Libertação Nacional (FALN). Dentre eles estavam Áurea Moretti, Vanderley Caixe,

<sup>93</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo**. (arquivo .3ga). Ribeirão Preto, 3 de maio de 2014.

<sup>94</sup> MARTINS FILHOS, João Roberto. **Movimento Estudantil e Ditadura Militar: 1964-1968**. Campinas: Papyrus, 1987. p. 180

Nanci Marietto e outros. Na verdade, após a expulsão de Vanderley, que era um líder entre os jovens do PCB, muitos saíram do Partido. Alguns militantes foram para a ALN, como é o caso de Maria Aparecida dos Santos, a Cidinha.

## CAPÍTULO 2

### A FORMAÇÃO DA "GUERRILHEIRA"

*Quem tem consciência para ter coragem*

*Quem tem a força de saber que existe*

*E no centro da própria engrenagem*

*Inventa a contra-mola que resiste*

*Quem não vacila mesmo derrotado*

*Quem já perdido nunca desespera*

*E envolto em tempestade decepado*

*Entre os dentes segura a primavera*

*(Primavera nos Dentes - João Ricardo e  
João Apolinário)*

Ficou decidido então. Áurea e Marlene entrariam em greve de fome pelos presos transferidos do Presídio "Tiradentes", mesmo que os outros, tanto homens como mulheres não aderissem. "Vou me solidarizar sim"<sup>95</sup>, disse ela. Pensou ela que não vislumbrava outra possibilidade, não permaneceria imóvel sem saber o que acontecia com seus companheiros, não suportaria a notícia do assassinato ou, pior, desaparecimento de algum deles e saber que não fez nada. Mesmo que dissessem que era irracional, que não daria resultados, que não valeria à pena. "Se você é capaz de tremer de indignação a cada vez que se comete uma injustiça no mundo, então somos companheiros!" diria o "Che", e Áurea era uma indignada por natureza, nunca deixou de se solidarizar frente às injustiças e não seria agora que se abateria.

Não fraquejaria, se resistiu até aqui, se sobreviveu ao pior, sobreviveria um pouco mais. Não aceitou passivamente a escalada de repressão dos militares, rompeu com o PCB e, juntamente com outros militantes fundou uma organização armada em

---

<sup>95</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Márcia Pereira da Silva.** (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 10 de maio de 2014.

Ribeirão Preto. A militância, seu ideal e a subversão foram para ela energia para sobreviver. Fazer o que achava correto, lutar pelos injustiçados, por igualdade, pelo socialismo: foi isso que fez com que a moça de aspecto frágil quebrasse com os estereótipos e iniciasse junto a outros jovens a luta armada, que imaginavam que seria o caminho para derrotar a ditadura.

## 2.1. Florescer de uma organização

Áurea recordava-se com ternura e uma proximidade que apenas o coração possibilitava, o sentimento de altivez que carregava ao sair de casa com seu banquinho de protestos e ir à Praça XV, no centro de Ribeirão Preto-SP, acusar os ditadores que estrangulavam a cada dia as liberdades democráticas. Foi em 1967 que os fundadores da FALN romperam com o "Partidão" e iniciaram o sonho romântico da luta armada.

Vanderley Caixe viajou a São Paulo a fim de encontrar Carlos Marighella, já visto como um dos maiores inimigos da ditadura, mesmo antes de fundar a ALN. Em plena Avenida Paulista, Marighella sentou-se ao lado de Vanderley para dar indicações de como deveriam agir "[...] ele... o cara mais procurado do Brasil, mas andando legalmente com uma peruca que ele colocava na cabeça e a conversa com ele foi rápida."<sup>96</sup>. O revolucionário disse que ainda não era o momento de sair do PCB, que aguardariam uma debandada massiva para construir a luta armada. Ressaltou também, ao ser questionado por Vanderley, que as armas estavam no coldre dos soldados, nos quartéis, acabando com a ilusão do estudante de direito de que Marighella trouxera armas de sua última viagem a Cuba, onde participou da I Conferência da Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS).

Se Marighella falava que não era hora de debandar do "Partidão", fez a hora o comitê regional de Ribeirão Preto. Ou seja, se ainda não era o momento de rachar, provavelmente não pensaram o mesmo os diretores regionais do PCB sobre a permanência de Vanderley Caixe. Não aprovaram a atitude do estudante de viajar a São Paulo e se encontrar com o revolucionário. Os líderes do "Partidão" em Ribeirão Preto convocaram Vanderley para uma reunião assim que ele retornou de São Paulo.

---

<sup>96</sup> CAIXE, Vanderley. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconde Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). Ribeirão Preto, 11 de dezembro de 2011.

Vanderley diz na reunião foi expulso do Partido por indisciplina e ligação a grupo dissidente.

Expulso, Vanderley acusou o caráter burocrático e imóvel dos líderes do PCB frente aos avanços autoritários da ditadura que fechava o cerco contra seus inimigos. O jovem estudante chamou para si a responsabilidade de continuar a luta, que para ele estava estagnada pelos atuais dirigentes do "Partidão". Por isso, ao final da reunião em que foi expulso disse: "Oh, o Partido agora sou eu!"<sup>97</sup>. Claro que Vanderley não virou o PCB e nem vice-versa, mas essa frase corresponde a um imaginário compartilhado pelos dissidentes naquele período que aderiram à luta armada. Para esses militantes, o Partido não estava cumprindo com suas responsabilidades revolucionárias e muito menos correspondendo às necessidades de resistência frente aos avanços do autoritarismo. Parece que em sua cabeça, Vanderley sentia-se, frente aos dirigentes que o expulsavam do Partido, como o único que naquele momento e local estava de acordo com os ideais de enfrentamento direto contra o capitalismo. Para os revolucionários, naquele contexto, a luta pela nomenclatura do Partido Comunista Brasileiro não fazia mais sentido. Para eles era essencial enfrentar a ditadura e fazer a revolução. "A ação faz a vanguarda", dizia Marighella.

Desse modo, após sua expulsão, Vanderley organizou junto a secundaristas e universitários uma reunião com aproximadamente 50 pessoas na antiga loja de seu falecido avô, no centro da cidade. A maioria dos presentes concordou que não havia mais espaço para o enfrentamento político na estratégia defendida pelo "Partidão". Com a expulsão de Vanderley muitos estudantes também encontraram o momento ideal para se desligarem do PCB, dentre essas pessoas estava a Áurea. Para esses dissidentes as obras do Che Guevara, principalmente a "Revolução Cubana", e de Régis Debray, "Revolução na Revolução", junto com "O Manual do Guerrilheiro Urbano" de Marighella tornaram-se leituras e, conseqüentemente, estratégias indispensáveis para o "sucesso revolucionário", propostas veementemente rechaçadas pelos dirigentes do "Partidão".

O florescer da organização era intenso, romântico e apaixonado, assim como, a relação de Áurea e Vanderley. Saíram juntos do PCB e formavam uma organização que, para eles, era capaz de combater todas as injustiças perpetradas pela ditadura. Para eles

---

<sup>97</sup> CAIXE, Vanderley. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconde Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). Ribeirão Preto, 11 de dezembro de 2011.

faltava agora edificar uma organização que apontasse para a população explorada os caminhos e as armas necessárias para derrubar a ditadura e caminhar rumo ao socialismo.

Precisavam, então, dar os primeiros passos para estruturar a organização. Iniciaram a procura por membros mais experientes e foi assim que chegaram a Mario Bugliani. Antigo militante comunista, líder entre trabalhadores rurais num município próximo, Sertãozinho, Mário, homem sério, com a pele queimada de sol, calos nas mãos e a rigidez que o trabalho rural exhibe, tornou-se uma referência para aqueles jovens<sup>98</sup> e também um amigo muito próximo. Áurea relata seu carinho por Mário:

E o Mário Bugliani [...] é outra pessoa que é especial. Porque ele assim, parece que é comunista de pai e mãe, já nasceu comunista. Camponês, sempre foi preso pela polícia aqui, por causa das greves de antes de 64. Ele que tirava as greves no campo. E ele não casou porque ele queria dedicar a vida dele à revolução, então ele falou: "Não vou constituir família". Não casou.<sup>99</sup>

A adesão de Mario possibilitou uma rápida estruturação da organização e, dessa maneira, criaram um grupo dirigente. Uma composição totalmente vertical, que buscava na militarização e na disciplina organizar a Frente de Libertação Nacional, que depois ganhou um nome mais militarizado, Forças Armadas de Libertação Nacional (FALN). A direção da organização estava dividida em três setores: "inteligência e coordenação", representadas por Vanderley Caixe que, nesse caso, seria também o ponto final de todas as informações do grupo; "logística", que era coordenada por Áurea, Gonzaga (Luiz Gonzaga da Silva) e o Sílvio (Rangel); e o "pessoal do campo", responsáveis pelos treinamentos, chefiados pelo "capitão do mato", Mário Bugliani.

Áurea coordenava uma das frentes da FALN, era a única mulher na organização a comandar uma frente. Entretanto, a coordenação geral e liderança eram principalmente exercidas por Vanderley Caixe. "E assim, no fim eu era a única mulher. A única mulher na coordenação, que tinha muitas companheiras..."<sup>100</sup> No processo da FALN foram autuadas 49 pessoas, desse montante, quatro, ou seja (8,2%) eram

<sup>98</sup> A FALN foi uma das organizações com maior número de membros abaixo de 27 anos (58,7%) - RIDENTI, Marcelo. **O Fantasma da Revolução Brasileira**. 2. Ed. São Paulo: Editora UNESP, 2005. p. 280.; E com grande percentual de jovens entre 19 e 21 anos (30,44%). RIDENTI, Marcelo. **O Fantasma da Revolução Brasileira**. 2. Ed. São Paulo: Editora UNESP, 2005. p. 116.

<sup>99</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Márcia Pereira da Silva**. (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 10 de maio de 2014.

<sup>100</sup> Ibid.

mulheres. Além de Áurea foram processadas Madre Maurina Borges da Silveira, Nanci Marietto e Leila Bosqueto.<sup>101</sup>

As organizações de esquerda brasileiras em geral possuíam uma quantidade maior de homens, comparado ao de mulheres, ou seja, era um meio predominantemente masculino. Marcelo Ridenti aponta que o número de mulheres nas organizações girava em torno de 16% a 18% do total dos processados judicialmente entre os anos de 1960 e 1970.<sup>102</sup> Segundo Ridenti:

Não obstante, a participação feminina nas esquerdas armadas era um avanço para a ruptura do estereótipo da mulher restrita ao espaço privado e doméstico, enquanto mãe, esposa, irmã e dona de casa, que vive em função do mundo masculino.<sup>103</sup>

Dessa forma, a despeito de aparentar ser relativamente pequeno, o número de mulheres nas organizações políticas de esquerda é relevante. Mesmo que o senso comum existente na época sobre a mulher enquanto agente político fosse demasiadamente pejorativo, principalmente porque perpassava uma visão androcêntrica de mundo altamente influenciada pela "dominação masculina", muitas mulheres brasileiras aderiram às organizações de extrema esquerda.

A "dominação masculina", conceito desenvolvido por Pierre Bourdieu em seu livro de mesmo nome, demonstra que há uma dominação simbólica masculina imposta a todos e em todos os âmbitos dentro da sociedade. O autor chama a atenção para um olhar mais crítico do referencial feminino, uma vez que ele é inexoravelmente influenciado, em todas as etapas de sua vida, por essa "submissão paradoxal", em que a violência simbólica, mesmo que por vezes invisível, revela-se constante ao passo que se aprofunda a análise do feminino. Para ele, isso é a construção social dos corpos através da visão biológica e sexuada que a sociedade estabelece entre os gêneros:

[...] é a concordância entre as estruturas objetivas e as estruturas cognitivas, entre a conformação do ser e as formas do conhecer, entre o curso do mundo e as expectativas a esse respeito, que torna possível esta referência ao mundo que Husserl descrevia com o nome de 'atitude natural', ou de 'experiência dóxica' - deixando, porém, de lembrar as condições sociais de sua possibilidade. Essa experiência apreende o mundo social e suas arbitrarias divisões, a começar pela divisão socialmente construída entre os sexos, como naturais,

<sup>101</sup> Processo 198/69, vol. 01 fls. 1C, 1D e 1E.

<sup>102</sup> RIDENTI, Marcelo. **O Fantasma da Revolução Brasileira**. 2. Ed. São Paulo: Editora UNESP, 2005. p. 281. (quadro 6).

<sup>103</sup> Ibid., 197.



evidentes, e adquire, assim, todo um reconhecimento de legitimação.<sup>104</sup>

O teórico francês aprofundou sua análise afirmando "que o princípio masculino é tomado como a medida de todas as coisas".<sup>105</sup> Dessa maneira, o elemento feminino não é enxergado a partir de pressupostos próprios, pelo contrário, é visto sempre em relação ao elemento masculino e isso acaba por criar uma visão deteriorada da mulher, não enquanto ser independente, mas sim enquanto dependente do elemento masculino para ser definido.

Para ele ainda há uma divisão social dos órgãos sexuais que também está naturalizada. Ao passo que essa divisão parte apenas da análise dos próprios corpos, acabam por justificar as diferenças como naturais e não sociais.<sup>106</sup> A própria noção social dos órgãos genitais determina e generaliza as capacidades masculinas e femininas sem levar em consideração individualidades, porque além de opor falo e vagina, determina que o primeiro seria positivo, duro, cheio, e a segunda negativa, mole e vazia, numa lógica de sujeição para ser preenchida. Ou seja, seria a "representação da vagina como um falo invertido"<sup>107</sup>, e, portanto, impõe um nexo de necessidade e dependência inexorável do feminino em relação ao masculino. Segundo Bourdieu:

É igualmente através da divisão sexual dos usos legítimos do corpo que se estabelece o vínculo (enunciado pela psicanálise) entre o falo e o *lógos*: os usos públicos e ativos, de parte alta, masculina do corpo - fazer frente a, enfrentar, frente a frente [...], olhar no rosto, nos olhos, tomar a palavra *publicamente* - são monopólio dos homens; a mulher, [...], deve de algum modo renunciar a fazer uso público do próprio rosto e de sua palavra [...].<sup>108</sup>

Ao passo que homens e mulheres estão inseridos nessa ordem social, ambos são influenciados pela lógica de diferenciação advinda do gênero sexual. Por conseguinte, estão suscetíveis à alienação simbólica e, ao naturalizar o que foi construído historicamente, cristalizam-se hábitos cotidianos androcêntricos que podem perdurar mesmo quando seriam dispensáveis na estrutura social. Dessa maneira, a diferença anatômica dos órgãos sexuais somada à diferença biológica dos corpos masculinos e

<sup>104</sup> BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 11. ed. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p.11.

<sup>105</sup> Ibid., p. 17

<sup>106</sup> Ibid., p. 14.

<sup>107</sup> Ibid., p. 17.

<sup>108</sup> Ibid., p. 20-21

femininos é, segundo a visão de Bourdieu, utilizada como explicação para diferenciarem-se socialmente os gêneros. Assim, "o mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes."<sup>109</sup>

Bourdieu ainda demonstra que o poder simbólico, carregado de violência e determinação simbólica dos corpos, exercido pelo machismo não é necessariamente estampado e facilmente perceptível em todos os âmbitos. Por ser simbólico, ele é ao mesmo tempo invisível e indelével, estrutural e cotidiano, público e privado. Para o autor:

[...] o princípio da visão dominante não é uma simples representação mental, uma fantasia ('ideias na cabeça'), uma 'ideologia', e sim um sistema de estruturas duradouramente inscritas nas coisas e nos corpos.<sup>110</sup>

Desse modo, era senso comum até os anos 1950 que o homem era mais adequado ao espaço público, às atividades que garantiriam o sustento financeiro do lar, a atuação política. A mulher, do outro lado, ocuparia o âmbito privado, ou seja, cuidar da casa, da família, dos filhos. Esse pensamento, essa maneira de enxergar o mundo, e a consolidada divisão entre os gêneros influenciou e ainda influencia mulheres em todas as idades, sendo ensinada a forma "correta" de "agir como mulher" desde os primeiros anos de vida. Dessa maneira, é como se a representação da *feminilidade* perpassasse uma "vocação prioritária", algo inerente e natural da mulher, como a maternidade e vida doméstica, ao ponto que a busca da felicidade e o caminho natural a seguir fossem o de conciliadora e mantenedora do lar. Tornar-se mãe e esposa, portanto, seria o objetivo final de sua educação e só assim ela alcançaria a felicidade, vista em plenitude no momento do matrimônio, ou seja, quando encontrasse um "bom marido" para sustentá-la. Enquanto que a masculinidade é definida como a força, o espírito de aventura e a participação na vida pública, isto é, no mercado de trabalho, na política, etc.<sup>111</sup>

São, portanto, presentes nas mentes das pessoas determinadas características que definem a *feminilidade* e a *masculinidade* e isso acaba por instaurar quais características encaixam-se nas atitudes que um homem ou que uma mulher deve ter. De modo que, na

<sup>109</sup> BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 11. ed. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 12.

<sup>110</sup> Ibid., p. 47-48.

<sup>111</sup> BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: PRIORE, Mary Del & BASSANEZI, Carla. (orgs.). **História das Mulheres no Brasil**. 8. Ed. São Paulo: Contexto: Ed. UNESP, 2000. p. 609-610.

maioria das vezes, por generalizar as características, esse discurso não respeita as diferenciações psíquicas e mesmo genéticas de cada indivíduo.

Houve, desse modo, uma "categorização de gênero" que determinou as diferenças entre as funções exercidas por homens e as que deveriam ser efetuadas por mulheres. Em vista disso, ao analisarmos que a visão que a sociedade tem de si parte de um eixo central focalizado no masculino, a categorização tende a ser imposta no sentido de deterioração das atividades que podem ou não ser exercidas pelas mulheres. Ao passo que destina às mulheres funções "mais de acordo com suas aptidões", a categorização lança-se em detrimento das capacidades femininas e tende a impor às mulheres funções vistas como secundárias ou coadjuvantes no todo social. Marina Maluf ressalta que:

Examinar a realidade exclusivamente através de esferas separadas pode significar o confinamento da mulher a certas funções que são sempre representadas como alheias àquilo que é socialmente valorizado. Confiná-la exclusivamente ao espaço da domesticidade, ou a uma visão que se tem das atividades da porta para dentro pode redundar no não-reconhecimento de seu trabalho (e do tempo socialmente gasto nele), de sua influência, seu poder não formalizado e suas pressões sobre o conjunto do grupo social.<sup>112</sup>

Chegamos, portanto, a duas conclusões: primeiro, que a categorização tende a confinar as mulheres em atividades impostas a elas exteriormente, que ao longo do tempo tende a naturalizarem-se e tornarem-se ponto comum no todo social; e segundo que esse confinamento inclina-se a desvalorizar as atividades exercidas por mulheres frente às possibilidades de atuação masculinas.

Dessa lógica, surge o imaginário compartilhado de que a mulher não seria apta ao mercado de trabalho, sendo considerado muitas vezes, ao longo de boa parte do século XX, um atentado aos valores e à manutenção da ordem social, o fato da mulher deixar de cumprir suas "funções naturais" para trabalhar fora de casa. Isso era visto, por setores sociais mais conservadores, como um sintoma da desmoralização da sociedade, na década de 1950. Para Carla Bassanezi:

[...] eram nítidos os preconceitos que cercavam o trabalho feminino nessa época. Como as mulheres ainda eram vistas prioritariamente como donas de casa e mães, a ideia de incompatibilidade entre casamento e vida profissional tinha grande força no imaginário social. Um dos principais argumentos dos que viam com ressalvas o trabalho

---

<sup>112</sup> MALUF, Marina. **Ruídos da Memória**. São Paulo: Siciliano, 1995. p. 201.

feminino era o de que, trabalhando, a mulher deixaria de lado *seus afazeres domésticos* e suas atenções e cuidados para com o marido: ameaças não só à organização doméstica como também à estabilidade do matrimônio.<sup>113</sup>

Vista como incapaz de exercer as mesmas funções que o homem, a mulher não era bem vista socialmente, a partir do momento que buscava independência financeira, ou uma carreira a fim de ocupar postos no mercado de trabalho e independência do marido.

Essa dominação simbólica masculina foi refletida na sociedade dos anos 1960 e 70, assim como, e inexoravelmente, nos diversos grupos de esquerda. Como dito anteriormente, as organizações armadas de caráter socialista, ou comunista, estavam mais preocupadas com as "questões gerais" da luta de classes do que com a emancipação feminina diante do machismo. Para eles, os mais de 80% de homens nos grupos e partidos de esquerda, a emancipação da mulher ocorreria num momento posterior.

Entretanto, isso não fez da participação feminina menos relevante ou subjugada. Precisando combater o machismo dentro das próprias organizações de esquerda, as mulheres fizeram impor sua relevância política. Áurea é um claro exemplo disso, visto que foi uma das principais personagens revolucionárias da FALN em Ribeirão Preto. Além de Áurea, outras mulheres tornaram-se expoentes em outras organizações de extrema-esquerda da época.

## 2.2. Mulheres Revolucionárias

Mesmo que muitos preconceitos cercassem o imaginário sobre a participação política feminina houve, como apresentado anteriormente, um número relevante de mulheres nas organizações armadas de esquerda. A participação feminina dentro das organizações foi variada e esse tópico possui o intuito de apresentar algumas dessas participações.

Provavelmente a representação que mais habitou o imaginário sobre a mulher guerrilheira urbana foi a "loura da metralhadora" ou "loira da metralhadora". A peruca

---

<sup>113</sup> BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: PRIORE, Mary Del & BASSANEZI, Carla. (orgs.). **História das Mulheres no Brasil**. 8. Ed. São Paulo: Contexto: Ed. UNESP, 2000. p. 624.

loira era usada pelas mulheres para não serem reconhecidas nas ações dentro das cidades, como sequestros, assaltos a bancos, caixas fortes, etc. E essa imagem da "loira dos assaltos" foi difundida largamente pela imprensa e também utilizada pela repressão para criar um estereótipo da guerrilheira urbana.

É difícil precisar exatamente quem era "a" loira nas diversas ações destacadas pela mídia. Entretanto, encontramos pelo menos duas mulheres que foram consideradas as perigosas e armadas "louras da metralhadora". Uma delas seria Vera Sílvia de Araújo Magalhães, universitária e militante do Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8), a outra seria Maria José Nahas que integrava os Comandos de Libertação Nacional (COLINA), que atuava principalmente em Minas Gerais.

Vera foi uma das primeiras mulheres a ingressar na luta armada no Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8). Ela participou de diversas ações pela organização, sendo o sequestro do embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Charles Burke Elbrick, a mais importante. Teles e Leite fazem uma rápida biografia da participação de Vera no MR-8:

Vera Silvia de Araújo Magalhães (1948-2007), foi uma das jovens universitárias que se transformaram em guerrilheiras, logo após a edição do AI-5. Tinha, então, 21 anos de idade [...] Pertencia ao Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) e foi a primeira mulher de sua organização a se incorporar à luta armada. A imprensa tradicional, com o objetivo de desmoralizar a jovem revolucionária, a chamava de "a terrível mulher loira" ou a "loira 90", como se ela carregasse duas metralhadoras ao mesmo tempo.<sup>114</sup>

Outra revolucionária que recebeu semelhante alcunha foi Maria José Nahas. Tamanha a obsessão dos agentes da repressão com a imagem da "loira terrorista", Maria José relatou para Maria Cristina Leite que foi interrogada até que admitisse ser a referida "loira":

A participação de Maria José Nahas no comando armado do COLINA, e nos demais assaltos, tornou-a conhecida com a "Loura da Metralhadora". Ela foi talvez, a primeira das várias outras existentes nas organizações. A peruca loira sempre foi usada para despistar a polícia. A presença feminina na guerrilha causou a formação de uma imagem sexualizante da militante, muito em função do imaginário anticomunista difundido. Seria a antítese das mulheres que marcharam

---

<sup>114</sup> TELES, Amelinha; LEITE, Rosalina Santa Cruz. Da guerrilha à imprensa feminista: a construção do feminismo pós luta armada no Brasil (1975 – 1980). São Paulo: Editora Intermeios, 2013. p. 34.

"com Deus e pela Liberdade" a favor do golpe em 1964. Há clara alusão ao estereótipo de prostituta.<sup>115</sup>

Claro, a presença de uma mulher era... E aí saiu na imprensa a questão da loura. Era a Loura, a loura dos assaltos, a loura de Sabará. E quando eu fui presa, nossa! Eu fui interrogada dias para afirmar que eu era loura, se seu usava botas, se [tinha] um vestido verde esvoaçante. E eu fui enrolando aquilo, no final eu falei assim: 'Gente, se é tão importante para vocês eu ser loura, tá ok! Eu sou loura, tudo bem'. Tava de botas e tava com um vestido, só que nada disso é verdade.<sup>116</sup>

Criou-se, então, o mito da "loira da metralhadora" que, segundo Ridenti revela:

A ruptura das militantes de extrema esquerda com o papel de "dona-de-casa-mãe-esposa" evidencia-se nas reportagens da grande imprensa na época, que criou o mito da diabólica e, paradoxalmente, atraente "loira dos assaltos", transgressora das regras sociais de comportamento feminino.<sup>117</sup>

Portanto, a representação da "loira da metralhadora" era diametralmente oposta à mulher da "família cristã". Desse modo, criou-se uma simbologia dessas mulheres que recusavam o papel de "dona-de-casa-mãe-esposa" e que seriam o oposto das mulheres cristãs que marcharam pela família, com Deus e pela liberdade, antes do Golpe e que apoiaram o Golpe de 1964. Em consequência, construía-se também uma representação de alusão que se fazia a essas mulheres como se elas fossem prostitutas, por negarem os valores e tradições cristãs, tendo sido sexualizadas ao serem taxadas de mulheres "diabólicas e, paradoxalmente, atraentes". Portanto, construía-se uma representação de dualidade, uma visão maniqueísta que estereotipava, de um lado, a mulher que seguia os preceitos, as tradições e os valores cristãos e do outro, as mulheres que não seguiam esses preceitos e que, conseqüentemente, eram taxadas de prostitutas.

Além disso, a construção da imagem da mulher subversiva desviava o foco político de suas ações nas organizações guerrilheiras. Notamos que ambos, homens e mulheres, nunca eram reconhecidos enquanto revolucionários que lutavam por algum ideal, na verdade eram vistos como terroristas, subversivos, etc. Contudo, no tocante a essa pesquisa nos concentramos na imagem que foi construída das mulheres

<sup>115</sup> LEITE, Maria Cristina. A cultura política comunista: múltiplas facetas no discurso de seus militantes radicais. In: Encuentro Nacional, 9.; Congreso Internacional de Historia Oral de la República Argentina, 3. "Los usos de la Memoria y la Historia Oral", 2009, Buenos Aires. **Anais**. p. 16. Disponível em: <<http://historiaoralargentina.org/attachments/article/eho2009/Memoriaypolitica/Leite-Isabel.pdf>>

<sup>116</sup> NAHAS, Maria José. Depoimento cedido a Maria Cristina Leite. In: *Ibid.* p. 16.

<sup>117</sup> RIDENTI, Marcelo. **O Fantasma da Revolução Brasileira**. 2. Ed. São Paulo: Editora UNESP, 2005. p. 203.

revolucionárias. No caso delas, eram "diabólicas", "atraentes", conhecidas como "terrível mulher louira", "a louira 90", "a louira da metralhadora", ou até mesmo chamadas de "belas do terror". Isto é, havia uma erotização da mulher "subversiva", "terrorista" e, desse modo, observamos que a erotização das mulheres revolucionárias era um discurso utilizado, principalmente pela imprensa, que afastava o aspecto político de suas ações. Para Ridenti:

Uma das primeiras mulheres que a imprensa estereotipou como a "bela do terror", pois haveria outras "belas", declarou que os jornais não publicavam sua efetiva ou suposta participação em ações armadas específicas, apenas sua foto com a legenda "bela do terror". "Conclui que, por ter sido uma das primeiras guerrilheiras a serem descobertas pela polícia e pela imprensa, a acusação contra mim era ser mulher".<sup>118</sup>

As organizações de extrema-esquerda que atuavam nas cidades possuíam um imaginário voltado na verdade para a edificação da guerrilha rural. Isso quer dizer que, havia um choque identitário, pois apesar da maior parte das organizações de extrema-esquerda do período atuassem principalmente nas cidades, os revolucionários enxergavam essa atuação cidadina como temporária e necessária para que conseguissem preparar e edificar a guerrilha rural. Assim, havia uma prática de guerrilha urbana, que na verdade visava alcançar a guerrilha rural. Por isso nota-se em diversas organizações de esquerda a larga influência de teorias como o *foquismo* e o *maoísmo*, teorias de revolução essencialmente rural.<sup>119</sup> Segundo Silva:

A questão do choque identitário se caracterizou pelo antagonismo entre as teorias revolucionárias de cunho rural em contrapartida com as práticas armadas de caráter citadino. Explica-se: os militantes que integraram os grupos guerrilheiros, em sua maioria, não desconheciam o fato de que eram tipicamente urbanos e exerciam as funções guerrilheiras nas cidades, entretanto, no imaginário dos partícipes da luta armada, permeava, de maneira intensa, a concepção de guerrilha rural, fazendo com que os guerrilheiros urbanos almejassem executar o processo revolucionário no campo em

---

<sup>118</sup> RIDENTI, Marcelo. **O Fantasma da Revolução Brasileira**. 2. Ed. São Paulo: Editora UNESP, 2005. p. 203. apud . COSTA, A. de O. et al. (Org.). **Memórias das mulheres do exílio**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 208.

<sup>119</sup> Para mais informações sobre essa discussão: SILVA, Fabrício Trevisan Florentino da. **História e Guerrilha: Entre a tradição rural e a prática urbana**. O Brasil das décadas de 60 e 70 do século XX. 2012. 111f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2012.

detrimento das atividades promovidas em esfera cidadina, considerando-as temporárias.<sup>120</sup>

Dessa maneira, temos como principais expoentes de organizações que tentaram, de alguma forma, empreender a guerrilha rural o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e a Ação Popular (AP), por exemplo. Assim, no início da década de 1970 o PCdoB principiou próximo ao rio Araguaia, na floresta Amazônica, uma movimentação que posteriormente ficou conhecida como "Guerrilha do Araguaia"<sup>121</sup> e contou com diversos integrantes da AP, que aos poucos também se encaminharam para a região. Ridenti define os pólos teóricos de revolução que defendiam PCdoB e AP:

O PCdoB e a AP, proponentes da "guerra popular prolongada" como o "cerco das cidades pelo campo", abstiveram-se de ações armadas nas cidades. [...] No tocante à constituição da guerrilha rural, dois eram os pólos teóricos que atraíam os grupos de esquerda: o guevarismo e o maoísmo, com várias posições híbridas entre eles.<sup>122</sup>

De todo modo, constatamos que nessas organizações, PCdoB e AP, havia também a participação direta de diversas mulheres. No caso do PCdoB, Dinalva Oliveira Teixeira, foi uma importante militante da "Guerrilha do Araguaia". Ela chegou à região em 1970 tendo ocupado o cargo de vice-comandante de destacamento. "Dina", como ficou conhecida entre os revolucionários e os moradores da região, foi capturada e executada por militares em 1974. Corrêa aponta que:

<sup>120</sup> SILVA, Fabrício Trevisan Florentino da. **História e Guerrilha: Entre a tradição rural e a prática urbana**. O Brasil das décadas de 60 e 70 do século XX. 2012. 111f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2012. p. 12

<sup>121</sup> Existem várias versões para o que ocorreu na região do rio Araguaia na época da Guerrilha: STUDART, Hugo. **A lei da selva: estratégias, imaginário e discurso dos militares sobre a guerrilha do Araguaia**. São Paulo: Geração Ed., 2006.; CAMPOS FILHO, Romualdo Pessoa. **Guerrilha do Araguaia – Esquerda em Armas**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1997.; CARVALHO, Luiz Maklouf. **O Coronel Rompe o Silêncio, Lício Augusto Ribeiro, que matou e levou tiros na caçada aos guerrilheiros do Araguaia, conta sua história**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.; DÓRIA, Palmério. **A Guerrilha do Araguaia**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1981. JIMÉNEZ, José Vargas. **Bacaba – Memórias de um guerreiro de selva da Guerrilha do Araguaia**. Campo Grande: Edição Pessoal, 2007.; MACIEL, Lício Augusto. **Guerrilha do Araguaia: Relato de um combatente**. Rio de Janeiro: Edição Pessoal, 2008.; MORAIS, Taís e SILVA, Eumano. **Operação Araguaia – Arquivos Secretos da Guerrilha**. São Paulo: Geração Editorial, 2005.; MOURA, Clóvis. **Diário da Guerrilha do Araguaia**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1985.; POMAR, Wladimir. **Araguaia: O Partido e a Guerrilha – Documentos Inéditos**. São Paulo: Ed. Brasil Debates, Col. Brasil Estudos, nº 2, 1980.; SOUZA, Aluísio Madruga de Moura e. **Movimento Comunista Brasileiro; Guerrilha do Araguaia – Revanchismo: A Grande Verdade**. Brasília: Edição Pessoal, 2002.

<sup>122</sup> RIDENTI, Marcelo. **O Fantasma da Revolução Brasileira**. 2. Ed. São Paulo: Editora UNESP, 2005. p. 46.



[...] em virtude da morte do vice-comandante Vitor, Dina seria elevada ao posto. Passou a exercer também a função de Comissária Política. Promoção natural. Afinal, há três anos ela exercia, na prática, a liderança sobre os guerrilheiros e tinha forte influência sobre os moradores da região. Era Osvaldão ao norte da Serra dos Martírios e Dina ao Sul. O comandante formal era seu novo companheiro, Pedro Gil, que fora ungido com o treinamento na Academia Militar de Pequim.

Finalmente, em setembro de 1973, o Destacamento C já estava praticamente dizimado em virtude das prisões e das mortes ocorridas ao longo de dois anos de luta. Assim, os remanescentes do D-C foram integrados ao destacamento de Osvaldão, o D-B. Osvaldão continuaria comandante. E Dina a vice-comandante militar e comissária política.<sup>123</sup>

"Dina" nasceu na Bahia, em meados da década de 1940 e era geóloga. Chegou à guerrilha como militante de base, e rapidamente, foi promovida ao cargo de vice-comandante. Era reconhecida como importante liderança entre os militantes e uma de suas principais missões era integrar-se aos moradores da região. A revolucionária ficou tão conhecida que várias lendas giravam em torno de sua figura. "Dina" e "Osvaldão" eram os principais líderes na Guerrilha do Araguaia, e são lembrados pelos moradores até os dias de hoje. Segundo esses moradores havia uma lenda de que "Dina" tinha a capacidade de transformar-se em borboleta para fugir das balas da repressão.<sup>124</sup> Segundo Corrêa:

A lenda nasceu a partir de episódio ocorrido em 20 de setembro de 1972, quando houve um combate com uma patrulha de oito paraquedistas do Exército, comandada pelo então capitão Álvaro de Souza Pinheiro, mais tarde promovido a general, e filho do general Ênio de Souza Pinheiro, ex-chefe da Agência Central do Serviço Nacional de Informações (SNI), primeiro comandante da Escola Nacional de Informações (ESNI) e um dos líderes da inteligência militar na época. Os soldados metralharam a área em que quatro guerrilheiros se escondiam. Dois morreram na hora e um terceiro, apanhado ferido, morreu mais tarde. Dina disparou um tiro que feriu o capitão Álvaro no ombro. Ela escapou, com um arranhão de bala no pescoço.<sup>125</sup>

<sup>123</sup> CORRÊA, Carlos Hugo Studart. **Em algum lugar das Selvas Amazônicas: As memórias dos Guerrilheiros do Araguaia (1966-1974)**. 2013. 574 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. p. 268.

<sup>124</sup> Ibid. p. 86.

<sup>125</sup> MERLINO, Tatiana; OJEDA, Igor. **Direito à Memória e a Verdade: luta, substantivo feminino: mulheres torturadas, desaparecidas e mortas na resistência à ditadura**. São Paulo: Caros Amigos, 2010. p. 137.

A fama de "Dina" era tão grande que ela era respeitada e temida também pelos militares, devido às suas habilidades enquanto guerrilheira e também à sua bravura. A execução de "Dina" ocorreu pelas mãos do Sargento Joaquim Lopez de Souza, que possuía o codinome de "Sargento Ivan". Carlos Hugo Studart Corrêa retratou como ocorreu a execução, através do que o "Sargento Ivan" lhe contou:

Ela virou e encarou o executor nos olhos. Transmitia mais orgulho do que medo – relataria mais tarde o militar aos colegas de farda. Ele se aproximou da guerrilheira, parou a dois metros de distância e lhe estourou o peito com um tiro de pistola calibre 45. O tiro pegou um pouco acima do coração. O impacto jogou Dina para trás. Levou um segundo tiro na cabeça. Foi enterrada ali mesmo. Seu corpo jamais foi encontrado. O sargento Ivan, por sua vez, relataria aos colegas de farda que por muito tempo ficou com o olhar de Dina na cabeça; que ela era a pessoa mais digna e valente que já conhecera; sua heroína; e que se orgulhava muito de ter tido a honra de abatê-la.<sup>126</sup>

Vera, Maria José e Dina são alguns exemplos de mulheres que participaram em organizações armadas de esquerda que tentaram enfrentar a ditadura. Cada uma delas, a seu modo, ajudou também a construir o imaginário sobre as revolucionárias brasileiras do período. Áurea Moretti, também foi um relevante membro na organização em que atuou. Hoje, com 70 anos, é uma personalidade na cidade de Ribeirão Preto, e carrega consigo a marca de ter sido integrante das Forças Armadas de Libertação Nacional (FALN).

### 2.3. Áurea Revolucionária e as Ações da FALN

Áurea fez da revolução sua vida. Primeiro desistiu do curso de Filosofia, no segundo ano, já que para ela a revolução precisava mais de enfermeiras do que de professoras. Era uma decisão prática e ao mesmo tempo pessoal: "O que que a revolução precisava mais? Se era duma professora, ou se era duma enfermeira que era aquilo que eu queria?"<sup>127</sup> Decisão tomada, enfrentou a resistência de amigos e familiares que questionavam porque trocava um renomado curso superior por outro que

<sup>126</sup> CORRÊA, Carlos Hugo Studart. **Em algum lugar das Selvas Amazônicas**: As memórias dos Guerrilheiros do Araguaia (1966-1974). 2013. 574 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. p. 123.

<sup>127</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Márcia Pereira da Silva**. (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 10 de maio de 2014.

ainda estruturava-se enquanto tal, visto como curso técnico por muitos, inclusive pela própria Áurea. Mas, seu ideal era mais forte, seu objetivo final era mais importante do que um papel com grau colado em curso superior de Filosofia.

Na FALN, Áurea acumulou diversas funções logísticas: conseguir dinheiro, alimentos, roupas, calçados, transporte e aparatos de enfermagem como remédios e curativos. Também deu aulas de primeiros-socorros e buscou novos militantes para o grupo, principalmente na área rural. Encarregada pelas cobranças e divulgações do jornal "O Berro", principal veículo de comunicação do grupo com a população rural e urbana, organizava as manifestações e as propagandas da organização.<sup>128</sup>

Na busca de novos militantes fez diversas viagens com Mario Bugliani para cidades da região de Ribeirão Preto<sup>129</sup>, trafegou por Franca, São Joaquim da Barra, Bebedouro, Batatais, Brodowski, Ituverava, dentre outras. Ajudou também a fazer uma divulgação massiva pelos municípios e no meio rural do "O Berro" que era a era a principal forma da organização propagar suas ideias. O jornal tinha sido criado por Vanderley Caixe e outros estudantes quando cursava a Faculdade de Direito Laudo de Camargo, hoje parte da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP).

Duas pesquisas sobre a FALN reservam especial atenção pra o jornal "O Berro". A de Marcelo Botosso "FALN: A guerrilha em Ribeirão Preto" e a de Alessandra Bagatim "Personagens, trajetórias e histórias das Forças Armadas de Libertação Nacional". Ambas ressaltam o caráter central que o jornal tinha para a organização e chamam atenção para o fato de que o jornal começou no meio estudantil, como salientado acima e, com a saída dos integrantes do PCB que formaram a FALN, passou a atuar vinculado à organização. Botosso aponta que "O Berro" foi ao mesmo tempo "germe" e "porta-voz" da FALN:

Órfãos de Partido e de qualquer outra estrutura organizacional, o grupo de ex-militantes pecebistas e do movimento estudantil procurou se reagrupar, apoiando-se nas atividades de produção, divulgação e distribuição do combativo periódico estudantil *O Berro*, fazendo deste o germe e o porta-voz do que mais tarde identificou-se como Forças Armadas de Libertação Nacional (FALN).<sup>130</sup>

<sup>128</sup> BOTOSSO, Marcelo. **FALN. A guerrilha em Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Holos, Editora, 2006. p. 86.

<sup>129</sup> Como apontado em diversos depoimentos do Processo 198/69.

<sup>130</sup> BOTOSSO, Marcelo. **FALN. A guerrilha em Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Holos, Editora, 2006. p. 63.

De todo modo, tanto Botosso quanto Bagatim ressaltam que, apesar do "Berro" ter sido apropriado pela FALN, a organização nunca teve seu nome vinculado diretamente ao jornal. Tentavam conter ao máximo, duas coisas: primeiro, a censura que poderia recair sobre o jornal caso tivesse seu nome ligado à uma organização armada e; segundo, não permitir que a repressão perseguisse os integrantes do jornal ao vincularem-no a um grupo de extrema esquerda. Ambos salientam também o fato de que, por ser feito por estudantes da Faculdade de Direito, num primeiro momento os assuntos do jornal apresentavam-se em sua maioria preocupados com as questões que rondavam o mundo estudantil. Entretanto, a partir do momento que os militantes saem do "Partidão", principalmente Vanderley Caixe que era o principal responsável pelo "Berro" na Faculdade, e iniciam a construção da FALN, há uma mudança no discurso do jornal, que passa a ser contra a ditadura e defender a luta armada. Aliás, nessa nova fase do jornal ele ganha um slogan que é uma alusão mais direta à luta armada. Na época os revólveres eram chamados também de berro. Segundo Bagatim: "Nesta nova fase, seu *slogan* passa a ser: *“O Berro é a arma do povo!”* (grifo da autora), o que evidencia a perda de seu caráter estritamente estudantil."<sup>131</sup>

Ao passo que Botosso se preocupa principalmente em fazer uma trajetória política do jornal, trazendo ao leitor cronologicamente a história do "Berro" e como ele se vinculava à FALN, assim como, as cidades em que circulou e como se deu a sua circulação,<sup>132</sup> Bagatim faz também uma análise mais profunda dos principais temas abordados pelo jornal e reserva em sua pesquisa um tópico especial em que reflete acerca dos conteúdos inseridos no "Berro".<sup>133</sup> Em resumo, para Bagatim:

Nesta nova fase do jornal *O Berro*, seu conteúdo trazia referências variadas na tentativa de atingir o interesse de diversos grupos. O jornal se referia, por vezes, à exploração vivida pelo trabalhador rural, por outras trazia citações bíblicas<sup>134</sup>, questões estudantis ou temáticas como a Guerra do Vietnã e a morte do estudante Edson

---

<sup>131</sup> BAGATIM, Alessandra. **Personagens, Trajetórias e Histórias das Forças Armadas de Libertação Nacional**. 2006. 143 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. p. 70.

<sup>132</sup> BOTOSSO, Marcelo. **FALN. A guerrilha em Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Holos, Editora, 2006. p.59-71.

<sup>133</sup> BAGATIM, Alessandra. **Personagens, Trajetórias e Histórias das Forças Armadas de Libertação Nacional**. 2006. 143 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. p. 87-90.

<sup>134</sup> Vale salientar que as citações bíblicas eram reinterpretadas na lógica de extrema-esquerda seguida pela FALN.

Luiz. Em todos os exemplares, contudo, sempre havia referências aos problemas políticos e sociais vividos no Brasil.<sup>135</sup>

Para Botosso, a FALN se estruturou em torno do "Berro", o jornal teria sido o ponto de partida e um "elemento de união e coesão do grupo". Sem esquecer que, com o jornal, era possível angariar fundos, visto que além de ser distribuído existiam alguns contribuintes que pagavam pelo jornal, e também através do "Berro" as ideias dos militantes da FALN eram difundidas.<sup>136</sup> Botosso chamou atenção também para a importância da figura de Áurea no jornal. "A dedicada integrante Áurea Moretti, como se constatou nas fontes, parece ter sido uma das pessoas mais empenhadas neste trabalho de divulgação regional."<sup>137</sup>

Com o aumento da censura e da repressão ao longo dos anos de ditadura que aumentaram a censura aos meios de comunicação, muitos donos de gráficas não queriam mais imprimir exemplares do "Berro". Isso fez com que os militantes passassem a "rodar" os jornais através de mimeógrafos.

Áurea iniciou, a partir desse momento, uma vida dupla, meio clandestina, meio legalizada. Muitas vezes, em viagens para tentar trazer militantes para a FALN, ou vender "O Berro" em outras cidades não utilizava nomes verdadeiros, seu "nome de guerra" mais conhecido era Maria: "[...] mas eu tinha tanto nome de guerra que em cada cidade que eu ia eles me conheciam com um nome, a 'Rosinha', a 'Felisbina' (risos)."<sup>138</sup> Seus familiares pouco sabiam da organização e de suas ações enquanto revolucionária, à mãe falava que trabalhava no jornal "O Berro". Os familiares tinham ciência de suas ideias contrárias à ditadura, que Áurea participava do movimento estudantil, sempre entranhada nas passeatas que aconteciam no centro, dentro ou nos arredores da Praça XV. O pai desaprovava a relação que tinha com aqueles garotos: "[...] meu pai implicava com os meninos, né. Ele não gostava do Vanderley (Caixe), ele implicava com o Silvio. Meu pai falava assim: 'Esse cara ainda vai criar problema. Não quero eles aqui'. Não que ele fosse contra, mas ele tinha medo por causa de mim."<sup>139</sup>

---

<sup>135</sup> BAGATIM, Alessandra. **Personagens, Trajetórias e Histórias das Forças Armadas de Libertação Nacional**. 2006. 143 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. p. 87.

<sup>136</sup> BOTOSO, Marcelo. **FALN. A guerrilha em Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Holos, Editora, 2006. p. 633-64.

<sup>137</sup> BOTOSO, Marcelo. **FALN. A guerrilha em Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Holos, Editora, 2006. p. 66.

<sup>138</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Márcia Pereira da Silva**. (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 10 de maio de 2014.

<sup>139</sup> Ibid.

Contudo, a rotina de viagens do pai de Áurea era tão intensa que o impossibilitava de estar sempre presente em casa e de monitorar mais de perto as decisões e atitudes dos filhos. A mãe de Áurea, mais presente no cotidiano da família aceitava melhor a convivência com "os meninos". Pois "[...] no fim minha mãe era uma pessoa muito boa, sabe? Muito religiosa, muito amiga das pessoas. Aí ela adotou todos os meninos que estavam por lá, né. Era assim".<sup>140</sup>

Uma das principais e cotidianas funções de Áurea era imprimir e distribuir o jornal "O Berro" e angariar militantes para a FALN. Junto a Mario Bugliani, fizeram diversas viagens para zonas rurais da região, buscavam trabalhadores rurais insatisfeitos com as condições de trabalho no campo e a vida marginalizada, no processo 198/69 são diversos os testemunhos de pessoas que foram visitadas em suas casas pelos dois revolucionários e incitadas a aderirem à causa. Foi o jornal que permitiu ao grupo a entrada na área rural e um maior contato com os trabalhadores.

Numa noite, Áurea e Gonzaga montaram na lambreta dele e foram para uma fazenda da região. Quando chegaram à porta da fazenda, já tinham diversas informações em mente, como os nomes dos proprietários, e um discurso para convencer os "jagunços" dos motivos para aparecerem no início da noite na fazenda. Áurea conta que:

"não, é que eu sou sobrinha da dona Sofia" (dona da fazenda), mas já era combinado com pessoas lá de dentro... "que eu sou sobrinha da dona Sofia", "como que você chama?", "Ah, eu chamo Josefina", né... "E que que vocês vieram fazer?", "Não, eu vim ver minha tia...", "E que que você faz?", "Sou estudante de enfermagem...".<sup>141</sup>

A "enfermeira Josefina" palestrou aos trabalhadores rurais sobre saúde, realmente, falou sobre higiene e como prevenir doenças, sobre como tratar machucados, etc. Entretanto, aquele não era o objetivo final da visita. Escondidos entre os materiais de saúde estavam diversos exemplares do "O Berro" que foram distribuídos. Com a ajuda de Mario Bugliani e o antigo comunista ribeirão-pretano Irineu de Moraes, o "Índio", correram por diversas fazendas. Tentavam arregimentar trabalhadores rurais para a FALN. A conversa com os trabalhadores consistia em demonstrar a via de luta proposta pela organização. Para os militantes da FALN, apresentavam uma via a fim de

<sup>140</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Márcia Pereira da Silva**. (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 10 de maio de 2014.

<sup>141</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconde Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). Ribeirão Preto, 10 de dezembro de 2012.

acabar com a exploração a que os trabalhadores rurais eram submetidos. Dessa forma circularam toda a região, os diversos municípios que circundam Ribeirão Preto, na busca de mais membros para o grupo.

À medida que circulavam pelas cidades, a rede de contato dos revolucionários aumentava e com isso a possibilidade de expandir "O Berro" para outros municípios. A distribuição independente de jornais movimentava a FALN, pois era uma alternativa aos meios de comunicação tradicionais que sempre repetiam as mesmas matérias e opiniões.

E "O Berro", nas palavras de Vanderley Caixe: "na verdade foi a linha de frente da nossa organização."<sup>142</sup> Distribuíram-no em fábricas para manter contato mais próximo com os trabalhadores das cidades, chegaram a deixá-los em diversas bancas de jornais, onde não eram expostos e sim vendidos para pessoas já conhecidas dos donos. Todo cuidado era pouco frente à ditadura.

Dessa maneira o jornal adentrou também à classe média dessas cidades. Segundo Áurea:

[...] queriam e a gente ia e alimentava e também professores universitários, profissionais, médicos, advogados, tudo assim que dava, cada um ia passando os contatos, as coisas e um já trazia outros, assim nós fizemos a região inteirinha, quase todas as cidades da região a gente chegava com o jornal "O Berro" e ia trazendo as pessoas, né, pra luta... Era muito interessante.<sup>143</sup>

"O Berro" atingiu o ápice de sua circulação em um triste momento de demonstração de autoritarismo e brutalidade da ditadura. Em 28 de março de 1968, o estudante secundarista Edson Luís foi morto por policiais no restaurante estudantil Calabouço, no Rio de Janeiro. Os estudantes organizavam uma manifestação-relâmpago contra o aumento do preço da refeição quando a polícia militar atacou. Edson Luís morreu na hora com um tiro à queima-roupa no peito, desferido pelo comandante da tropa, Aloísio Raposo. Outro estudante morreu posteriormente, ferido também à bala pela truculência policial. A morte dos estudantes foi um marco no movimento estudantil brasileiro que se reorganizou frente à escalada de violência perpetrada pelos militares. A indignação aumentava frente ao aumento da violência na repressão às manifestações,

---

<sup>142</sup> CAIXE, Vanderley. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconde Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). Ribeirão Preto, 11 de dezembro de 2011.

<sup>143</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconde Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). Ribeirão Preto, 10 de dezembro de 2012.

isso fez com que em muitas cidades o movimento estudantil se intensificasse, no Rio de Janeiro ocorreu, em setembro daquele ano a "Passeata dos 100 Mil".

Em Ribeirão Preto, Áurea estava na faculdade, em uma aula de matemática quando um amigo a chamou silenciosamente pela porta. Contou para ela o ocorrido no Rio de Janeiro e que era hora de mobilizarem-se. A estudante precisou de uns segundos ainda para deglutir a informação e pensar exatamente o que faria quando retornasse à sala. Pediu licença ao professor, subiu em uma cadeira e falou: "olha gente, [...] olha, a fórmula é muito importante, mas o Brasil tá sendo sufocado, o movimento estudantil, acabaram de matar um companheiro nosso no Rio de Janeiro e agora vamo tudo pra Assembleia"<sup>144</sup>.

Depois desse dia, o movimento estudantil ganhou força, e assim aumentaram as passeatas. A tiragem do "Berro" também aumentou, o jornal era distribuído a diversos grupos antes da passeata que faziam a redistribuição dele durante a manifestação. Passavam a noite toda rodando o jornal em mimeógrafo, mas era preciso fazer isso de maneira organizada e escondida.

Estabeleceram com o pessoal da medicina uma maneira de produzir o jornal sem chamar muita atenção. Os aspirantes a médicos e médicas organizavam festas em seu Diretório Acadêmico, prédio que possuía um porão logo abaixo. "*Melhor lugar impossível!*", para despistar a repressão, pensaram Áurea e Silvio Rangel. Enquanto a festa acontecia no andar de cima eles rodavam cópias do "O Berro" no mimeógrafo e depois de prontos, os exemplares poderiam ser distribuídos. Enquanto o pessoal dançava na batida do rock, abaixo estavam os militantes rodando o jornal, organizando a manifestação do dia seguinte e indiretamente entorpecendo-se com a evaporação do álcool utilizado no mimeógrafo.

Aos poucos a festa que durou a noite toda, minguava. Terminaram o trabalho de impressão do jornal quando estudantes, professores e funcionários iniciavam o dia de estudos e trabalho dirigindo-se às faculdades. Organizaram os exemplares impressos em caixas, para serem distribuídos para os grupos que os levariam à passeata do dia. Estavam entorpecidos de felicidade, tanto pela ideia que deu certo quanto pelo álcool do mimeógrafo. Foi então que, num momento de euforia política e alcoólica, Silvio e Áurea abriram as portas do porão do Diretório Acadêmico gritando aos quatro ventos

---

<sup>144</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconde Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). Ribeirão Preto, 10 de dezembro de 2012.



"*Oh o Berro! Saindo, quentinho!*". Começou então aquela "muvuca", pessoas querendo pegar o jornal, levando diversos exemplares, todas sabiam que aquele dia tinha manifestação e os dois continuavam os gritos de "*Oh o Berro! Saindo, quentinho!*". Em 10 minutos os exemplares esgotaram. Silvio e Áurea não se deram conta de que a euforia misturada com álcool fez com que perdessem a noção de quantos exemplares distribuíram.

Quando a adrenalina declinou, os dois pareciam um pouco mais sóbrios, olharam-se, olharam para as caixas vazias e se entreolharam novamente. Começaram a rir sem parar. Passaram a noite toda fazendo o jornal para distribuí-lo às pessoas e não ficaram nem com um exemplar sequer. Rindo-se aos montes, sem nem precisar conversar, fecharam a porta do porão e voltaram a produzir rapidamente alguns exemplares para que eles próprios pudessem distribuí-los na passeata do dia e, então quem sabe guardar algum de recordação.

Outro fato muito importante para o grupo foi a adesão de Mario Lorenzato à FALN. Mario era militante da Movimento Ecumênico de Jovens (MEJ) e tinha contato com o Lar Santana, orfanato ministrado pela freira Madre Maurina Borges. Mario conhecia a Madre e sempre realizava reuniões no porão do Lar, assim como guardava alguns materiais da MEJ, lá dentro. Quando Mario adentrou à FALN, a organização precisava de um espaço grande para guardar seus materiais considerados subversivos e ilegais pela repressão e estocar o jornal. Tendo a confiança da Madre, e sendo o local supostamente fora de qualquer suspeita, os revolucionários passaram a guardar exemplares dos jornais produzidos pela FALN, principalmente "O Berro", e alguns outros materiais da organização, que eram usados em passeatas, etc. Ela tinha uma posição contrária ao governo, mas segundo Vanderley Caixe, principal líder da FALN a freira nada sabia sobre a organização:

Ela tinha uma posição contra o governo, mas não sabia da organização. Eu sei que ela abriu o Lar Santana e o Mario era presidente do (MEJ)... Nós recrutamos o Mario e ganhamos praticamente as salas pra colocar material clandestino lá dentro, pra rodar o nosso jornal, pra uma série de atividades que eram feitas nesses porões do Lar Santana.<sup>145</sup>

---

<sup>145</sup> CAIXE, Vanderley. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconde Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). Ribeirão Preto, 11 de dezembro de 2011.

O ano de 1968 desenrolou-se rápida e intensamente. As lutas de jovens e estudantes aumentavam por todo o mundo. Na França, em maio de 1968 milhares de estudantes se levantaram por uma reforma educacional e, frente à repressão do governo De Gaulle, o movimento recrudesceu chegando às classes trabalhadoras que abalaram o governo francês. No México estudantes protestavam contra a ocupação da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM) pelo exército e protestaram às vésperas dos jogos Olímpicos sediados na capital do país. As manifestações desembocaram no Massacre de Tlatelolco, ocasião em que a Polícia e o Exército Mexicano assassinaram centenas de manifestantes desarmados. No Brasil, a morte do estudante Édson Luís, como lembrado acima, foi o estopim que levou ao acirramento das manifestações estudantis.

Em outubro de 1967, um dos heróis dessa geração foi morto. Ernesto Guevara de La Serna, o "Che" foi assassinado tentando iniciar uma guerrilha na Bolívia. Tentava repetir o feito da Revolução Cubana, que em 1959 derrubou o ditador Fulgêncio Batista e libertou Cuba do domínio estadunidense. Entretanto, amparado pela CIA, os bolivianos capturaram e executaram o 'Che'. Em outubro de 1968, completou um ano de sua morte e os militantes da FALN organizaram um ato em memória de seu maior "inspirador."

"[...] Nós comemoramos, entre aspas, um ano da morte do Guevara, chamando a atenção sobre a luta e tudo e homenageando o Guevara."<sup>146</sup> Pensaram qual seria a melhor maneira de homenagear o revolucionário. Era preciso que a população se lembrasse que ele foi assassinado, era necessário chamar a atenção contra o imperialismo e a favor da luta do "Che".

Nos anos 1960, os cinemas eram pontos de encontro que faziam parte da sociabilidade das cidades, "era coisa frequentadíssima, etc...".<sup>147</sup> Não eram todas as pessoas que possuíam televisão em casa e o cinema, além de filmes, de diversão e entretenimento, projetava também em suas telas notícias e era definitivamente um local, em que as pessoas se encontravam e conviviam. Ou seja, nos cinemas da década de 1960 havia uma circulação de pessoas muito grande. O que acontecesse de

---

<sup>146</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconde Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). Ribeirão Preto, 10 de dezembro de 2012.

<sup>147</sup> CAIXE, Vanderley. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconde Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). Ribeirão Preto, 11 de dezembro de 2011.

extraordinário neste local de sociabilização era notícia no dia seguinte. Por mais que não saísse nos jornais impressos, estaria na "boca do povo".

Áurea e Vanderley pensaram então na panfletagem, entregar exemplares do "Berro" que chamassem atenção para a data, que comunicassem que há um ano o imperialismo assassinava a "Che Guevara", visto como herói para boa parte da esquerda do período. Mas, os militantes questionavam a real efetividade dessa prática. As pessoas leriam o jornal? Seria chamativo? Chegaram à conclusão que apenas entregar o jornal não causaria o impacto que eles almejavam. Pensavam em uma ação mais chocante. Alguém falou brincando, "*Deveríamos explodir tudo, isso sim!*" Diante da gargalhada frente ao descabido, o impossível transformou-se em ideia. Não precisavam explodir nada, nem machucar ninguém, afinal esse não era o objetivo. Mas a melhor maneira de chamar a atenção, na opinião de todos, era causar um barulho advindo de uma "explosão". Alguns militantes conheciam estudantes da química, sendo que alguns chegaram a fazer parte da organização. Esses estudantes sabiam fazer bombas caseiras de fumaça. As bombas explodiriam, o que supriria a necessidade de chamar a atenção e jogariam os panfletos, por isso as bombas foram denominadas por Botosso de "bombas panfletárias". "Que não tinha o objetivo de machucar ninguém!"<sup>148</sup>. "Estas bombas também não tinham capacidade destrutiva, mas espalhavam folhetos de críticas à Ditadura e de homenagem a Che Guevara"<sup>149</sup> Na verdade as "bombas panfletárias" carregavam pequenos panfletos com os dizeres: "NOSSA HOMENAGEM AO MESTRE "CHE" GUEVARA. PÁTRIA OU MORTE - VENCEREMOS. FALN".<sup>150</sup>

Decidiram fazer a ação em Ribeirão Preto e outras cidades da região ao mesmo tempo. Testavam os limites da organização, pois falar em luta armada, em ação e fazer a revolução era uma coisa, já outra bem diferente era colocar essas aspirações em prática.

O processo da ação era o seguinte: o revolucionário, ou revolucionária, entrava com a bomba guardada na bolsa, em uma mochila ou até mesmo no bolso, adentrava na sessão e esperava ela acabar e começar outra<sup>151</sup>, isso era comum na época. Assim,

---

<sup>148</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconde Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). Ribeirão Preto, 10 de dezembro de 2012.

<sup>149</sup> BAGATIM, Alessandra. **Personagens, Trajetórias e Histórias das Forças Armadas de Libertação Nacional**. 2006. 143 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. p 74.

<sup>150</sup> Ibid. p 75.

<sup>151</sup> Era comum na época, e permitido pelos cinemas, que as pessoas entrassem no meio de uma sessão e aguardassem o início da próxima.

quando iniciava a segunda sessão a pessoa ia ao banheiro, acendia o pavio, provavelmente feito de algum cigarro, para dar tempo de voltar à sessão e colocar a bomba no canto da sala, depois caminhava em direção à saída do cinema. Andava, sem olhar para trás. Quando ouvisse a explosão, se deslocaria a um local pré-combinado e faria um desenho em forma de X em um muro. Posteriormente, outro membro passava pelo ponto. Esse X era o sinal de que a ação foi concluída e que, (o ou a), militante não havia sido preso e nem tido algum outro problema. "Colocado isso no cinema durante a sessão ela criava um caos ali, porque a fumaça, ela explodia fumaça e os panfletos saíam da coisa e eram os panfletos colocados lá dentro e tal, homenageando o Che Guevara tal."<sup>152</sup>

Áurea foi responsável pela bomba no Teatro D. Pedro II, na região central de Ribeirão Preto, de frente à Praça XV de Novembro ao lado do famoso bar Pinguim. Entrou na primeira sessão, chegou um pouco atrasada, esperou ansiosa o início da segunda sessão. Sua mão suave, seus braços formigavam, a sensação de excitação misturada com o receio de que alguma coisa saísse errada. Mas se sentia, definitivamente, uma revolucionária, essa bomba era a primeira das muitas que abalariam os nefastos pilares da ditadura. Respirou fundo e pausadamente, devia manter a calma para que nada saísse fora do combinado. Quando acabou a primeira sessão não saiu do lugar, manteve-se imóvel e tranquila, como se esperasse o apagar das luzes e o início da próxima sessão. Aguardou alguns minutos, olhou no relógio, era a hora. Foi ao banheiro sem olhar para o lado, mas também não mirou seus olhos para o chão, demonstrava que não tinha nada a esconder, nem mesmo uma bomba! Acendeu o pavio, voltou com sua bomba para a sala que estava definitivamente escura, todos olhando para a grande tela hipnotizados, ninguém olhou para trás. Repousou a bomba no canto da sala, "coloquei bem longe assim do povo e saí andando normal. Passei por eles: 'Ô, boa noite.' E fui embora. Quando eu cheguei no outro quarteirão, 'CABUM'!. (risos)."<sup>153</sup>. A operação foi um sucesso. Para Botosso:

A propaganda armada (advinda da bomba panfletária) se estendeu a duas cidades próximas de Ribeirão Preto. No mesmo dia e hora, em Sertãozinho, um pequeno grupo, dirigido por Mario Bugliani,

<sup>152</sup> CAIXE, Vanderley. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconde Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). Ribeirão Preto, 11 de dezembro de 2011.

<sup>153</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Márcia Pereira da Silva**. (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 10 de maio de 2014.

explodiu bombas panfletárias nos cinemas e em uma praça pública da cidade. [...] As bombas detonadas senão fosse o barulho, seriam quase imperceptíveis, pois o seu poder de destruição era ínfimo, como observou Antônio Giroto: "soltaram umas bombicas que não fez coisa nenhuma, uns *traquinhos* que eles soltaram [...] só pra chamar a atenção, mas não foi com a intenção de incendiar nada".<sup>154</sup>

É difícil precisarmos exatamente como ocorreu a ação das "bombas panfletárias". Como Áurea, por exemplo, foi ao banheiro, acendeu o pavio e levou a bomba novamente para dentro da sala de cinema, sem que os panfletos pegassem fogo é uma incógnita. A ideia de que usaram um cigarro para acender a bomba nos pareceu plausível, visto que o cigarro queima em brasa até o final mesmo que não seja tragado. Desse modo, isso retardaria o tempo hábil para Áurea se dirigir novamente até a sessão e depositar a bomba no canto da sala. Questionamo-nos também se a bomba e os panfletos não estariam dentro de algum tipo de caixa pequena, entretanto isso eliminaria a hipótese de que a bomba caberia no bolso. Visto que foi Vanderley Caixe quem disse que a bomba cabia no bolso e, contudo, ele não participou diretamente dessa ação, como veremos logo abaixo, é plausível que tenha pensamos que tenha ocorrido alguma confusão. Fato é que a ação realmente sucedeu, pois segundo Bagatim: "As bombas geraram grande movimentação nos órgãos policiais da cidade. Foram enviados para Ribeirão Preto investigadores do DOPS."<sup>155</sup> Todavia, as pesquisas que se ativeram à história das "bombas panfletárias" nos cinemas também não aprofundaram muito como se deu exatamente essa ação.

O responsável por cobrir os pontos em Ribeirão Preto foi Vanderley Caixe. Os militantes acharam prudente que ele não participasse dessa operação. Vanderley era alvo da repressão desde 1964 quando, logo após o golpe, foi expulso da Faculdade de Ciências Econômicas John Kennedy por ser presidente do Centro Acadêmico. Assinava com seu nome o cargo de diretor do "O Berro", e participou da juventude do PCB. Com certeza após a ação ele seria o primeiro visado pela repressão. Vanderley então foi para um debate que aconteceu no centro da cidade com participação do prefeito e de diversos políticos e personalidades ribeirão-pretanas, além de vários estudantes. Fez questão de

---

<sup>154</sup> BOTOSSO, Marcelo. **FALN. A guerrilha em Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Holos, Editora, 2006. p. 107.

<sup>155</sup> BAGATIM, Alessandra. **Personagens, Trajetórias e Histórias das Forças Armadas de Libertação Nacional**. 2006. 143 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. p 75.

perguntar e participar do debate para ter álibi contra qualquer acusação que surgisse. Vanderley relata que:

Nós resolvemos redobrar a coisa, aí fazer na região, fazer em Bebedouro, fazer em Sertãozinho, fazer em Pontal... E também fazer nos mercados. E eu sei que também aconteceu, foi criado um álibi também perfeito pra que não tivesse esse problema. Sei que eles prenderam uns bolivianos que estudavam aqui que achavam que boliviano aqui devia ser ligado ao Che ou coisa assim e tal. Mas o nosso pessoal fez perfeitamente a coisa tal.<sup>156</sup>

Além de homenagear o "Che" e relembrar um ano de seu assassinato, esses atos eram importantes porque treinavam a capacidade de organização e ação dos militantes do grupo, das pessoas e o comprometimento com a luta armada. Ou seja, não era uma atividade com um fim em si mesma, existia uma finalidade mais abrangente, a longo prazo, que era o de realmente se preparar para a luta armada. Por isso os militantes pensaram em mais uma ação. Animados pelo sucesso das "bombas panfletárias", organizaram a próxima atividade.

Dessa vez, entretanto, o processo era mais complexo e perigoso, planejavam explodir uma guarita do quartel de Ribeirão Preto. Para essa ação foram escalados Áurea e Silvio Rangel que atuaram como um casal de namorados encostados em uma parede do outro lado da rua, Gonzaga, fingiu que seu carro estava enguiçado e por último o Flávio, responsável por fazer a bomba e plantá-la debaixo da guarita. A dinâmica aconteceu à noite. Enquanto Áurea e Silvio encenavam o papel de um casal de namorados, trocavam carícias e afagos, Gonzaga atuou como um azarento com o carro quebrado. Tinha por função chamar a atenção do guarda da guarita, fazendo barulhos no carro, mexia nele, ia de um lado para o outro, pisava no acelerador, fazia uma verdadeira "balbúrdia".

Ao sinal de Gonzaga, Flávio desceu a rua com a bomba. Áurea e Silvio mantiveram-se atentos para qualquer movimentação dentro do quartel e da guarita. Perceberam que o soldado estava muito mais preocupado no sucesso ou insucesso de Gonzaga, o que deixou a ação fluir como haviam combinado. Como a guarita saía no alto, do muro do quartel, formava um vão embaixo dela. O guarda do momento mais preocupado com o carro a fazer barulho não viu o militante aproximar-se com a bomba

---

<sup>156</sup> CAIXE, Vanderley. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconde Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). Ribeirão Preto, 11 de dezembro de 2011.

pelo outro lado, viu menos ainda Flávio a pouquíssimos metros abaixo instalar a bomba. Feito isso, os militantes aos poucos começaram a sair de seus postos e ir embora. Gonzaga "fez" o carro funcionar e Flávio nem foi visto pelos soldados. "A bomba estourou e o vigia entrou em estado de choque, teve que ser internado, mas não foi machucado, né. E a bomba, toda bomba nossa soltava folheto a favor da revolução."<sup>157</sup>

Enquanto a FALN realizava suas primeiras ações, bem-sucedidas, ao mesmo tempo testavam a capacidade de organização de seus integrantes. Áurea, por sua vez, acompanhou a gênese e desenvolvimento da organização e envolveu-se cada vez mais com a militância. Participou das duas ações à bomba, tanto no cinema quanto na guarita do quartel. Sua vida confundiu-se com a da organização, viajava recorrentemente para outras cidades levando "O Berro". Aumentaram também as viagens com Mario Bugliani a fim de angariar membros para a FALN no meio rural. Passou a ter uma vida dupla, meio clandestina, meio legalizada. Frequentava a faculdade de enfermagem, estagiava no Hospital das Clínicas de Ribeirão e ao mesmo tempo participava das ações, dormia em casa uma boa parte dos dias, mas muitas vezes ficava dias fora do convívio familiar e o motivo dado era sempre por causa do jornal.

A família de Áurea sabia que ela era contra a ditadura, principalmente porque ela dizia a eles que trabalhava no jornal "O Berro" que já circulava por diversas cidades da região e tinha posições firmes. Além disso, Áurea sempre levava alguns exemplares do jornal para casa. Era difícil que não imaginassem que a filha se envolvia com comunismo. O pai desconfiava e falava: "'Você tá virando comunista, menina, cuidado!' (risos)"<sup>158</sup>, mas nunca souberam que ela organizava um grupo guerrilheiro, a mãe "'tadinha'. [...] foi acostumando com a política, né!"<sup>159</sup> Entretanto não imaginavam que a filha organizava com aqueles garotos uma organização de extrema-esquerda que tinha como proposta a luta armada. Muito menos que em uma das viagens de fim de semana encaminharam-se na verdade a uma chácara de Nelson Agenor Toneto, antigo comunista da cidade, para treinar tiros e táticas de guerrilha. Sabiam muito menos que da militância floresceu mais do que a luta por sonhos e ideais.

---

<sup>157</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo**. (arquivo .3ga). Ribeirão Preto, 3 de maio de 2014.

<sup>158</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo**. (arquivo .3ga). Ribeirão Preto, 3 de maio de 2014.

<sup>159</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Márcia Pereira da Silva**. (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 10 de maio de 2014.

Áurea relata ainda que se apaixonou por um dos militantes. Seu pai não gostava do rapaz, pois sempre achou que ele a "*meteria em encrenca*". Entretanto, a paixão de Áurea Moretti por Vanderley Caixe foi avassaladora, "a pessoa que eu sempre amei!"<sup>160</sup>. Todavia ela diz que não era fácil namorar em tempos de resistência, de luta contra a ditadura, de militância política. Mesmo apaixonada por Vanderley, o objetivo principal de Áurea era fazer a revolução. "Porque assim a gente não se dava ao direito de namorar, noivar, casar, porque nós tínhamos que fazer a revolução."<sup>161</sup> E realmente era muito difícil manter um relacionamento, pois era preciso escondê-lo a qualquer custo. Como Vanderley era visado pela polícia, se mantivesse um relacionamento aberto a todos, caso ele "caísse" nas mãos da repressão e tivesse uma namorada, provavelmente ela seria presa também. Pela discrição que a prudência exige, Áurea disse-nos que optaram por manter a paixão apenas para os dois. Como se a revolução e o sonho em comum pelo socialismo unisse-os.<sup>162</sup>

## 2.4. A queda

Áurea acordou com dores na região da barriga e com um estrondo vindo de seu estômago. Era a greve de fome, há três dias sem comer, sabia que essa sensação era passageira há uma hora o corpo desiste de te avisar que está com fome e só resta a sensação de fraqueza, cansaço, impotência. Mas seguia confiante, mais uma vez sua causa lhe parecia justa e necessária. Revirou seu "mocó" para encontrar alguma leitura que a agradasse, sua visão estava um pouco embaçada, sentia muito sono, mas a luz acesa do Tiradentes, à noite toda, não a deixava relaxar, mesmo com a toalha presa na

---

<sup>160</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Márcia Pereira da Silva**. (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 10 de maio de 2014.

<sup>161</sup> Ibid.

<sup>162</sup> Faz-se necessário nesse momento salientar que a bibliografia que se ocupa em relatar a história da FALN não menciona o referido namoro: BOTOSSO, Marcelo. **FALN. A guerrilha em Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Holos, Editora, 2006.; BAGATIM, Alessandra. **Personagens, Trajetórias e Histórias das Forças Armadas de Libertação Nacional**. 2006. 143 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.; SILVA, Márcia Pereira da. **Em busca do sonho: História, juventude e repressão Franca (1960-1970)**. Montes Claros: Ed. Unimontes, 2001. livro do Botosso, Márcia e Bagatim. Outro ponto importante é que Vanderley Caixe também nunca citou em seus depoimentos o relacionamento amoroso. Chegamos, portanto, à conclusão de que se há algum aspecto real nesse namoro não se sabe. De todo modo, visto que temos como eixo central dessa biografia as lembranças ativadas pela memória de Áurea, optamos por utilizar a versão relatada por ela, visto que essa possui outros desdobramentos ao longo da narrativa, como será exposto mais adiante.



cama de cima do beliche, que usava para fazer sombra em sua cama logo abaixo. Entretanto, de tão cansada dormiu, um sono perturbado.

Uma luz batia forte em seu rosto, tão forte que precisava tapá-la com a mão na testa para que não penetrasse em sua pupila. Era noite, mas estava em um campo aberto bastante iluminado por um poste, sentia mais uma vez que estava longe da cidade, com sua beretta<sup>163</sup> em mãos. Ouviu a voz de Bugliani: "*Vai, Áurea, atira, acerta aquela tabuleta, você consegue!*" Depois de muito treinar sentia-se frustrada por não acertar o alvo. Mas dessa vez tinha treinado tanto que parecia entender o funcionamento da mira, a pressão do revólver que jogava seu braço para trás, precisava prender a respiração, manter o braço firme, uma mão segurando a outra, ambas na arma e atirar. "*PAU*", bem no alvo. Ficou muito feliz, o treinamento não tinha sido em vão. Precisava saber atirar. Desde que Costa e Silva "baixou o AI-5", no ano anterior, a ditadura fechou o cerco a diversos movimentos guerrilheiros, por isso precisavam se proteger. A revolução, definitivamente, não aconteceria se não soubessem atirar.

O mês de outubro de 1969 foi conturbado para os militantes da FALN. "O Berro" circulava cada vez mais, as operações nos cinemas da região e no quartel foram o combustível para tentarem algo mais arriscado. Áurea aguardava as ordens que viriam da "inteligência" para agir. Há algum tempo que desapropriava medicamentos, gases, entre outros aparatos médicos do Hospital das Clínicas, local em que estagiava, para alguma ação, mas não sabia o que era, quando vinha alguma ordem da "inteligência" não questionava. Muitas ações eram feitas sem que todos os membros da organização ficassem sabendo, para resguardar pessoas caso o militante caísse nas mãos da repressão e da tortura.

Foi então que leu no jornal de segunda-feira, que um grupo assaltara a Pedreira de Ribeirão Preto, na noite de 12 para 13 de outubro, logo após o feriado de Nossa Senhora Aparecida, também dia das crianças. Logo pensou que seus companheiros, principalmente Vanderley, estavam por trás disso. Fazia alguns meses que procuravam por armas, andavam de delegacia em delegacia fazendo boletins de ocorrência falsos para mapearem aonde ficavam os armamentos. Seguiam os pressupostos de Marighella, de que as armas para a revolução estavam nos coldres dos policiais e nas delegacias e quartéis. Teve quase certeza quando soube que roubaram dinamites, estopins e

---

<sup>163</sup> "[...] o meu revólver, era uma beretta." - PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Márcia Pereira da Silva.** (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 10 de maio de 2014.

espoletas, todos os artigos que Áurea sabia que precisavam para as ações. Encerrou sua dúvida quando lembrou que Vanderley pedira-lhe emprestada sua arma, a beretta; pensou que ele certamente a usara no assalto.

A operação de assalto à Pedreira foi um sucesso, segundo Vanderley Caixe. Não houve feridos, o vigia foi preso, mas foi explicado a ele o motivo da ação e que não tinham a intenção de machucá-lo. Os assaltantes estavam de cara limpa, apenas com algum algodão na boca para deformar e um esparadrapo no nariz, técnica rudimentar, mas que ajuda a desfigurar um pouco o rosto. Segundo consta no processo contra a FALN:

O grupo chefiado e dirigido por WANDERLEY CAIXE realizou, de 12 para 13 de outubro de 1969, um assalto à Pedreira da Prefeitura Municipal local, donde subtraíram, aproximadamente 15 kg de dinamite, 750m de estopin e 50 espoletas. Participaram desta ação, além do chefe, VICENTE ALESSI FILHO, ANTONIO INOCÊNCIO GONES, JOSÉ IVO VANUCHI, NELSON AGENOR TONETO, MÁRIO LORENZATO, JOÃO CARLOS NICOLAU e SILVIO RÊGO RANGEL, e outros indiciados.<sup>164</sup> (grifos da fonte)

Áurea, entretanto, enfureceu-se com a operação. Não soube de nada, não avisaram a ela, não a chamaram para participar da ação. Só descobriu sobre o que os companheiros tramaram pelo jornal da cidade e não por eles próprios. "Então não era nem pra mim saber nem pra eu ir, só foram os homens 'macho'".<sup>165</sup> Sentia-se tão revolucionária quanto eles e tão preparada quanto qualquer membro da organização para praticar esse tipo de assalto. Ficou mais chateada ainda com a explicação dada pelos companheiros: "Ah, porque você é mulher, por isso que você não foi'. Então eu não podia por uma calça de um dos meninos, me vestir de homem e ir junto? 'Não de jeito nenhum.'" Essa declaração em que Áurea diz que poderia "vestir-se de homem" para participar da ação corrobora com a ideia de que ela também estava inserida no imaginário do machismo. Explica-se: Áurea confirma o imaginário da época ao dizer que poderia "vestir-se de homem", ora nos questionamos então porque ela não poderia "vestir-se de mulher" e, assim mesmo, participar da ação? Para nós a resposta está no imaginário do guerrilheiro ideal criado dentro da própria esquerda da época. KOTCHERGENKO aponta que:

<sup>164</sup> Processo 198/69, vol. 01, fls 1B.

<sup>165</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Márcia Pereira da Silva.** (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 10 de maio de 2014.

A definição de guerrilheiro ideal, chamada de "verdadeiro" guerrilheiro, foi constituída a partir de características que faziam parte de um modelo constitutivo apresentado em manuais, cartilhas e outros tipos de documentações produzidos por grupos de esquerda armada. As características necessárias para o perfeito desempenho do guerrilheiro e da guerrilheira privilegiavam a coragem, a valentia, o espírito de sacrifício, a dignidade e a honra, qualidades vistas em nossas sociedades como masculinas.<sup>166</sup>

Fica claro que nem a FALN, organização com a média de idade baixa se comparada às outras organizações de esquerda, e que supostamente não seguia os moldes atrasados do antigo Partido Comunista, não conseguia fugir do machismo cavalheiresco, que visava a proteção da mulher. Do mesmo modo, como salientado anteriormente, Áurea também está inserida no imaginário do machismo e justifica a atitude deles com um discurso que tangencia uma característica do machismo, que é o cavalheirismo.

[...] mas que tinha um sentimento mais de proteção da gente. Teve ação que eles fizeram que não me chamaram. Eu ajudei preparar sem saber o que era, porque era assim, recebia uma tarefa, cada um tinha sua tarefa e não tinha ideia do conjunto da tarefa.<sup>167</sup>

Como disse Vanderley Caixe, a estrutura da organização era realmente vertical e Áurea, mesmo sendo vista como um importante membro dentro do grupo não tomou a decisão de qual ação participaria ou não. As ordens vinham de cima para baixo, Vanderley, por organizar a "inteligência" da FALN escolhia quem era mais apto ou não. Esse "cavalheirismo protetor" na verdade estava carregado de simbolismos. Se a mulher precisa dessa "proteção" masculina, pressupõe-se que não pode proteger-se sozinha. Disso chega-se à conclusão que precisaria de um homem para protegê-la, por ser incapaz de proteger a si mesma.<sup>168</sup> Nada mais patriarcal que um homem decidir para uma mulher o que ela é capaz ou incapaz de fazer. Para Maria Cecília de Oliveira Adão:

As organizações e seus integrantes empregavam, ainda que não intencionalmente, as distinções culturais baseadas em diferenças

<sup>166</sup> KOTCHERGENKO, Andrei Martin San Paolo. As mulheres na luta armada no Cone Sul. In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe; VEIGA, Ana Maria. (orgs.). **Resistências, Gênero e Feminismos contra as ditaduras no Cone Sul**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011. p. 288.

<sup>167</sup> Ibid.

<sup>168</sup> "E compreendemos que, por essa lógica, a própria proteção 'cavalheiresca', além de poder conduzir a seu confinamento ou servir para justificá-lo, pode igualmente contribuir para manter as mulheres afastadas de todo contato com todos os aspectos do mundo real 'para os quais elas não foram feitas' porque não foram feitas para elas." BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 11. ed. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 71.

físicas entre os sexos, que por sua vez, serviam para justificar a estrutura social masculina, considerando a capacidade de direção como atributo inerente aos homens e destinando às mulheres as atividades complementares. Portanto, valorizavam características ligadas ao ideal de competência masculina, como a competitividade, independência, decisão e autoconfiança, enquanto considerava inferiores e irracionais sentimentos como a afetividade, a compreensão, a gentileza e a empatia, características imediatamente identificadas com as mulheres.<sup>169</sup>

Fato é que o sentimento de proteção carrega também uma considerável dose de machismo, pois se Áurea precisava ser protegida é porque seus companheiros achavam que ela não seria capaz de proteger a si mesma. Este símbolo da mulher que necessita de proteção e a real tentativa de protegê-la de uma situação, a qual ela não estaria preparada, ou que não saberia como agir, é carregado de um pensamento que limita as atividades que a militante estaria apta ou não a exercer. Desse modo, a "proteção cavalheiresca", confinava Áurea em ações que ela deveria participar ou não e ao mesmo tempo servia de justificativa, visto que visava a "proteção" da jovem. Conclui-se, portanto que, provavelmente, no imaginário entre os militantes da FALN, inclusive de Áurea, existiam ações às quais mulheres estariam capacitadas a desenvolver, e outras que não eram feitas para ela.<sup>170</sup> Para KOTCHERGENKO:

[...] algumas mulheres militantes, mesmo lutando lado a lado com seus colegas das organizações de esquerda, muitas vezes não foram bem aceitas por alguns deles, o que as obrigou a lutar contra o machismo que ao mesmo tempo as discriminava tanto pelo excesso de proteção como por subestimar suas capacidades tanto físicas e intelectuais. Podemos perceber que essa discriminação era reforçada pelos valores masculinos e masculinizantes, tão associados ao modelo de guerrilheiro, que levaram os homens a acreditar que esse papel de guerrilheiro dizia respeito apenas a eles.<sup>171</sup>

Áurea não sabia, contudo a mesma prática excludente repetia-se. Pediram para ela costurar um hábito de freira para uma nova operação. A FALN contava com três ações bem-sucedidas e por isso Vanderley Caixe e Mario Bugliani decidiram que era

<sup>169</sup> ADÃO, Maria Cecília de Oliveira. **Militância Feminina: Contradições e Particularidades (1964-1974)**. Dissertação apresentada ao curso de pós-graduação da Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Unesp, 2002. p. 54.

<sup>170</sup> BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 11. ed. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 71.

<sup>171</sup> KOTCHERGENKO, Andrei Martin San Paolo. As mulheres na luta armada no Cone Sul. In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe; VEIGA, Ana Maria. (orgs.). **Resistências, Gênero e Feminismos contra as ditaduras no Cone Sul**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011. p. 288. p. 291. Citação com referência.

hora de organizarem uma ação mais arrojada. O plano era sequestrar um usineiro de Ribeirão Preto, aliás, o assalto a Pedreira fazia parte desse plano. Mas Áurea nada sabia, foi informada de uma tarefa e a cumpriu, como ela mesma disse acima, não sabia o conjunto da tarefa.<sup>172</sup>

A revolução não permitia muitos questionamentos. Se o setor da inteligência pediu que costurasse um hábito de freira, era o que Áurea tinha que fazer. Ela nos relatou sobre esse episódio que:

E eu fiz, eu não sabia costurar. (risos). Eu pedi para a minha irmã, a Roseli. Falei: "Roseli, eu tenho que preparar umas bandeiras pra passeata, você deixa eu usar tua máquina?". "Sim, sim". E não era, era o hábito de freira, então não entrava, não deixava as crianças entrar, ninguém, né. Aí eu peguei uma foto da minha tia freira e que tem assim, aquela coisa branca aqui (na altura da cabeça) e o véu preto. Eu peguei uma cartolina (risos).<sup>173</sup>

O plano era o seguinte: Mario Bugliani com outros militantes, o Djalma Quirino de Carvalho e o Marcelino, que eram de São Joaquim da Barra, levantaram um acampamento na rodovia que liga Ribeirão Preto à cidade de Sertãozinho. Como os mais novos fizeram tiro de guerra, conseguiram desapropriar algumas roupas militares para a organização e se vestiram a caráter. A ideia era que um deles se vestisse de freira e pedisse ajuda ao usineiro que, teoricamente, faria o trajeto. "*Quem não encostaria o carro para ajudar uma freira?*", imaginavam. Assim que o carro parasse, os outros, vestidos com uniforme militar, apareceriam e sequestrariam o usineiro que seria levado para outro acampamento.

Em troca do resgate os revolucionários pediram uma quantia em dinheiro suficiente para financiar e aprofundar a luta armada na região, visto que o cerco do AI-5 às organizações revolucionárias fez com que diminuísse muito o número de compradores do "Berro". Também redigiram uma carta com o objetivo de "[...] divulgar em todas as rádios, em todos os jornais a nossa luta, as propostas, tá... O apoio aos

---

<sup>172</sup> Marcelo Botosso e Alessandra Bagatim também apontam que o hábito de freira fazia parte da operação. BOTOSSO, Marcelo. **FALN. A guerrilha em Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Holos, Editora, 2006. p. 122.; BAGATIM, Alessandra. **Personagens, Trajetórias e Histórias das Forças Armadas de Libertação Nacional**. 2006. 143 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. p. 81.

<sup>173</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Márcia Pereira da Silva**. (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 10 de maio de 2014.

outros grupos que tavam também fazendo e, principalmente, a ideologia, né."<sup>174</sup> Acreditavam na ideia de Marighella que os diversos grupos revolucionários no Brasil encontrar-se-iam em algum momento para fazer a libertação nacional. Sequestrar o usineiro, para eles, era parte desse plano, fazer a organização crescer para o momento da revolução total.

No entanto, paira no ar um questionamento muito pertinente. Não seria mais fácil e plausível que uma das mulheres da organização, quem sabe a própria Áurea que acumulava certa experiência em ações passadas, se vestir de freira? Ela não pôde vestir-se de homem para assaltar a Pedreira, mas porque a um homem facultariam a possibilidade de vestir-se de mulher? Mais uma vez não a consultaram, ainda ficou de fora de uma ação mais arriscada, por ser mulher.

Mesmo que Áurea quebrasse com alguns estereótipos tradicionais ligados às mulheres, por exemplo, ao se envolver em uma organização armada, ou em lutas políticas, ainda assim, não conseguia romper com os símbolos e representações que a ligavam ao estereótipo feminino da época. Ou seja, dentro da própria organização o machismo era recorrente e um reflexo do machismo existente na sociedade. A organização em que Áurea estava inserida não fugia a essa regra. É sintomático, dessa maneira, o fato de Áurea não ser avisada das duas principais ações da FALN.

Em consequência, isso explica também os motivos para Áurea assumir a coordenação na área de logística da FALN. A logística nos grupos armados era uma área bastante importante, entretanto secundária numa organização que primava pelo enfrentamento armado contra a ditadura. KOTCHERGENKO ressalta que:

Outra forma marcante de discriminação pela qual passaram muitas mulheres militantes no interior das organizações guerrilheiras foi relativa às funções atribuídas a elas. O comando raramente coube a alguma mulher, sendo ocupado apenas por homens. As funções que lhe restavam, embora importantes para o andamento das missões, eram mais simples, tais como o levantamento de informações, as observações de campo, o apoio logístico e as estratégias de emboscada.<sup>175</sup>

---

<sup>174</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconde Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). Ribeirão Preto, 10 de dezembro de 2012.

<sup>175</sup> KOTCHERGENKO. Andrei Martin San Paolo. As mulheres na luta armada no Cone Sul. In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe; VEIGA, Ana Maria. (orgs.). **Resistências, Gênero e Feminismos contra as ditaduras no Cone Sul**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011. p. 288. p. 293.

Áurea, ao mesmo tempo em que era a responsável pela logística do grupo e dava suporte para as ações, simultaneamente era a enfermeira do grupo, responsável por ensinar aos militantes como se proteger na selva, como aplicarem injeções em caso de picada de cobras e animais peçonhentos<sup>176</sup>. Conseguia também expropriar medicamentos no Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto, assim como roupas, sapatos, até cobertores, etc. Desse modo, Áurea praticamente era a responsável pelo provimento de basicamente todos os materiais que os militantes precisavam. Áurea tinha como papel cuidar para que não faltasse nada aos militantes da FALN, ao mesmo tempo que era a pessoa para quem os militantes corriam em caso de problemas relacionados à saúde, por exemplo. Assim, Áurea acabava sendo também um porto seguro para esses militantes.

Com o sucesso do assalto à Pedreira, os militantes da FALN animaram-se e pensavam que era o momento de intensificar as ações, mas ainda sem entrar em confronto direto com a repressão. Daí surgiu a ideia de sequestrar uma personalidade ribeirão-pretana, nesse caso específico, um usineiro dono de fazenda de cana-de-açúcar. O propósito era que esse sequestro alavanca-se o grupo, que ganharia visibilidade, já que uma das exigências seria que fosse lido e impresso um manifesto nos meios de comunicação contra a ditadura. Ao passo que também pediriam uma grande quantia em dinheiro, que seria usado para as próximas ações.

Entretanto, a tentativa de sequestro do usineiro marcaria o início do fim da FALN. Apesar das atividades bem sucedidas citadas acima, essa era muito mais arriscada e hoje contestada por alguns dos participantes, dentre eles Djalma Quirino de Carvalho:

"Imagina a gente parado no meio da estrada pra tentar pegar um carro em movimento, né, olha que loucura! Três meninos que não tinham absolutamente experiência nenhuma, um senhor de idade que também não tinha experiência nenhuma disso, né!"<sup>177</sup>

E realmente, nessa ocasião tudo deu errado. O relato dos integrantes é que um vigia da fazenda, onde estavam com o acampamento provisório teria visto os militantes

---

<sup>176</sup> Processo 198/69, vol. 01 fls. 376-379.

<sup>177</sup> CARVALHO, Djalma Quirino de. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconde Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). São José do Rio Preto, 10 de março de 2012.

vestidos com farda de militares e achou aquilo muito estranho. Entrou em contato com a polícia que quando chegou ao local prendeu a todos.

Djalma Quirino de Carvalho, como muitos revolucionários, inclusive o ídolo "Che", mantinha sempre atualizado um tipo de "diário do revolucionário."<sup>178</sup> Nele fazia anotações do cotidiano da luta, citava os companheiros revolucionários, quando não o nome, ou oficial ou de guerra, as siglas. Como a repressão já estava no pé, principalmente de Vanderley Caixe, quando viu no diário as iniciais V.C. já sabia quem prender. Depois de muita tortura, os militantes revelaram também onde moravam outros integrantes da FALN. Em menos de dois dias todos estavam presos e sendo torturados.

Na verdade, são diversas as versões sobre como teria se dado o desmembramento da FALN. As análises existentes perpassam as lembranças de membros da organização que participaram da última operação que levou à prisão de militantes e ao desmantelamento do grupo e também dos militantes que mesmo não tendo participado diretamente da operação compartilham de um imaginário sobre o que teria ocorrido. Por outro lado, pessoas que não tinham ligação nenhuma com o grupo, mas que por força do acaso acabaram participando inocentemente desse processo emprestam também suas lembranças, o que faz aumentar o número de lembranças sobre o ocorrido.

Não se trata, todavia, de apontar a validade de tal ou qual versão e sim de que todas elas são igualmente relevantes para se compreender que existe a tentativa de construção de um imaginário acerca da organização e de seu desmantelamento. Tentaremos a seguir apontar rapidamente as outras versões historiográficas para a queda da FALN.

Marcelo Botosso, em sua pesquisa revela um extenso depoimento de um policial militar aposentado que se disse responsável pela investigação sobre a FALN, pouco tempo antes de a polícia prender todos os integrantes da organização. Antônio Felix da Silva diz que na época era sargento da Polícia Militar e que foi designado para investigar uma organização "subversiva" que atuava na região de Ribeirão Preto. Na versão do policial a FALN já era investigada mesmo antes da operação do sequestro que levou ao desmantelamento do grupo. O militar relatou a Botosso que:

---

<sup>178</sup> Processo 198/69, vol. 02. fls. 439-442.



[...] Naquele período, os meninos já agitavam o pedaço com muitas greves, [...] comandavam greves na Matarazzo, nas portas de fábrica e tinham a ideologia deles e pregavam aquilo e alguns de forma até meio violenta.

[...]

A primeira prisão foi depois do assalto da pedreira, pois eles já tinham feito "arte" já. Já tinha assaltado, roubado, explodido bombas nos cinemas, faziam greves, comícios relâmpagos, distribuíam *O Berro*, que era o jornalzinho, eles já vinham detonando por aí. A polícia já estava em cima deles. Já sabiam das coisas. Tinha o plano (de sequestro) já com o capitão do mato.<sup>179</sup>

Desse modo, para o militar aposentado, parece que o desmantelamento do grupo era uma questão de investigação, ou seja, tempo e paciência. Todavia, apesar da versão apresentada por Antônio Felix apontar que conseguiram prender Mário Bugliani na casa de um jornalista, contato da FALN, e que ele teria supostamente levado os policiais à casa de Áurea, ele não explica como chegaram ao acampamento em que estavam os militantes que empreenderiam a ação do sequestro. Outra coisa que se revela manifesta no depoimento do então sargento da polícia e que pode ter influenciado as lembranças ativas pela sua memória é a simpatia que ele deixa explícita por Áurea e Vanderley quando diz que: "os meninos sonharam muito alto... Eu conheci o Vanderley mocinho, a Áurea mocinha...". Por outro lado ele possui uma repulsa pela imagem de Mário Bugliani de quem diz que: "De todos eles, o mais violento na realidade, o mais radical, ignorante também, era o Mário. Ele queria era detonar, o negócio dele era a violência mesmo."<sup>180</sup>

Botosso aponta que segundo Nelson Agenor Tonetto, responsável pelo aparelho onde os militantes faziam o treinamento de guerrilha, Mário teria ido à cidade, o que nos faz crer que esse foi o momento de sua queda, e que os dois militantes que ficaram no acampamento provavelmente foram vistos por seguranças que rondavam a fazenda da região em bicicletas. Esses seguranças teriam acionado a polícia e prendido ambos. Dessas três prisões teria ocorrido o "efeito dominó" ou "efeito cascata" apontado por Botosso.<sup>181</sup>

A versão apresentada por Bagatim aponta a visão de Sílvio Rego Rangel que já estava afastado do grupo quando da operação de sequestro. A autora assinala que para

<sup>179</sup> BOTOSSO, Marcelo. **FALN. A guerrilha em Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Holos, Editora, 2006. p. 116-119.

<sup>180</sup> Ibid., p. 116-120.

<sup>181</sup> Versão apresentada por Botosso sobre a queda da FALN: BOTOSSO, Marcelo. O início do fim. In: BOTOSSO, Marcelo. **FALN. A guerrilha em Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Holos, Editora, 2006. p. 116-123.

Silvio: "a ânsia do grupo em organizar um movimento na área rural fez com que eles perdessem em seus propósitos."<sup>182</sup> Para o ex-militante da FALN o plano de conseguir dinheiro através do sequestro e colocar o sequestrado enterrado num buraco era uma atitude bárbara, mesmo que não fizessem mal ao referido, e ainda agradece ao acaso pelo sequestro não ter ocorrido, pois, segundo ele "se isso tivesse acontecido, provavelmente, nós todos teríamos sido mortos."<sup>183</sup>

Alessandra Bagatim ainda salienta que muitos militantes enxergaram o diário de Djalma como o principal responsável pelo desmantelamento da FALN, visto que possuía diversos nomes dos envolvidos com o grupo, nomes de guerra, etc. Todavia, a autora relativiza esse fato dizendo que:

Mas o diário, na verdade, foi apenas uma maneira encontrada por Djalma Quirino de poder extravasar toda a profusão de sentimentos que ele vivia naquele momento: as sensações e sonhos que aquela experiência lhe trazia e o amor e a saudades de Leila Bosqueto, sua namorada.<sup>184</sup>

Aqui julgamos pertinente acrescentarmos à observação de Bagatim, um trecho da análise do próprio Djalma sobre o ocorrido que corrobora com a visão de que talvez se revele precipitada a busca por bodes expiatórios e "culpados" para explicar como se deu o desmantelamento do grupo:

Até hoje tem gente fazendo análise do mesmo jeito que se fazia há 40 anos. Então, é mais ou menos assim: A ALN caiu porque o Fulano não tava preparado pra participar da ALN; o Vale do Ribeira caiu porque o Fulano abriu o Vale do Ribeira; A FALN caiu porque o Djalma tinha um diário, você entende? Então eu fico pensando assim, e se não tivesse caído, teríamos tomado o poder?<sup>185</sup>

Silva, também apresenta uma versão para como teria se dado a queda das Forças Armadas de Libertação Nacional. Apesar de sua pesquisa ser mais voltada para o movimento dos estudantes no município de Franca, é pertinente o fato de que a FALN teve bastante influência nesse meio estudantil, visto que alguns estudantes da cidade participaram ou colaboraram com a organização, principalmente através do jornal "O

<sup>182</sup> BAGATIM, Alessandra. **Personagens, Trajetórias e Histórias das Forças Armadas de Libertação Nacional**. 2006. 143 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. p. 81.

<sup>183</sup> Ibid., p. 81.

<sup>184</sup> Ibid., p. 80-81.

<sup>185</sup> CARVALHO, Djalma Quirino de. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconde Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). São José do Rio Preto, 10 de março de 2012.

Berro". A pesquisadora apresenta que há uma pluralidade de versões acerca do que teria levado à queda da organização e chama a atenção para o fato que: "Em virtude de nada constar nos processos, chega-se, por meio de depoimentos orais a várias versões do ocorrido."<sup>186</sup> Segundo Márcia Pereira da Silva conseguiu apurar:

Para um dos entrevistados, bem provavelmente, as pessoas que passaram pela rodovia estranharam a movimentação e acionaram a força policial. Para outros tudo aconteceu porque um dos três militantes, que estava com sede pela madrugada, deixou o local em que dormiam e dirigiu-se para o outro extremo da pista, local em que ao longe se avistava o que parecia ser uma fazenda com algumas vacas. Ao atravessar a rodovia foi surpreendido por um carro que vinha em alta velocidade. Apavorado, ouviu a buzina estridente e julgou tratar-se da polícia. Imediatamente, jogou-se no acostamento, para, depois, sair em disparada. A mulher que dirigia o veículo achou ter atropelado um indigente, seguiu viagem, parou no primeiro posto policial e pediu socorro. Nelson Toneto [...] que foram (os militantes que estava no acampamento) surpreendidos por um fazendeiro que procurava cabeças de gado perdidas do outro lado da rodovia. [...] Quando foram presos puderam descrever superficialmente a fazenda em que treinaram tiros e sobrevivência na mata, local que era justamente a casa de Nelson.<sup>187</sup>

Silva ainda aponta que segundo Vanderley Caixe, principal liderança da FALN "as circunstâncias que teriam levado ao desmembramento da operação ainda são um mistério. Apesar das inúmeras, e as vezes jocosas, interpretações relatadas, ninguém pode falar acerca do ocorrido com clareza. A confusão é compreensível, já que foi a prisão desses e a apreensão dos objetos e materiais que portavam que parece ter proporcionado a perseguição a todos os membros da FALN."<sup>188</sup>

De todo modo as três pesquisas apontam que a ação do sequestro foi a última organizada pela FALN. É certo que apontam algumas diferenças no que tange a como se desdobraria a ação. Silva, por exemplo, não cita em seu trabalho a questão do hábito de freira e diz que na verdade os militantes, para conseguir fazer o carro do suposto sequestrado parar, forjariam uma "parada militar" na rodovia. Já Bagatim e Botosso revelam que havia sim um hábito de freira e que os militantes vestidos de militares na verdade atuavam como ajudantes da "irmã" que precisava de uma carona. Todavia, é

---

<sup>186</sup> SILVA, Márcia Pereira da. **Em busca do sonho**: História, juventude e repressão Franca (1960-1970). Montes Claros: Ed. Unimontes, 2001. p. 20.

<sup>187</sup> *Ibid.*, p. 22-23.

<sup>188</sup> SILVA, Márcia Pereira da. **Em busca do sonho**: História, juventude e repressão Franca (1960-1970). Montes Claros: Ed. Unimontes, 2001. p. 22.

consenso entre as pesquisas que a finalidade do sequestro era angariar fundos para a organização e divulgar em rádios, jornais, etc, a "luta da FALN contra a ditadura".

O desbaratamento da FALN levou seus militantes a conhecerem o terrorismo de Estado, sistematizado na época da ditadura principalmente através da tortura. Algumas pessoas que não eram integrantes do grupo, mas que compravam "O Berro" ou que doavam dinheiro para eles, sem saberem que eram uma organização armada foram também perseguidas e convocadas a prestar depoimentos.

## CAPÍTULO 3

## ÁUREA MORETTI: SOBREVIVENDO AO COTIDIANO DA REPRESSÃO

*E uma coisa assim que me interessa saber muito é sobre o que que foi mesmo que a Lei de Anistia me perdoou?! Eu, até hoje, não entendi! Eles falam "ai, mas perdoou os dois lados. Tanto os subversivos como os torturadores." A Lei da Anistia, perdoou foi a eles. Por que, eu fui presa na minha casa, fui torturada dentro da minha casa, fui levada pra delegacia, fui espancada, passei pau de arara, choque elétrico noites inteiras, tentativa de estupro, né! Telefone que dá com as duas mãos, eu tenho labirintite até hoje por causa disso, né. Fui assim torturada de tudo quanto era modo, assédio sexual, emocional, tudo que pensar, tudo. Peguei seis anos de cadeia, peguei seis anos de cadeia. Enquanto isso e eles? Subiram na vida, ganharam cargo, ficaram numa boa, não é?!<sup>189</sup>*

*(Áurea Moretti)*

A greve de fome já contava cinco dias, quando chegou o comunicado de que Áurea e Marlene seriam enviadas ao DEOPS novamente. Seu coração começou a pulsar mais forte, a respiração ficou pesada, pesou também o aperto em seu peito que naquela

---

<sup>189</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconde Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). Ribeirão Preto, 10 de dezembro de 2012.

altura dos acontecimentos, parecia incontrolável. O temor de voltar para o local escuro e frio, onde não apenas ela, mas muitos outros companheiras e companheiros haviam sido torturados, o medo de novamente passar pelo terror. O pau-de-arara, os choques elétricos, as sevícias, as tentativas de estupro, os atentados ao corpo e à dignidade. Tudo voltava a sua mente, sentia um arrepio na espinha, as memórias daqueles dias nunca mais se apagariam.

### 3.1. Uma testemunha inocente

O sol estava mais quente naquele início de tarde, a poeira avermelhada e o mato baixo e amarelado refletiam o clima seco do outono do interior paulista. Ao longe, como se fosse uma miragem, avistava a perua kombi branca com a placa de Ribeirão Preto a sacolejar pela esburacada estrada de terra. Rachel levantou o braço, num gesto mais mecânico que necessário, pois o veículo não a deixaria para trás. Alguns professores já estavam dentro do carro quando subiu nele e tomou seu assento. O carro saía todos os dias de manhã bem cedo e circulava pela cidade, apanhava entre 10 e 15 professores que cumpriam diariamente a missão de ministrar aulas para crianças que moravam em fazendas nas cercanias do município. Dentre os professores estava Rachel Lepera, que trabalhava no Grupo Escolar Rural do Núcleo Colonial de Guatapar<sup>190</sup>. À tarde o mesmo trajeto, mas em sentido contrário era feito. Às 16 horas Rachel era deixada na Rua Benjamin Constant, próxima a sua residência. Desceu da kombi, despediu-se das colegas e do motorista e iniciou os poucos passos até sua casa.

Rachel estava com a cabeça em seus problemas pessoais e familiares, precisava fazer o jantar, ajudar os filhos com as lições de casa e lidar com o marido, que àquela altura estava neurótico, com o medo da perseguição dos militares. Mauro Lepera, com quem era casada há alguns anos, era primo de Luciano Lepera, deputado declaradamente de esquerda perseguido pela ditadura. Desde o golpe de 1964, a vida do casal girava em torno das crises de Mauro que acreditava ser iminente sua prisão. Rachel lembra-se que:

Ele (Mauro, marido de Rachel) ficou transtornado, foi a palavra mais certa que a gente encontrou, o emocional ficou tão abalado, tão

---

<sup>190</sup> Processo 198/69, vol. 02. fls. 670.

abalado porque também ele tinha medo das consequências que poderia passar o irmão, passando o irmão ele ia passar também, pelo irmão e naturalmente por entrar na história do irmão. E ele ficou terrivelmente doente emocional. Então, o que que acontecia? Olha foram, foi um período enorme pra mim, pelas emoções, pelas dificuldades que contando parece história de fantasma. Ele ficou tão abalado emocionalmente, com tanto medo, com tanto medo que ele de manhã, ele dormia aqui na sala de roupa, chega alta hora da noite, comia qualquer coisa, nem tomava banho, deitava aqui, ficava de roupa, de medo de ser... Da polícia bater, porque diz que a polícia entrava e pegasse ele como preso.<sup>191</sup>

A neurose não diagnosticada de seu marido era preocupação constante na vida da família. Mauro chegou ao ponto de instruir a funcionária, contratada por Rachel para ajudá-la nos afazeres diários, de como agir caso a polícia batesse à porta da casa. Depois de algum tempo, a moça pediu demissão à "dona Rachel" por não estar "*aguentando o 'Seu Mauro'!*"

Depois que desceu da kombi, Rachel continuava distraída, pensando em seus problemas familiares. De repente, uma voz feminina que chamava seu nome irrompeu sua concentração, "*Dona Rachel! Dona Rachel!*" Quando saiu do transe em que estava olhou para trás. Era Áurea Moretti que vinha correndo em sua direção com um exemplar do jornal "O Berro", que Rachel já tinha visto em sua casa nas mãos de seu marido, e um caderninho e uma caneta. Áurea pediu para Rachel que pagasse a mensalidade do jornal, visto que provavelmente seu marido tinha esquecido. A professora disse pagaria, conhecia Áurea há muito tempo e não tinha motivo algum para suspeitar das intenções da moça. Encontrou o dinheiro, pagou e pegou o jornal. Depois, assinou o caderno que estava com Áurea, como se fosse um visto pelo pagamento. Disso Rachel conclui:

[...] conclusão: Eu fiquei com "O Berro" e ela ficou com a minha assinatura num caderno que era um documento de todos os simpatizantes ou filiantes do partido, do partido deles (FALN). Daí eu fui chamada, eu fui convocada pelo DEOPS pra ir depor, depor o que eu não sei, mas eu fui!<sup>192</sup>

Passaram-se aproximadamente dois meses desde que Rachel pagou Áurea Moretti pelo jornal. Nesse espaço de tempo sua vida não se transformou muito, suas

---

<sup>191</sup> LEPERA, Rachel Fonseca. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconde Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). Ribeirão Preto, 17 de dezembro de 2011.

<sup>192</sup> Ibid.

preocupações com a casa e o marido aumentaram, visto que ela perdeu também a mulher que a ajudava nos afazeres domésticos. O medo que seu marido tinha de ser preso fez com que ele ficasse durante o dia na casa de um amigo em um bairro novo e distante, na periferia de Ribeirão Preto. Enquanto seu esposo fugia de uma polícia que nunca apareceu para prendê-lo, ela, Rachel, que fez sempre questão de dizer que nunca se envolveu com política, recebeu um "papel timbrado", que não se recorda de qual instituição, intimando-a para depor na Delegacia Seccional de Ribeirão Preto.

Acompanhada de seu marido dirigiu-se à delegacia no dia seis de novembro de 1969. Rachel foi intimada a depor tendo sido registrado um "Auto de Qualificação e Interrogatório", em que foi cientificada da acusação feita. Ou seja, Rachel era acusada de comprar um jornal subversivo. Isso fez com que a professora fosse fichada no DEOPS pelo motivo: "Lei de Segurança Nacional."<sup>193</sup>

Entramos, entrei já com o soldado do lado, já era presa. Meu marido ficou lá embaixo, não pode subir, eu subi com o soldado. Abrimos uma bruta porta, abrimos não, ele abriu e eu vi aquele salão muito grande, muito cheio de gente, muita mesa, muitos inquiridores, né, sentados pra fazer pergunta. Tinha bastante gente também, acho que civil, comum. E a sala tava muito cheia e o soldado que me encaminhou até a mesa mandou sentar, [...] e foi embora, eu sentei. Aí, daqui a pouco chegou aquele que ia me entrevistar, mas não era soldado, deve ser algum funcionário, não sei, isso não entendo. E nisso eu fui olhando tudo, a mesa estava limpinha, só na frente tinha aqueles blocos próprios e nessa ponta da mesa o que tinha do mesmo papel que ele escreveu o meu depoimento, eram tudo fichas, né. Eu olhei, eu falei, "Nossa senhora, quantos que já vieram, meu deus!" Era todas fichas de outras pessoas, mas a pessoa também que me inquiriu não foi sem educação, não foi grosseiro nem nada, simplesmente fez as perguntas. Foi quando, ele nem falou comigo, "a senhora vai ser (acariada)... eu vou chamar a Áurea..."

Rachel estava confusa, não entendia ainda porque estava lá, também não lhe foi explicado. Quando disseram que trariam Áurea, lembrou-se do jornal. Sentia-se constrangida e com medo, mas conseguiu esconder esses sentimentos e manteve-se razoavelmente calma, pois chegou à conclusão de que o mais sábio era "fazer um determinado papel que não demonstrasse que tava preocupada, nem com medo." Não

---

<sup>193</sup> Processo 198/69, vol. 02 fls. 678.



que estivesse com medo, não havia feito nada de errado, mas estava "[...] com dó de tanto sofrimento que eu vi!"<sup>194</sup>

Percebeu que o soldado aproximou-se, não mais sozinho. Atrás dele outro soldado que trazia, carregada por um dos braços Áurea, que "já naquela altura doía o coração, porque ela já estava caída de uma forma física e emocional que você tinha muita pena."<sup>195</sup> A imagem de Áurea machucada, com diversos hematomas e muito ferida chocou a professora. Rachel ficou atônita por um momento e em seguida se perguntou o que poderia fazer, se havia alguma forma de ajudar a pobre moça que conhecia desde sempre. Enquanto isso Rachel ponderava, tentando de todas as maneiras encontrar uma forma de ajudar Áurea, "Aí eu olhei pra ela com muita pena, aí ela também olhou, correspondeu o mesmo olhar e fez assim pra mim com a mão, como se dissesse assim, 'Fica quieta, não fala nada. Bobagem, bobagem falar.'"<sup>196</sup> O soldado sentou Áurea à força na terceira cadeira que existia na sala e retirou-se. O homem que estava inquirindo Rachel sentou-se assim que o soldado saiu da sala. Rachel ficou quieta, Áurea também ficou em silêncio, assim como o inquiridor.

Passados alguns constrangedores minutos de silêncio, sem que ninguém falasse nada e nenhuma pergunta fosse feita a qualquer uma das partes, o inquiridor pediu que Áurea fosse retirada. Mais uma vez carregada por um soldado, visto que não tinha mesmo condições de manter-se em pé, a jovem foi levada. Após, essa bizarra experiência, o inquiridor interrogou Rachel e depois a liberou<sup>197</sup>. Ela precisou, antes, registrar todas suas digitais, pois não se pode esquecer que foi fichada pelo DEOPS, e só depois foi embora. Encontrou com seu marido que ainda a esperava e foram para casa.

Passada a estranha experiência, o medo neurótico do marido de Rachel não pareceu mais um devaneio tão distante. A professora sentia-se observada e perseguida o tempo todo. Os primeiros dias foram de apreensão total, na kombi que a levava para seu trabalho, toda vez que alguém virava para falar com ela tinha medo que a tivessem visto entrando ou saindo da delegacia, que perguntassem os motivos dela estar lá. Mas ela

---

<sup>194</sup> LEPERA, Rachel Fonseca. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconde Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). Ribeirão Preto, 17 de dezembro de 2011.

<sup>195</sup> LEPERA, Rachel Fonseca. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconde Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). Ribeirão Preto, 17 de dezembro de 2011.

<sup>196</sup> Ibid.

<sup>197</sup> Processo 198/69, vol. 02 fls. 670-671.

não foi processada, nem perseguida diretamente pelo regime. Com o tempo teve que engolir seu medo e caminhar com sua vida, com os problemas cotidianos. Segundo Rachel, ela acostumou-se:

Quer dizer que tudo isso te perturba muito, perturba. Agora, como eu era uma mulher simples, continuei vivendo porque eu precisava trabalhar e viver, mas que constrange, deprime.<sup>198</sup>

Rachel presenciou o estado em que Áurea estava, entretanto não teria a dimensão da experiência vivida por ela. Quando depôs na delegacia seccional de Ribeirão Preto, fazia 19 dias que Áurea estava presa. Todos esses dias foram de intensa tortura e luta por sobrevivência de Áurea Moretti, Mario Lorenzatto, Vanderley Caixe, Djalma Quirino de Carvalho, Madre Maurina Borges e de tantos outros. O jornal "O Berro", comprado pela professora parou de circular assim que caiu a FALN, organização a qual os referidos acima faziam parte.

### 3.2. "Prendaram a Áurea!"

Áurea foi conduzida a um camburão da Polícia Militar, essa era uma das poucas vezes que saía do Presídio "Tiradentes". Seu destino, o DEOPS, Áurea e Marlene testavam a paciência dos militares com a nova greve de fome. Elas não sabiam de nada, mas segundo Maurice Politi, as diversas denúncias dos presos políticos contra as violências que ocorriam no presídio que eram divulgadas inclusive internacionalmente, fizeram com que o regime opta-se por iniciar a separação dos presos políticos. Politi diz que:

Efetivamente, em princípios de maio (1972), toma forma concreta o plano de separação dos presos, fixando-se inicialmente em 18 o número daqueles que deveriam ser transferidos, apontados pelas autoridades como os que tinham encabeçado as denúncias.<sup>199</sup>

Dessa primeira separação somaram-se outras, incluindo a que levou Áurea e Marlene a entrarem em greve de fome.

---

<sup>198</sup> LEPERA, Rachel Fonseca. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconde Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). Ribeirão Preto, 17 de dezembro de 2011.

<sup>199</sup> POLITI, Maurice. **Resistência atrás das grades**. São Paulo: Plena Editorial, 2009. p. 27.

Dentro do camburão, rodando pela cidade de São Paulo, Áurea lembrou-se do dia em que foi presa, em 19 de outubro de 1969. Na verdade, a queda da FALN foi como um "efeito dominó".<sup>200</sup> A partir do momento que o acampamento (próximo à rodovia que liga Ribeirão Preto a Sertãozinho) foi descoberto, a Polícia conseguiu prendê-los um a um. Com Áurea não foi diferente. Estava em casa... "Ixi, quando eu vi o Lamano<sup>201</sup> tava entrando pela cozinha."<sup>202</sup> Não se encontrava sozinha, toda sua família, à exceção do pai e da irmã Eli, estava ali naquela noite. Segundo Áurea:

E aí o Lamano já pegou e começou a me bater dentro da minha casa, destroçaram tudo, roubaram o anel de formatura dela (irmã de Áurea). O que tinha de valor dentro da casa eles roubaram tudo [...] Minha mãe paralisada, você imagina, né... Chocada.<sup>203</sup>

Segundo relatou Áurea, os policiais, chefiados pelo delegado Miguel Lamano, vasculharam sua casa, destruíram muitas coisas que viam pela frente, à procura de qualquer artefato que a incriminasse, que a ligasse à FALN e à subversão e ao mesmo tempo aproveitavam para roubar alguns bens valiosos da família, como, por exemplo, o anel de formatura de sua irmã. Até o momento os policiais achavam que na verdade, Áurea se chamava "Maria".

Procuravam por armas, tinham certeza de que ela teria alguma em sua casa, porém não as encontraram. Vasculharam a casa, cômodo por cômodo. Quando adentraram o quarto de Áurea encontraram diversos papéis, dentre eles documentos da organização, como exemplares do "Berro" e uma caderneta em que Áurea anotava os nomes dos colaboradores do jornal. "E mesmo assim tinha coisa que era da organização e que nunca eu devia ter guardado. Nunca a gente devia ter escrito em papel nenhum, nem nome e nem outra atividade."<sup>204</sup> Essas cadernetas fizeram com que a polícia achasse que os compradores do jornal fossem mais que apenas simpatizantes do grupo, fizessem parte da organização. Isso levou diversas pessoas, principalmente os compradores mais recorrentes do jornal, a serem convocados para prestar depoimentos

<sup>200</sup> BOTOSSO, Marcelo. **FALN. A guerrilha em Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Holos, Editora, 2006. p. 116.

<sup>201</sup> Miguel Lamano, delegado do DOPS em Ribeirão Preto, alzo da FALN, torturador.

<sup>202</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Márcia Pereira da Silva**. (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 10 de maio de 2014.

<sup>203</sup> Ibid.

<sup>204</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Márcia Pereira da Silva**. (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 10 de maio de 2014.

na delegacia de polícia de Ribeirão Preto. Foi nessa ocasião que Rachel Fonseca Lepera foi intimada a depor na Delegacia de Polícia de Ribeirão Preto.

A violência não cessou quando colocaram Áurea no camburão e a levaram para a delegacia. Ao ser retirada de sua casa, todas as luzes do quarteirão acesas, os vizinhos na rua, a movimentação intensa, o barulho de botas marchando. Áurea teve, então, dimensão da operação militar que se formou em seu quarteirão para prendê-la enquanto era colocada à força dentro de um dos camburões de polícia. Diversas viaturas fecharam a rua de sua casa, dezenas de policiais militares foram mobilizados para a operação, era uma visão de guerra.

Áurea foi levada para a delegacia de polícia de Ribeirão Preto, na Rua São Sebastião, junto com diversos de seus companheiros, menos Mario Lorenzatto soube da operação na casa de Áurea, a tempo de pegar um ônibus e fugir para São Caetano, no ABC paulista, antes de ser apanhado. Como se não bastasse a humilhação pela qual Áurea já tinha passado, teve que ouvir durante toda a noite, um a um os companheiros que eram capturados: "A primeira noite no corredor tava o rádio, então eles iam passando pra São Paulo as pessoas que foram presas, a noite inteira eu ouvia as pessoas que estavam caindo aqui."<sup>205</sup>

Nas lembranças de Vanderley Caixe, não foram feitos muitos questionamentos no início do interrogatório:

Aí sei que levaram lá pro quartel e, o quartel não, na delegacia de polícia primeiro que era no primeiro distrito aqui embaixo. E aí sem perguntar, porque a primeira fase deles é amaciar a carne. Então já chega um e te dá um soco no estômago, o outro te dá na cabeça, o outro te dá uma rasteira, você cai no chão aí é chute, cacetada com esse cassetete de borracha, mas que é duro pra caramba, viu!<sup>206</sup>

Áurea passou por diversas fases da tortura. Mas é essencial antes compreender que a tortura vivida e sobrevivida por Vanderley Caixe e outros membros homens da FALN é diferente daquela pela qual passou Áurea. Segundo a historiadora argentina Elizabeth Jelín "tortura tem gênero"<sup>207</sup>, ou seja, o gênero era determinante no tratamento

---

<sup>205</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Márcia Pereira da Silva**. (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 10 de maio de 2014.

<sup>206</sup> CAIXE, Vanderley. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconde Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). Ribeirão Preto, 11 de dezembro de 2011.

<sup>207</sup> JELIN, Elizabeth. El género en las memorias. In: \_\_\_\_\_ **Los Trabajos de la Memoria**. Madrid: Siglo Veintiuno, 2002. p. 109-115.

desferido às mulheres torturadas e presas, sempre diferenciando o masculino do feminino. Esse pensamento de punição à mulher guerrilheira era alimentado, pois os torturadores consideravam-nas violadoras das regras sociais em dois âmbitos: primeiro, pelo fato de serem comunistas, visto que eram presas por fazerem parte de uma organização "subversiva"; segundo, por saírem da esfera privada, em que deveriam exercer o papel de dona de casa, esposa e mãe, e tentarem conquistar o âmbito público que era o da luta política. Para Elizabeth F. Xavier Ferreira:

Em primeiro lugar, as militantes estavam desempenhando um papel duplamente transgressor: enquanto agentes políticos (insurgindo contra o regime) e enquanto gênero (rompendo com o padrão vigente). Portanto, a junção desses dois aspectos imprime um significado radical à participação política dessas mulheres no movimento contra a ditadura, fato que certamente não escapa à interpretação dos agentes dos aparelhos de repressão do Estado.<sup>208</sup>

Não à toa percebemos que usualmente os torturadores ao xingarem as mulheres presas políticas, utilizavam largamente o vocativo de "prostitutas comunistas". Esse termo é recorrente na maioria dos depoimentos de ex-presas políticas. Segundo Colling:

A humilhação das mulheres foi outra técnica utilizada para fragilizá-las como mulher e como militante. A memória das mulheres, mesmo quase três décadas depois, conserva como uma fotografia as cenas de humilhação feminina. De acordo com Pagu "o que eles queriam, na verdade, era atingir a mulher, era dizer que a mulher que se mete em atividades políticas ou em militância política é uma prostituta, dada a vícios."<sup>209</sup>

E desde o começo de sua via-sacra nas mãos da repressão, lembrando que a totalidade dos torturadores eram homens, Áurea sentiu na pele que o fato de ser mulher era determinante na ação de seus algozes. Para a rígida visão do Estado brasileiro e de seus agentes repressores, a política não era um espaço que deveria ser ocupado por mulheres. Ana Maria Colling, na obra *A Resistência da Mulher à Ditadura Militar no Brasil*, direcionou seus estudos para a “mulher subversiva” que adentrou ao espaço público da luta política no período.

---

<sup>208</sup> FERREIRA, Elizabeth F. Xavier. **Mulheres, Militância e Memória**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 152.

<sup>209</sup> COLLING, Ana Maria. **A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1987. p. 84.

Adentrar o espaço público, político e masculino por excelência, foi o que fizeram estas mulheres ao se engajarem nas diversas organizações clandestinas existentes no país, durante a ditadura militar. A mulher lutando para ser cidadã, não somente como profissional, trabalhadora, mas como participante da política, espaço que marca a diferença e a exclusão.<sup>210</sup>

As mulheres que ingressaram nas organizações armadas de extrema-esquerda, dessa forma, romperam com o estereótipo da mulher criada para o lar, seguidora dos padrões e valores cristãos ocidentais. Esse rompimento suscitou nos agentes da repressão a ideia de que era necessário que essas mulheres retomassem as atividades que seriam "adequadas" para o seu gênero. Ou seja, notamos que elas sofriam uma violência de gênero, porque os torturadores consideravam que era preciso puni-las não apenas pelo fato de ligarem-se a uma ideologia contrária à da ditadura, mas também porque romperam com a "ordem natural", e por isso eram uma ameaça a toda a sociedade, pois subvertiam não apenas o sistema político, mas colocavam em risco toda a família, visto que a mulher era encarada como um dos pilares de sustentação da família cristã. Ferreira diz que:

Várias (mulheres) descrevem a reação de asco que despertavam em seus inquisidores e o conseqüente abuso verbal - sempre referente à sua condição de mulher - a que eram sistematicamente submetidas durante os interrogatórios. [...] Além do mais, os constrangimentos a que são submetidos tanto os homens quanto as mulheres atingem-nas de forma particular. Elas estão sempre nas mãos de agentes do sexo masculino e sofrem todos os vexames sob o olhar de alguém que lhes é diferente.<sup>211</sup>

Havia, dessa maneira, uma forma particular de agir dos torturadores quando o subversivo era mulher. A partir do momento que havia entre os torturadores a exaltação de uma "masculinidade" rude, viril e violenta, construiu-se, ao mesmo tempo, um determinado estereótipo feminino no qual as mulheres fossem o oposto dos homens, inferiores a eles hierarquicamente. Conseqüentemente existia um rechaço às mulheres que não seguiam esse estereótipo feminino, ligado à sensibilidade, dependência e passividade. Portanto, compreendemos que "a reação de asco" dos militares contra as mulheres torturadas, apontado por Ferreira, reside no fato de que essas mulheres não seguiam o estereótipo feminino idealizado pelos torturadores.

<sup>210</sup> COLLING, Ana Maria. **A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1987. p. 10.

<sup>211</sup> FERREIRA, Elizabeth F. Xavier. **Mulheres, Militância e Memória**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 154-155.

Desse modo, apreendemos que esse pensamento influía de maneira determinante nas atitudes de dos torturadores. A partir do momento que encaravam as militantes políticas como duplamente violadoras das regras sociais, como já salientado anteriormente, os torturadores imbuíam-se de uma missão, não apenas para desarticular uma organização de esquerda, mas também para restaurar a ordem que consideravam "natural" de gênero. Segundo Elizabeth Jelín:

La represión fue ejecutada por una institución masculina y patriarcal: las fuerzas armadas y las policías. Estas instituciones se imaginaron a sí mismas con la misión de restaurar el orden "natural" de género. En sus visiones, debían recordar permanentemente a las mujeres cuál era su lugar en la sociedad - como guardianas del orden social, cuidando a maridos e hijos asumiendo sus responsabilidades en la armonía y la tranquilidad familiar -. Eran ellas quienes tenían la culpa de las transgresiones de sus hijos; también de subvertir el orden jerárquico "natural" entre hombres y mujeres. Los militares apoyaron e impusieron un discurso y una ideología basadas en valores "familísticos". La familia patriarcal fue más que la metáfora central de los regímenes dictatoriales; también fue literal.<sup>212</sup>

Logo, os objetivos dos militares ao torturarem as mulheres militantes eram, além de extrair informações sobre as organizações guerrilheiras, deixar claro que ocupavam um ambiente vedado a elas, que era o da luta política. Assim, ao invés de atacarem as mulheres devido à ideologia que cada uma seguia, atacavam-nas enquanto mulheres. Por isso, nas torturas psicológicas os inquisidores demonstravam "asco" e usavam largamente, contra as mulheres, de gênero. Da mesma forma, usavam discursos patriarcais impositivos, que defendiam que aquelas mulheres deveriam voltar para suas atividades "naturais" como donas de casa, mães e esposas. Enquanto isso, na tortura física, atacavam principalmente os órgãos identificados com o gênero feminino. Jelín aponta que:

Todos los informes existentes sobre la tortura indican que el cuerpo femenino siempre fue un objeto "especial" para los torturadores. El tratamiento de las mujeres incluía siempre una alta dosis de violencia

---

<sup>212</sup> JELIN, Elizabeth. **Los Trabajos de la Memoria**. Madrid: Siglo Veintiuno, 2002. p. 107. (Tradução livre). "A repressão foi executada por uma instituição masculina e patriarcal: as forças armadas e as polícias. Estas instituições se imaginarão a si mesmas com a missão de restaurar a ordem 'natural' de gênero. Em suas visões, deviam recordar permanentemente às mulheres qual era seu lugar na sociedade - como guardiãs da ordem social, cuidando de maridos e filhos assumindo suas responsabilidades na harmonia e na tranquilidade familiar -. Eram elas que tinha a culpa das transgressões de seus filhos; também de subverter a ordem hierárquica 'natural' entre homens e mulheres. Os militares apoiaram e impuseram um discurso e uma ideologia baseados em valores 'familísticos'. A família patriarcal foi mais que a metáfora central dos regimes ditatoriais; também foi literal."

sexual. Los cuerpos de las mujeres – sus vaginas, sus úteros, sus senos, - ligados a la identidad femenina como objeto sexual, como esposas y como madres, eran claros objetos de tortura sexual.<sup>213</sup>

Não obstante, uma técnica de tortura largamente utilizada pelos militares e utilizada também pelos órgãos civis de repressão para iniciar os interrogatórios consistia em despír os torturados, homens e mulheres. As roupas eram tiradas para que o torturado se sentisse sem proteção alguma, totalmente vulnerável frente aos seus torturadores. O militar Adyr Fiúza relatou a Maria Celina D'Araujo, Glaucio Ary Dillon Soares e Celso Castro que:

Os ingleses, por exemplo, recomendam que só se interroge o prisioneiro despido porque, segundo eles, uma das defesas do homem e da mulher, evidentemente, é a roupa. Tirando a sua roupa, fica-se muito agoniado, num estado de depressão muito grande. E esse estado de desespero é favorável ao interrogador.<sup>214</sup>

No caso das mulheres, por serem inquiridas sempre por homens, lembrando que a totalidade dos torturadores era do gênero masculino, a situação tornava-se mais invasiva. Ficavam com suas sexualidades expostas contra sua vontade, cercadas por homens, que as ofendiam, desferiam ameaças e as constrangiam enquanto mulheres. Colling descreve, através do que foi relatado a ela sobre as sessões de tortura em que o torturado é despido e tem um capuz em sua cabeça:

Este tipo de tortura também é utilizado para os homens. Porém, para as mulheres, tem um significado especial. Simone explica que o fato de deixarem a mulher nua e sem poder ver faz com que ela fique só consigo mesma, pois ninguém a vê e ela não vê ninguém. Somente ela sabe que é uma pessoa com aquele rosto, e o torturador não sabe porque ele só vê um corpo nu.<sup>215</sup>

Em contrapartida, não se pode achar que as mulheres torturadas eram simplesmente receptoras passivas das violências de seus algozes. Ao passo que existiram torturas, violações à dignidade física e psicológica de seres humanos, houve ao mesmo tempo, resistência e necessidade de sobrevivência.

<sup>213</sup> JELIN, Elizabeth. **Los Trabajos de la Memoria**. Madrid: Siglo Veintiuno, 2002. p. 101-102. (Tradução livre). "Todas as informações existentes sobre a tortura indicam que o corpo feminino sempre foi um objeto 'especial' para os torturadores. O tratamento das mulheres incluía sempre uma alta dose de violência sexual. Os corpos das mulheres - suas vaginas, seus úteros, seus seios, - ligados à identidade feminina como objeto sexual, como esposas e como mães, eram claros objetos de tortura sexual."

<sup>214</sup> D'ARAÚJO, Maria Celina; SOARES, Glaucio Ary Dillon & Castro, Celso (orgs.). **Os anos de chumbo**: A memória militar sobre a repressão. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. p. 62

<sup>215</sup> COLLING, Ana Maria. **A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1987. p. 83.



O general reformado Adyr Fiuza de Castro, que foi chefe do Centro de Informações do Exército (CIE) entre 1968-69 e comandou, nos anos de 1972-1974 um dos Destacamentos de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi) e é apontado no Relatório da Comissão Nacional da Verdade como um dos 377 responsáveis por crimes de violações contra os direitos humanos no período da ditadura diz, acerca das mulheres que eram interrogadas no DOI-Codi: "Não falo mal das mulheres. Elas são mais ferozes e controladas que os homens. Normalmente. A minha experiência é essa."<sup>216</sup>

No caso, Áurea também chama atenção para o fato de que:

Então não tinha que falar que mulher era frágil, sexo frágil que não sei o quê, a gente não corria da raia não. E na própria tortura, os pesadão lá, torturador mesmo, falavam que a gente tinha uma resistência maior do que os meninos, porque o nosso limiar de dor ele é mais alto, tem que doer mais pra atingir, por causa da anatomia da gravidez, do parto. A natureza fez isso, tá... E também a resistência! E eles falavam: "Essas filhas duma puta, dando tiro na rua e ainda vem amolar nós!" (risos) Tinha um ódio de nós, tratava a gente como quenga. Quenga era a prostituta de rua, aquela mais humilde e que a gente sempre foi solidário, né, com elas, sempre, com todas. Então assim, "que nada, é uma puta, é uma quenga"... Coisa brava, coisa brava!<sup>217</sup>

O único militar a prestar depoimento sobre o que teria ocorrido com a FALN relatou a Botosso, sobre Áurea que:

A Áurea foi o ser humano que mais que mais aguentou porrete. Ela ia pro pau de arara, leva choque na vagina, choque no seio, molhavam o pé dela para dar carga mais forte de choque. Ela dizia: "Eu não sei, não sei". Ela saía do pau de arara rindo, isso envenenava os "caras".<sup>218</sup>

Portanto, mesmo indefesa e amarrada, seja levando choque, ou no pau de arara, Áurea ainda conseguiu resistir e sobreviver aos torturadores. Suas lembranças sobre os momentos da tortura são confusas, visto que não tinha noção de horas, dias, etc. Por isso, muitas vezes suas lembranças não seguem uma cronologia, fato natural, tendo em vista as violências sofridas nas mãos dos torturadores.

<sup>216</sup> D'ARAÚJO, Maria Celina; SOARES, Glaucio Ary Dillon & Castro, Celso (orgs.). **Os anos de chumbo**: A memória militar sobre a repressão. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. p. 62.

<sup>217</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconde Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). Ribeirão Preto, 10 de dezembro de 2012.

<sup>218</sup> BOTOSSO, Marcelo. **FALN. A guerrilha em Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Holos, Editora, 2006. p. 119.

### 3.3. A tortura

A ansiedade de Áurea aumentava à medida que o camburão se acercava da sede do DEOPS, próximo à estação da Luz, no centro de São Paulo. Todas as lembranças das torturas, as quais sobreviveu em 1969, tanto em Ribeirão Preto quanto em São Paulo, voltavam para sua cabeça. As imagens de seus torturadores pareciam incrustadas em sua mente, o delegado Miguel Lamano, o cabo Aparecido, o Sérgio Paranhos Fleury - chefe da Operação Bandeirantes (Oban) -, dentre outros algozes, homens que Áurea nem recordava mais o nome, mas que eram, na verdade, retratos vivos que nunca mais seriam apagados de sua memória. Ferreira aponta que:

Nos termos da lei, a prática da tortura é crime hediondo. Na realidade, tais práticas alojam-se em um registro que parece escapar às formulações de significado pelo código cultural em que estão inseridas. [...] a tortura está sempre à margem dos princípios éticos e morais que ordenam o convívio em sociedade. Sua existência é uma ameaça ao pacto social, sobretudo quando é perpetrada por órgãos do Estado. Esta esfera, que deveria ser o *locus* da efetiva realização e garantia desse pacto, torna-se, nesse caso, sua antítese, o centro privilegiado do arbítrio.<sup>219</sup>

Afundada no pavor dessas recordações, Áurea, dentro do camburão, estava com o olhar perdido, mais uma vez desligava-se da realidade, sua mente voltava ao dia da queda da FALN, à polícia invadindo sua casa, a confusão, a figura de Miguel Lamano espancando-a em frente a seus familiares. Mesmo que a cronologia das recordações fosse confusa, Áurea lembrava-se do dia em que foi transferida para o quartel militar de Ribeirão Preto. Apanhou tanto que chegou a desmaiar.

Quando acordou Áurea estava cansada, zozna, não entendia direito o que estava acontecendo, não reconhecia a sala em que estava. Parecia que tinha diversos "flash-backs", porém não conseguia juntar as peças do quebra-cabeça. Sua lembrança não tinha um sentido muito claro, tudo se misturava. Aos poucos recobrou a consciência, as dores pelo corpo pareciam aumentar a cada movimento que fazia. Quando tocou seu rosto percebeu que ele estava desfigurado. Olhou para suas mãos, assustou-se, elas estavam inchadas, seus braços tinham diversos hematomas e alguns ralados, alguns ferimentos ainda sangravam.

---

<sup>219</sup> FERREIRA, Elizabeth F. Xavier. **Mulheres, Militância e Memória**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 144.

Áurea estava exausta, lembrava-se principalmente dos rostos do delegado Miguel Lamano e do cabo Aparecido, de tanto que a maltrataram. Começou a recobrar a memória e lembrou-se que não estava mais na delegacia e que tinha sido transferida para o quartel de Ribeirão Preto, recordou-se também de que um militar levou para ela um colchão, pois não admitiu deixá-la dormir no chão frio.<sup>220</sup> O colchão não ajudava a aliviar as dores, mas deixava as coisas "menos piores". Ainda estava um pouco confusa e muito cansada, dormiu novamente.

Contudo, seu sono pareceu não durar quase nada, nem poderia dizer se havia sonhado ou não. Acordou com um susto, o barulho dos soldados abrindo o ferrolho da cela em que estava sozinha. Adentraram alguns soldados que começaram a chutá-la, xingá-la, batiam nela divertindo-se, riam e faziam piadas. De repente, um dos soldados a puxou pelos cabelos e começou a arrastá-la pelo quartel. Áurea só conseguia gritar de dor, pedia para que a soltassem, em vão. O homem a arrastou por um corredor, que estava cercado por outros militares, e começou a gritar "*Eu vou casar com ela, ela é minha noiva!*" Enquanto era arrastada Áurea gritava, o "torturador noivo" e os outros militares que estavam no corredor passavam as mãos pelo seu corpo, pelos seus seios, seu rosto, seus glúteos, do lado de dentro de suas pernas. E os gritos não cessavam, enquanto o "noivo torturador" continuava a gritar "*Ela é minha noiva!*" subiram uma escada do quartel. Chegando ao final da escada, mais um corredor com militares e os incessantes gritos "*Vou casar com ela! Vou casar com ela!*". Repentinamente os outros militares começaram a cantar a marcha nupcial para o "casal".<sup>221</sup> Áurea lembra-se que:

E aí abriu a porta, era a sala de tortura que a gente tava inaugurando, tá, no interior do estado de São Paulo, né... Então aí esse próprio cara rasgou toda a minha roupa, eu fiquei nua, me amarraram com aquela corda do bombeiro, porque até o tenente que chefiava o corpo de bombeiro torturava nós, prendia e torturava.<sup>222</sup>

Áurea estava nua, os torturadores sentaram-na e amarraram-na em uma cadeira de metal. Ela não sabia o que era aquela cadeira.<sup>223</sup> Na verdade aquela cadeira de metal

---

<sup>220</sup> O militar na verdade era Antônio Félix da Silva, primeiro tenente da Polícia Militar, familiar distante de Áurea. O militar quase foi preso por levar a ela o colchão. BOTOSSO, Marcelo. **FALN. A guerrilha em Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Holos, Editora, 2006. p. 120.

<sup>221</sup> Essa história também é registrada em outra pesquisa: CARVALHO, Luiz Maklouf. Áurea Moretti, a "noiva" do torturador. In: \_\_\_\_\_: **Mulheres que foram à luta armada**. São Paulo: Globo, 1998. p.91-97.

<sup>222</sup> PIRES, Áurea Moretti; depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconte Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência" em 10 de dezembro de 2012, em Ribeirão Preto.

chamava-se "cadeira do dragão", e foi uma ferramenta usada para dar eletrochoques nos presos políticos largamente usada nas sessões de tortura no período da ditadura. José Milton Ferreira de Almeida relatou que:

[...] sentou-se numa cadeira conhecida como cadeira do dragão, que é uma cadeira extremamente pesada, cujo assento é de zinco, e que na parte posterior tem uma proeminência para ser introduzido um dos terminais da máquina de choque chamado magneto; que, além disso, a cadeira apresentava uma travessa de madeira que empurra as suas pernas para trás, de modo que a cada espasmo de descarga as suas pernas batessem na travessa citada, provocando ferimentos profundos;<sup>224</sup>

Vanderley Caixe também conheceu a temida "cadeira do dragão":

[...] uma cadeira chamada Cadeira do Dragão, é toda de metal. Aí eles te prendem os braços, prende aqui uma coleira aqui no pescoço. Os pés, tem uma trava que você coloca o pé pra dentro da cadeira, tem uma trava aqui e um negócio na boca pra você não engolir a língua e aí te jogam água e aí "tchu"... A descarga elétrica daquilo é fantástica.<sup>225</sup>

A moça tentava se debater, se mexer, se soltar, mas parecia que o nó que a amarrava só apertava mais a cada movimento. Ninguém falava com ela, só conseguia ouvir, como um cântico macabro, a marcha nupcial ao fundo entoada por soldados. Em uma reação espontânea e intensa, Áurea começou a xingá-los, disse que não falaria nada, que não abriria o bico, que não tinha medo deles. Enquanto gritava percebeu que um dos homens que a torturava começou a aproximar-se, ficou atrás dela e com as duas mãos em formato de concha golpeou sua cabeça na região das orelhas. Esse golpe chama-se telefone: "tapa que se aplica simultaneamente, com as mãos em concha, nos dois ouvidos da vítima, muitas vezes lhe estourando os tímpanos."<sup>226</sup> Depois desse golpe ficou muito desorientada, enquanto isso um torturador pegou um balde de metal cheio d'água. Antes mesmo de Áurea conseguir compreender o que acontecia ele atirou nela a água de dentro do balde, deixando-a encharcada.

Jogaram água no meu corpo pra aumentar o choque elétrico e aí foi noite inteira, noite inteira. No seio, na vagina, aqui no ventre, durante

<sup>224</sup> ARNS, Paulo Evaristo. **Brasil: Nunca Mais**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 36.

<sup>225</sup> CAIXE, Vanderley. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconde Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). Ribeirão Preto, 11 de dezembro de 2011.

<sup>226</sup> SKIDMORE, Thomas. **Brasil: De Castelo a Tancredo (1964-1985)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 57.

muitos anos eu tive cicatriz de queimadura elétrica, agora deve tá mais branquinho, uma coisa que não dá mais... Ficou. Amarrava nos dedo, tá... E era choque e espancamento e aquele monte de homem gritando e eu comecei gritar também, falei "Pode me matar, me mata, não faz isso comigo!" Assim, sem saída...<sup>227</sup>

Enquanto tomava os choques, Áurea desejava estar morta, preferia aquilo à tortura que estava passando. Gritava para matarem-na, pedia por isso. De repente, quando pensava estar sem saída apagaram-se todas as luzes, um momento de calmaria, um silêncio sepulcral. Os torturadores entreolharam-se, Áurea não entendia o que acontecia, estava totalmente desorientada, seu corpo relaxou por completo. Novamente ouviu os torturadores conversando, como falavam em voz alta, conseguiu escutar o que um falou para o outro: "Só pode ser comunista que tá lá na força e luz, desligando a luz!"<sup>228</sup> Os torturadores não viram, mas nesse momento Áurea conseguiu sorrir com o canto da boca, afinal não estava tão sozinha assim.

Todavia, existia uma pequena máquina chamada "pimentinha"<sup>229</sup> que dava choques elétricos e não precisava estar ligada a uma corrente elétrica para funcionar. José Milton Ferreira declarou sobre a "pimentinha" que:

[...] havia uma máquina chamada "pimentinha", na linguagem dos torturadores, a qual era constituída de uma caixa de madeira; que no seu interior tinha um ímã permanente, no campo do qual girava um rotor combinado, de cujos terminais uma escova recolhia corrente elétrica que era conduzida através de fios que iam dar nos terminais que já descreveu; que essa máquina dava uma voltagem em torno de 100 volts e de grande corrente, ou seja, em torno de 10 amperes; [...] que essa máquina era extremamente perigosa porque a corrente elétrica aumentava em função da velocidade que se imprimia ao rotor através de uma manivela; que, em seguida, essa máquina era aplicada com uma velocidade muito rápida a uma parada repentina e com um giro no sentido contrário, criando assim uma força contra eletromotriz que elevava a voltagem dos terminais em seu dobro da voltagem inicial da máquina; [...]<sup>230</sup>

A "pimentinha" é uma caixinha de madeira, com um dínamo em seu interior ligado a uma manivela do lado de fora, ao girar a manivela ela fazia o dínamo gerar energia elétrica, desse dínamo saíam fios de cobre que eram colocados nos corpos dos

<sup>227</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconde Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). Ribeirão Preto, 10 de dezembro de 2012.

<sup>228</sup> Ibid.

<sup>229</sup> "[...] essa máquina por estar condicionada em uma caixa vermelha recebia a denominação de 'pimentinha'". - ARNS, Paulo Evaristo. **Brasil: Nunca Mais**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 35.

<sup>230</sup> Ibid., p. 35.

torturados. Ao girar a manivela era gerada uma corrente elétrica que corria pelos fios de cobre até atingir o corpo do torturado. Áurea lembra-se da "pimentinha":

Que hora que acabou a luz a maioria saiu da sala, mas tem uma maquininha, companheiro, que essa eu tive o desprazer de conhecer, a "pimentinha", que um gira a manivela e o outro vai pondo os fio na gente e então assim, no dia e noite.<sup>231</sup>

De repente, Áurea sentiu o camburão da polícia ancorar, com uma freada brusca. Isso fez com que ela se assustasse e saísse do transe, de seu pesadelo acordada. Estavam no portão em frente à entrada do DEOPS. Áurea e Marlene entreolharam-se, tentavam dar sustentação moral uma a outra, estavam juntas nessa empreitada. Quando entraram no prédio buscavam manter a sobriedade, mas aquele elevador antigo, aquele corredor, as celas, tudo era muito intenso, as lembranças eram muito vivas e as cicatrizes extremamente perceptíveis. Como estavam em greve de fome, as duas se encontravam bastante frágeis, cansadas e, principalmente, famintas.

Áurea e Marlene foram escoltadas até chegarem a uma sala. Áurea diz que tiveram uma grande surpresa, pois, após passarem fome na tortura, enfrentarem a péssima alimentação oferecida no Presídio "Tiradentes" ambas se depararam com uma mesa esplendorosa cheia de frutas, carnes, doces, massas, etc. As duas perceberam quais seriam as táticas dos torturadores dessa vez. Ganhá-las pela fome, ou obrigá-las a comer. Segundo Áurea, as duas não foram convencidas pela fome:

Nós ficamos no DEOPS, nós duas (Áurea e Marlene) em greve de fome. Eles obrigaram a gente a comer. [...] Obriga assim, uma mesa imensa de comida pegaram eu e a Marlene, os torturadores mesmo, do Sérgio Paranhos Fleury. Então eles amarraram a gente na cadeira, aí um abria a boca o outro enfiava a comida e a gente cuspiu.<sup>232</sup>

Áurea diz que não comeram, mantiveram-se firmes em seu objetivo. Os agentes da repressão começaram a colocar a comida dentro da boca delas, seguravam-nas fechadas e tampavam a circulação de ar pelo nariz. Depois de tanto tempo tendo a alimentação cerceada, a situação parecia, no mínimo, irônica. Entretanto, a cada ano, desde que ingressou na FALN, Áurea aprendeu a resistir às situações mais adversas.

<sup>231</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconde Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). Ribeirão Preto, 10 de dezembro de 2012.

<sup>232</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Márcia Pereira da Silva**. (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 10 de maio de 2014.

Quando os torturadores se cansaram de tentar obrigá-las a comer, Áurea e Marlene foram colocadas juntas em uma cela dentro do DEOPS. Não tinha sido fácil resistir à abundância de alimentos, a fome das duas era intensa. Mas conversaram e chegaram à conclusão de que o pau-de-arara, por exemplo, teria sido muito pior.

Áurea lembrava-se do dia que "conheceu" o pau de arara. Sobre o pau de arara, recorremos ao relatado por Augusto César Salles Galvão:

"[...] O pau-de-arara consiste numa barra de ferro que é atravessada entre os punhos amarrados e a dobra do joelho, sendo o 'conjunto' colocado ente duas mesas, ficando o corpo do torturado pendurado a cerca de 20 ou 30 cm. do solo. Este método quase nunca é utilizado isoladamente, seus "complementos" normais são eletrochoques, a palmatória e o afogamento. [...]"<sup>233</sup>

Essa, segunda ela teria sido uma das piores experiências na tortura, ainda em Ribeirão Preto, naqueles sombrios dias de outubro de 1969. Áurea foi colocada nua no pau-de-arara, tomava choques elétricos e era espancada enquanto estava pendurada. Diz também que na mesma sala e de frente para ela estava o homem que amava, Vanderley Caixe:

O Vanderley em pé na parede segurando não lembro o que e eu pendurada quase nua no pau de arara, que é rasgava, né... Rasgava ou tirava de algum modo e sendo espancada pelo Miguel Lamano, pelo cabo Aparecido, assim aquela loucura, aquela loucura e a gente não entende, mas que o Wanderley tava de pé segurando um pneu, era um pneu cara e eles espancando... Aí depois o Lamano veio, me bateu, me bateu, aí mandou me tirar do pau de arara, sabe como que é pau de arara? Eu gostava que vocês soubesse... É, é assim oh... A gente fica assim, amarra aqui e passa o cano aqui nesse intervalo das perna e a gente fica pendurado de cabeça pra baixo e corta toda a circulação e desce tudo pra cabeça e aí eles bate, bate e aí dá choque elétrico e tudo, né. E o Lamano deu um murro na mesa e falou assim, "Comigo você não falou, mas hoje você vai falar. Eu te garanto, hoje você fala!" E era, companheiro, era a Operação Bandeirantes, com o DEOPS e o quartel de Pirassununga descendo e instalando a sala de tortura no quartel de Ribeirão Preto, era.<sup>234</sup>

Áurea, além de ser torturada, presenciou a tortura do homem o qual estava apaixonada. Vanderley Caixe diz, sem citar Áurea ou qualquer outra pessoa que:

<sup>233</sup> ARNS, Paulo Evaristo. **Brasil: Nunca Mais**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 34.

<sup>234</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconde Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). Ribeirão Preto, 10 de dezembro de 2012.

E a pior tortura também é você ver o companheiro ser torturado. Isso é pior do que você mesmo ser torturado, porque na tortura tinha isso né, você dá uma reagida, os caras vem em cima, se bateu uma vez, pode bater a segunda porque já a adrenalina, a endorfina sei lá o que que funciona, você não sente muito, por exemplo, quando chutava a gente no chão deixava de sentir depois de um certo tempo. Eu sei, mas a psicológica é essa, essa é a pior das torturas... O choque elétrico é lógico, ele te mexe então dá um arrepio todo no corpo, mas a psicológica ela é foda, você marca e vai levando, essa você leva até você saber que não houve aquilo tal, tal...<sup>235</sup>

A esta altura Áurea já tinha tomado contato com várias formas de tortura. O "pau de arara", a "pimentinha", a "cadeira do dragão", os espancamentos, as torturas psicológicas. Além disso, parecia que o que mais instigava os torturadores a maltratarem-na era o fato de Áurea ser mulher. As sevícias, os choques direcionados aos órgãos femininos, as tentativas de estupro, os tipos de xingamentos de gênero desferidos e os próprios interrogatórios eram carregados de violência contra a mulher. Áurea lembra-se que:

Era isso que eles falavam para nós na cadeia. "Como, que que você tá fazendo na política? Tinha que tá lavando louça, trepando com seu marido pra dar cria nos filhos e obedecer ele!" A gente nem respondia, né... Ficava quietinha porque não era nada disso."<sup>236</sup>

Numa certa manhã, Áurea, Vanderley Caixe e o médico e professor de medicina da USP - Ribeirão Preto, Guilherme Simões Gomes, que não fazia parte da organização, mas foi preso por ser comprador assíduo do "Berro", foram colocados em um camburão da polícia. Diziam que estavam levando os três para São Paulo. Os dois homens foram no porta-malas do camburão, algemados. As ameaças eram constantes, diziam que se quisessem eliminariam os três em qualquer matagal na beira da estrada, que ninguém sentiria falta deles.

Áurea viajou no banco de trás, entre dois agentes da Operação Bandeirantes. Durante boa parte da viagem os agentes ficaram assediando a militante. Ela relata que:

Assim a intuição, falei: "Oh, a única coisa que quero na minha vida é que nunca meu pai saiba da situação que eu to vivendo nesse momento. Porque é uma coisa que dói muito!" Você sabe o que ele

<sup>235</sup> CAIXE, Vanderley. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconde Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). Ribeirão Preto, 11 de dezembro de 2011.

<sup>236</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconde Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). Ribeirão Preto, 10 de dezembro de 2012.



falou? Falei: "Você tem filha?" Ele falou: "O, eu tenho". E parou, bem.<sup>237</sup>

A tática de Áurea foi útil para o momento, primeiro, humanizou-se, mostrando para seu algoz que ela também era filha de alguém. Em segundo lugar, utilizou-se da proteção patriarcal, ou seja, de uma visão protecionista e machista do próprio torturador, que se colocou, não no lugar de Áurea, mas no lugar do pai de Áurea e como ele, o torturador, se sentiria se soubesse que outro homem estava abusando sexualmente de sua filha.

O camburão da polícia parou no quartel de Pirassununga antes de seguir viagem, tinham percorrido um terço do caminho e os três prisioneiros seguiam vivos. Áurea, então, pediu para usar o banheiro, nesse momento um soldado a seguiu e tentou entrar com ela no banheiro, Áurea, então, fez um escândalo tão grande que, segundo ela, assustou o soldado que saiu correndo desnortado.

E parou no quartel de Pirassununga, então eu pedi pra ir no banheiro, ele me acompanhou até na porta. Quando eu fui entrar no sanitário o soldado veio e abriu a porta assim com o fuzil e entrou, a hora que ele entrou, mas eu destampeei gritar, gritar, gritar "Socorro, me acode, Deus me ajuda, ai esse desgraçado!!!" Gritei, veio todo mundo correndo (risos), veio todo mundo correndo (risos), o cara se mandou... É, "PMzinho" lá né, que deve ter visto entrar e...<sup>238</sup>

Entretanto, Áurea conta que mesmo nessa viagem em que sofreu assédio sexual e conheceu as dependências do DEOPS e do DOI-CODI, viveu um momento de humanidade e amor intenso. Relata que na viagem de volta de São Paulo para Ribeirão Preto, o comboio que levava ela, Vanderley Caixe e Guilherme Simões Gomes, parou em um posto no meio do caminho. Áurea diz que em um breve momento de descuido dos agentes da repressão, Vanderley conseguiu aproximar-se dela e disse que caso ambos sobrevivessem às barbáries da tortura e da perseguição da ditadura, que gostaria de se casar com ela.

E depois, durante a tortura nós fomos levados para São Paulo e na volta, que parou num posto de gasolina lá, aí a gente tava conversando e o Vanderley falou: "Olha, se a gente sair vivo eu quero casar com

<sup>237</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Márcia Pereira da Silva**. (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 10 de maio de 2014.

<sup>238</sup> CAIXE, Vanderley. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconde Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). Ribeirão Preto, 11 de dezembro de 2011.

você, você quer ser minha noiva?". [...] Mas naquele momento foi tão bom, que coisa mais gostosa. No meio de toda aquela repressão.<sup>239</sup>

Áurea relata essa demonstração de afeto como uma gota de esperança para ela num mar de violência. As agressões sofridas por Áurea nesses momentos de tortura estavam inexoravelmente ligadas ao fato de ser mulher. Parecia que, para a lógica dos militares, ela era um perigo não apenas para a ditadura, mas para toda a civilização, para toda a "moral e bons costumes cristãos." A partir do momento que Áurea iniciou sua participação em embates políticos, tornou-se uma ameaça primeiramente por ser uma mulher que subvertia o papel feminino na sociedade. Os principais questionamentos levantados pelos militares nos interrogatórios e na tortura estavam ligados aos motivos pelos quais Áurea estava "se metendo" em política e não porque ela, ao se meter em política havia optado pelo socialismo, comunismo, ou qualquer outra corrente ideológica. Tanto que o xingamento mais comum ouvido pelas mulheres torturadas era "prostituta comunista", "prostituta terrorista". O primeiro xingamento e as primeiras violências perpassavam sempre o fato de Áurea ser mulher, para depois serem ligados às questões políticas. Portanto, a principal violência no momento da tortura era de gênero.

Como as ideias de força e virilidade eram intrinsecamente ligadas ao gênero masculino, era inconcebível para os torturadores que mulheres tentassem, através de organizações armadas, tomar o poder a força. Não era apenas porque essas mulheres estavam fazendo algo que eles não concordassem, elas estavam subvertendo totalmente uma concepção de mundo que os torturadores julgavam naturais. As representações e simbologias sobre homens e mulheres e suas diferenças eram deveras deterministas naqueles anos de 1960, e, na visão dos torturadores, quem fosse contra esse paradigma que diferenciava *masculinidade* e *feminilidade* merecia severa punição, pois seriam uma ameaça ao menos tão grande quanto o comunismo.

Áurea sentiu na pele a força dessas construções que a enxergavam enquanto uma violadora das tradições, da moral e dos valores, como alguém que deveria acatar a submissão. Além das torturas já mencionadas acima, Áurea estava a mercê das variações de humor e criatividade de seus torturadores.

---

<sup>239</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Márcia Pereira da Silva.** (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 10 de maio de 2014.

Em um dado momento, o delegado Miguel Lamano buscou Áurea em sua cela. Ela avisou ao torturador que estava menstruada e que precisava de um "modes". O delegado puxou a jovem pelos cabelos, atravessou o alojamento dos oficiais e levou Áurea para uma sala onde continha alguns móveis. Ele batia em Áurea, que a esta altura não tinha mais forças para tentar se proteger e a jogava contra os móveis, "Eu não sei como ele não me matou, eu não sei! Era isso que ele queria, e era mesmo! Aí ele bateu, bateu e eu sangrando, né!" Áurea apanhava até desmaiar e acordava com a cabeça dentro de uma privada do quartel. Áurea lembra-se Um dos soldados responsáveis por fazer a guarda de Áurea, frente à situação da jovem muitas vezes tentou ajudá-la e se indignava com o trato recebido por ela através da violência do delegado. Segundo ela:

[...] foi formando uma poça de sangue onde tava, como todos os cabelos da minha cabeça que ele arrancou e ainda eu acordava dentro da privada, e o soldado era daqueles que corriam atrás de nós na rua nas passeatas, ele falou: "Quanto que eu corri atrás de vocês!" Aí ele falava pra mim: "Vire pro canto", [...] ele me pegava, lavava meu rosto na pia rápido, pra ninguém ver. E uma hora que eu voltei a mim eu ouvi ele falando baixinho e xingando o Lamano: "Esse desgraçado, filho duma puta, eu queria matar esse homem. Olha, a minha filha tem a idade dela, se ele encosta a mão na minha filha eu mato ele!" Falando assim, aí eu esperei um pouco, né. Aí eu falei "E agora, como que vai ser?", ele falou: "Olha, Áurea, eu tenho que te entregar, eu tenho que te entregar". Que ele ficava enrolando, né. Eu falava: "Não, tem problema não, vamos lá!"<sup>240</sup>

Áurea voltava para a tortura quando acordava. E o delegado não tinha preocupações com o fato de a moça estar menstruada, na verdade até ironizava quando Áurea pedia o "modes". Áurea lembra-se do delegado dizer, "'Pera que eu vou te dar o 'modes', vou te dar o 'modes'. E me deu o 'modes', entendeu?" Áurea agora estava com o corpo, da cabeça aos pés, repleta de machucados e sangrando.

Entretanto, mesmo após tantos maus tratos, tanta tortura, Áurea sobreviveu. À revelia do que queriam muitos de seus algozes. Muitas vezes chegou a sua família informações de que o corpo de Áurea seria entregue em poucos dias. Chegaram a falar para uma de suas irmãs que ela estava morta e que em alguns dias a família seria notificada. Contudo, Áurea sobreviveu.

---

<sup>240</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Márcia Pereira da Silva.** (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 10 de maio de 2014.

### 3.4 Uma prisioneira incomum e o fim das torturas físicas

Áurea estava cansada e com fome. Olhava para o lado e Marlene não estava mais lá, foi removida para outra cela, onde ficou também sozinha. A solidão era uma tática dos torturadores para que as militantes não tivessem amparo uma da outra. Estava há alguns dias em greve de fome, na verdade nem sentia tanto a fome mais, mas sim o cansaço do corpo, a fraqueza advinda da falta de alimentação adequada, sem contar a solidão que parecia piorar tudo. A cumplicidade criada entre as duas foi rompida nesse momento da separação. A ditadura não dava tréguas, desse modo, Áurea tentava não fraquejar.

Marlene fazia muita falta para Áurea e vice-versa, a cumplicidade e a companhia nos momentos de dificuldade ajudavam a aliviar a pressão. Áurea teve experiências de cumplicidade diversas durante o período em que foi presa, torturada, julgada e cumpria sua pena. Entretanto, uma dessas experiências, em especial, marcou-a por toda vida.

Quando Áurea ainda enfrentava a tortura, logo após voltar de São Paulo para Ribeirão Preto foi surpreendida por uma nova prisioneira que chegou ao local. Em uma noite, na sala de música do quartel, que na verdade virou uma cela improvisada para mulheres, apareceu uma figura que Áurea nunca imaginou que veria naquela situação:

E logo que nós voltamos, um, dois dias depois, a irmã Maurina entrando. Eu tava deitada no chão da cela que era a sala da banda, puseram as mulheres.

Então, quando a irmã foi presa eu tava deitada no chão de bruços, deitada porque eu não conseguia sentar, não conseguia levantar de tão machucada, inteira, que eu tava. Com uma costela que o Lamano trincou de tanto me bater

Porque a irmã Maurina foi presa, então ela baixou [...]. E eles falaram: "Você conhece elas, terrorista..." Abaixou pra me olhar e falou: "Meu deus, minha filha, como que você tá assim?". E falou: "Não, eu não conheço ela". Eu olhei pra ela e falei: "Não sei quem que é você. Deus meu, quem que é você?". Aí ela falou: "Não, eu sou freira". Eu falei: "Mas o que que você tá fazendo aqui?". Não precisava, uma coisa assim absurda porque eu não ia no "Lar Santana" não, cada um tinha sua área de trabalho, né. E aí já levaram ela, levaram ela pro choque, espancaram ela.<sup>241</sup>

---

<sup>241</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Márcia Pereira da Silva.** (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 10 de maio de 2014.

A primeira reação de Áurea ao encarar a religiosa foi de espanto. Tentava procurar em suas lembranças se alguma vez aquela senhora de meia idade tinha comprado "O Berro", se ela teria auxiliado a FALN em algo. Procurava em sua mente resgatar de onde conhecia aquele rosto e aquele nome, Maurina. Quando Madre Maurina disse que era a madre superiora do Lar Santanna, orfanato da cidade de Ribeirão Preto, Áurea começou entender melhor porque a ditadura prendeu uma freira.

Um dos quadros importantes da FALN era Mario Lorenzato. Nos anos finais da década de 1960, o então presidente do Movimento Ecumênico de Jovens (MEJ) ingressou na FALN. Sobre Mario Lorenzato, escreveu Botosso:

Membro da "Base de Inteligência", teve atuação direta com o líder Vanderley e com Áurea Moretti. Foi encarregado do "aparelho" Lar Santana e participante da expropriação da pedreira. Fazia contatos com padres, divulgando o jornal *O Berro* e outros manifestos da organização. Dos detidos, Lorenzato seria o último. Sem perspectiva de uma vida legal, entregou-se à polícia de Ribeirão Preto.<sup>242</sup>

Mario foi convidado por Vanderley Caixe para ingressar na FALN. Muitos jovens de movimentos religiosos ingressaram em organizações armadas contra a ditadura. Como exemplo, temos principalmente a Ação Popular (AP)<sup>243</sup>, organização de origem católica, que posteriormente passou para o maoísmo e a luta armada, deixando a religião de lado. Os freis dominicanos que participaram da Ação Libertadora Nacional (ALN)<sup>244</sup>, mas que não deixaram a religião de lado, são também expoentes dessa politização de esquerda em grupos religiosos estudantis. Esses frades estavam também entre os transferidos do Presídio "Tiradentes", juntos com Vanderley Caixe e Maurice Politi.

<sup>242</sup> BOTOSSO, Marcelo. **FALN. A guerrilha em Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Holos, Editora, 2006. p. 91.

<sup>243</sup> "A AP surgiu em 1962 como organização autônoma, implantada principalmente no movimento estudantil, onde manteve a diretoria da UNE e de muitas entidades durante os anos 1960. A proposta de constituição da AP como movimento político independente brotara no interior da Juventude Universitária Católica (JUC), entidade estudantil ligada à Igreja nos anos 1950 e 1960. Em 1964, a AP defendia a criação de uma alternativa política que não fosse capitalista nem comunista, inspirada num humanismo cristão mesclado com influências da Revolução Cubana, ainda que já estivesse desatado seus vínculos orgânicos com a JUC." - RIDENTI, Marcelo. **O Fantasma da Revolução Brasileira**. 2. Ed. São Paulo: Editora UNESP, 2005. p.28.

<sup>244</sup> BETTO, Frei. **Batismo de Sangue**. Os dominicanos e a morte de Carlos Marighella. 9. Ed. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1987.

Madre Maurina conheceu Mario Lorenzato quando mudou-se para Ribeirão Preto em março de 1968<sup>245</sup> para assumir o posto de Madre Superiora no Lar Santana, antigo orfanato de meninas localizado nesse município. Nesse ano Mario Lorenzato já era presidente do MEJ, que tinha ligação próxima com o Lar Santana, local onde organizavam brincadeiras dançantes, palestras, arrecadavam alimentos, etc. Desse modo, quando Madre Maurina assumiu a coordenação do orfanato, Lorenzato já era conhecido por quase todos no Lar Santana. O jovem, que também era funcionário público em Ribeirão Preto, era figura que aparecia no local cotidianamente. Segundo Botosso:

Madre Maurina foi convidada a participar da diretoria do MEJ, mas recusou devido às suas ocupações. Contribuiu, porém, cedendo alguns móveis e uma sala para as reuniões do grupo de jovens. Mais tarde, o MEJ também passou a exercer suas atividades no porão do Lar Santana, cuja chave de acesso ao cômodo permaneceu em poder de Mário Lorenzato. Além de atuar no movimento de jovens no Lar Santana, ele militava nas Forças Armadas de Libertação Nacional (FALN). Lorenzato também utilizou a estrutura do MEJ, no prédio do orfanato, como "aparelho" da organização clandestina, guardando algumas armas, munições, víveres, medicamentos e, sobretudo, farta quantia de materiais para propaganda oposicionista e guerrilheira, chegando a produzir, naquele local, o jornal *O Berro*.<sup>246</sup>

Com a sala e o porão sob a responsabilidade de Mario Lorenzato, a FALN ganhou um local, para guardar e esconder materiais ligados à organização. Assim, o Lar Santana tornou-se um "aparelho" da FALN. Lorenzato guardava materiais subversivos, jornais, munições e chegou até a produzir exemplares do jornal "O Berro" no local.

Mario Lorenzato estava na casa de Vanderley Caixe quando a polícia chegou para prender o principal líder da FALN, em 19 de outubro de 1969. Todavia, a polícia não reconheceu Mario e só prendeu Vanderley. Depois do tumulto, Lorenzato correu até a casa de Áurea Moretti para avisá-la de que Vanderley estava preso, mas Áurea também já tinha sido levada pelos militares. Lorenzato decidiu, então, que sua melhor opção era fugir. Em poucos dias estava em São Caetano do Sul, cidade onde residiam alguns de seus familiares. Sendo o último membro da FALN ainda em liberdade,

---

<sup>245</sup> SILVEIRA, Madre Maurina Borges da. **A freira na prisão**. [jun. 1988]. Entrevistador: Luís Eblak. Folha de São Paulo 7 junho 1998.

<sup>246</sup> BOTOSSO, Marcelo. **FALN. A guerrilha em Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Holos, Editora, 2006. p. 98-99.

foragido da justiça, Mario foi convencido por alguns familiares a se entregar. E o fez em 30 de outubro de 1969.<sup>247</sup>

Nesse ínterim, enquanto Lorenzato tentava permanecer longe de Ribeirão Preto, Madre Maurina notou sua ausência, pois ele não compareceu às reuniões e atividades do Lar Santana naquelas semanas. O espanto tornou-se maior quando a freira descobriu através de jornais, que o presidente do MEJ era foragido da polícia e estava sendo procurado por crime contra a segurança nacional. Nesse momento a Madre preocupou-se com o que ocorria na sala e no porão do Lar Santana, que estavam sob a responsabilidade de Mario Lorenzato.

A madre superiora possuía as chaves da sala, entretanto foi necessário arrombar a porta do porão, pois só existia uma cópia da chave que estava em posse de Mario. A freira, com a ajuda de funcionários adentrou ao porão onde Mario guardava muitos materiais da FALN.

Em entrevista à Folha de São Paulo, a madre alegou que não sabia o que acontecia nessas repartições do Lar Santana. Na entrevista a madre disse que:

Não sabia. Não sabia de nada. Só sabia do MEJ, mas nada da guerrilha. Nem desconfiava. Um dia, o pessoal do MEJ me pediu para fazer uma palestra sobre amor... Então, nem dá pra imaginar que gente de um grupo guerrilheiro se interesse por palestra de uma freira sobre amor.<sup>248</sup>

Provavelmente não sabia da FALN e da tentativa de alguns jovens em formar um grupo guerrilheiro. Entretanto, não era novidade para as pessoas em Ribeirão Preto que existia um grupo de jovens responsáveis pelo jornal "O Berro" e que Mario Lorenzato era um desses jovens.

Quando leu a notícia nos jornais sobre a FALN e de que Lorenzato estava sendo procurado, a madre adentrou a sala do MEJ no Lar Santana e, com a ajuda de dois funcionários adentraram também ao porão. No porão encontrou diversos materiais da FALN, como leituras consideradas subversivas, exemplares do jornal "O Berro", uma máquina de escrever e até uma caixa de munições. Com medo de que a polícia ligasse o

---

<sup>247</sup> Processo 198/69, vol. 01. fls. 262.

<sup>248</sup> SILVEIRA, Madre Maurina Borges da. **A freira na prisão**. [jun. 1988]. Entrevistador: Luís Eblak. Folha de São Paulo 7 junho 1998.

Lar Santana com a FALN, a madre pediu a um funcionário que incinerasse todos os documentos e tentou se livrar da máquina de escrever e das munições.<sup>249</sup>

Entretanto, no dia 30 de outubro de 1969, Mario Lorenzato entregou-se à polícia. Em seu depoimento, no Processo 198/69, aparece pela primeira vez o "Lar Santana" enquanto um "aparelho" da FALN. Também está registrado que apenas Mario Lorenzato e Madre Maurina sabiam da existência desse aparelho e que havia "aquiescência" da madre, ou seja, que ela estaria ciente do que acontecia nas dependências do orfanato, na sala do MEJ e principalmente no porão, onde a polícia encontrou o maior número de materiais subversivos pertencentes à FALN.<sup>250</sup>

Todavia, devemos salientar que os interrogatórios eram muitas vezes feitos sob tortura. Além disso, existe a possibilidade de que o delegado responsável pelo interrogatório tivesse forjado o depoimento. Desse modo, após Mario Lorenzato ser torturado, não seria difícil imaginar que o delegado pudesse forjar muitos fatos para incriminar a Madre, por exemplo.

Outra hipótese que podemos levantar é que a polícia já sabia o que ocorria no Lar Santana e precisava apresentar depoimentos que confirmassem suas investigações. Dessa maneira, utilizaria a tortura como uma forma de extrair do interrogado informações que confirmassem o que teria sido investigado. Segundo Botosso:

Na leitura do Processo 198/69, observou-se que passados alguns dias, a polícia vasculhou as salas do MEJ e todas as outras dependências do Lar Santana, inclusive o claustro. Algum tempo depois, a polícia impediu a entrada da irmã Maurina no orfanato, dirigindo-a até uma delegacia de polícia de Ribeirão Preto. Nesse órgão oficial, a religiosa teve uma terrível e dolorosa constatação: o emprego sistemático de tortura como prática policial da obtenção de depoimentos. Dois funcionários do Lar Santana foram cruelmente agredidos, sem ao menos saberem a causa dessa brutalidade.<sup>251</sup>

É provável que a polícia soubesse do Lar Santana antes do depoimento de Lorenzato. Ao investigarem a vida do jovem militante e os grupos dos quais ele fez parte, é admissível que já soubessem de que Lorenzato frequentava o Lar Santana. Aparte especulações, o fato é que a Madre foi presa e torturada. Todavia, incorre em

---

<sup>249</sup> BOTOSSO, Marcelo. **FALN. A guerrilha em Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Holos, Editora, 2006. p. 100-101.

<sup>250</sup> Processo 198/69 vol 01. fls. 257-264.

<sup>251</sup> BOTOSSO, Marcelo. **FALN. A guerrilha em Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Holos, Editora, 2006. p. 101.



muitos questionamentos até hoje o que aconteceu com a Madre enquanto esteve nas mãos dos torturadores.

Em 1998, em entrevista à Folha de São Paulo, ela afirmou que foi levada à antiga Força Pública, hoje Delegacia Seccional de Polícia de Ribeirão Preto. A madre disse também que foi interrogada por diversos policiais e que dentre eles estava o chefe e temido delegado da Oban, Sérgio Paranhos Fleury que destilou contra a madre ofensas. Declarou também que sofreu choques elétricos e que um delegado de São Paulo, que ela não conseguiu reconhecer, tentou abraçá-la, assediando-a, mas que após ela repelir a investida do militar ele cessou com as tentativas.

Em depoimento à comissão estadual da verdade e à comissão da verdade da OAB, entretanto, o irmão de Madre Maurina, frei Manuel Borges da Silveira relatou que sua irmã teria passado por outras situações vexatórias de assédio e de que teria sido muito mais que apenas uma tentativa de abraço.

Áurea ainda tem uma recordação que não foi revelada nem pela Madre nem por seu irmão:

Então, e dela (Madre Maurina), teve uma noite que ele (um dos militares toturadores) veio buscar. Veio pegar ela e "vamos embora, vamos embora" e só voltou na madrugada com a irmã chorando, chorando, chorando... E nós não perguntamos nada, não perguntamos, bem. É o mínimo de respeito que a gente podia ter por ela, que se a gente pudesse a gente tinha soltado ela, eu falava: "Gente essa mulher não tem nada com nós, nunca vi ela na vida e eu era da direção, vocês sabem disso, como que eu não conhecia a irmã Maurina?"<sup>252</sup>

Todas essas informações entrecruzadas suscitam dúvidas que ainda não foram sanadas sobre o que ocorreu com a Madre. Segundo os relatos da própria, em entrevistas, foi presa no dia 30 de outubro, torturada e no dia 31 levada junto com Áurea e mais outras duas mulheres para o Cadeião em Cravinhos, cidade próxima a Ribeirão Preto. Já Áurea Moretti diz que um militar de Pirassununga várias vezes adentrou na cela em que estavam algumas mulheres relacionadas à FALN, inclusive Áurea e Madre Maurina, tentando abusar da madre, tendo acontecido numa das vezes o relatado acima, o que também apontaria que a madre ficou mais de um dia presa no quartel de Ribeirão Preto.

---

<sup>252</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Márcia Pereira da Silva.** (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 10 de maio de 2014.

Além disso, fica difícil precisarmos o dia em que a Madre foi presa, ou exatamente quando aconteceu seu interrogatório, já que muitas vezes eram feitas alterações nos depoimentos, nas datas, o que dificulta precisar e comparar os fatos registrados pelos agentes da repressão com os rememorados pelos personagens. Para Ferreira:

Isso podia acontecer porque, quando eram apanhados, os suspeitos permaneciam "desaparecidos" por um período que variava conforme o caso, apesar de haver um prazo legal para a comunicação da prisão e a informação do local às famílias. Segundo o advogado Modesto da Silveira, tratava-se, na realidade, da prática de sequestro, pois eram prisões arbitrárias, clandestinas (na maioria dos casos sem registro) e por tempo conveniente aos interrogatórios, que geralmente acabavam em sessões de tortura.<sup>253</sup>

Na academia, pouco se estudou sobre o caso Madre Maurina a fundo, sua história é sempre lembrada quando se fala da repressão no interior de São Paulo, mas nunca de maneira profunda. A Madre e outros presos-políticos foram libertados em troca pelo embaixador japonês Nobuo Okuchi, sequestrado pela Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) em 1970. As lembranças aqui apresentadas são ativadas pela memória da própria Madre e de duas pessoas que conviveram com ela, seu irmão e Áurea. Há lacunas e perguntas a serem feitas sobre as versões que cercam o ocorrido com a Madre, todas com validade historiográfica. Tentamos aqui apresentar algumas delas.

Depois de quase seis dias, de maus-tratos e pressões do torturador Carlos Alberto Augusto (o Carlinhos Metralha)<sup>254</sup>, Áurea e Marlene saíram da greve de fome. A pressão para que interrompesse a greve era muito grande, e como não conseguiram mais apoio dentre os presos e presas políticos, acharam que a melhor saída agora era finalizar a greve. Já tinham notícias de que os seis transferidos estavam vivos e de que o Presídio "Tiradentes" seria realmente desativado. Após ficarem isoladas, não puderam nem fazer companhia uma para a outra nas dependências do DEOPS, Áurea foi transferida para o Presídio de Tremembé, onde ficou isolada, de castigo, e Marlene ficou no DEOPS até o dia 22 de julho, donde saiu em liberdade.<sup>255</sup> Na saída do DEOPS,

---

<sup>253</sup> FERREIRA, Elizabeth F. Xavier. **Mulheres, Militância e Memória**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 145.

<sup>254</sup> Depoimento de Marlene Soccas a Maurice Politi - POLITI, Maurice. **Resistência atrás das grades**. São Paulo: Plena Editorial, 2009. p. 45.

<sup>255</sup>Ibid., p. 45.

Áurea não tirava de sua cabeça a imagem de Madre Maurina e da convivência que tiveram tanto em Ribeirão Preto, quanto no Presídio em Cravinhos.

Os motivos para a transferência das mulheres presas no quartel de Ribeirão Preto, para o "Cadeião" em Cravinhos ocorreu, segundo Áurea, da seguinte maneira:

Aí, depois a gente soube direitinho que o coronel, que aliás era até meio parente do Vanderley (Caixe), o coronel proibiu mulher de estar dentro do quartel, que nem mais um dia podia ter uma mulher presa no quartel dele, que estavam pensando o que? E o "soldadinho", depois eu soube e a gente soube [...], que os "soldadinho" se reuniram e foram questionar [...] do quartel, falando: "olha, não tem cabimento [...] é o seguinte, se não parar de torturar e de tudo, nós não vamos mais entrar aqui, ninguém pode obrigar a gente a viver tudo isso, a presenciar e ter que calar a boca". E a questão da freira, porque ele viu na missa lá no Lar Santana e conheciam ela e fora a pressão que eles devem ter [...] porque mais tarde eu até confirmei que a maçonaria, a maçonaria ajudou nós, porque é uma cidade do interior.<sup>256</sup>

Para Áurea dois fatores primordiais salvaram a sua vida e de seus companheiros. Primeiro, o fato de Ribeirão Preto ser uma cidade do interior e de que muitas pessoas conheciam os presos pela polícia. Outro fator foi a interferência do clero ribeirão-pretano. Com o sumiço de Madre Maurina e a continuada perseguição a religiosos contrários à ditadura, o arcebispo de Ribeirão Preto, D. Felício César da Cunha Vasconcelos decidiu excomungar os delegados, segundo ele, principais responsáveis pelas torturas que aconteciam em Ribeirão Preto. Sua posição foi pouco questionada no clero, e a excomunhão dos delegados foi lida em missas de Ribeirão Preto e região, tendo ganhado também um espaço na capa do jornal O Estado de São Paulo, de 14 de novembro de 1969.<sup>257</sup> Segue na íntegra o texto da excomunhão:

Posição do Clero Arquidiocesano de Ribeirão Preto [...] Diante de recentes ocorrências, verificadas na Região desta Arquidiocese de Ribeirão Preto, leva ao conhecimento da CNBB e da Comissão Episcopal Sul 1, e de todo o público em geral, as seguintes informações:

a) - No dia 25 de outubro de 1969, a "Operação Integrada", formada pelos órgãos da Secretaria da Segurança Pública - Polícia Civil e Fôrça Pública - Operação Bandeirantes e Exército Nacional, mandou publicar uma nota oficial sobre atividades terroristas na Região, anunciando ter desbaratado um grupo terrorista que vinha agindo na Região desde 1967.

<sup>256</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Márcia Pereira da Silva.** (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 10 de maio de 2014.

<sup>257</sup> Capa do Jornal Estado de São Paulo de 14 de novembro de 1969 (ANEXO 2).

b) - Aos poucos, depois disso, fomos tomando o conhecimento de várias prisões e de uma onda de detenções, para declarações e inquéritos. Na área da Igreja, foram atingidos leigos, religiosos, religiosas e sacerdotes. [...] As tentativas de diálogo com aquelas Autoridades, por parte da Arquidiocese foram repelidas com ironias e ameaças de novas prisões.

c) - Há 19 dias encontra-se presa na cadeia feminina de Cravinhos, a irmã Maurina Borges da Silveira, superiora do Lar Sant'ana. Não nos foi possível obter informações sérias e adequadas, da parte das Autoridades responsáveis, sobre a situação daquela religiosa, posta em regime de incomunicabilidade e sendo totalmente obstaculadas as tentativas de sua provincial, para informações. Há suspeitas bastante sérias de que a referida irmã tenha sido submetida a provocações e à tortura de choques elétricos. [...]

DIANTE DESTES FATOS: [...]

DEPOIS de paciente reflexão e meditação, cumprimos também o nosso grave dever pastoral de lembrar que os mandantes de tais arbitrariedades já estão excomungados; excomunhão reservada ao Bispo, de acordo com a Legislação da Igreja, Código de Direito Canônico, cânon 2343, §4. Diante de fatos evidentes, declaramos estarem incursos no referido cânon o dr. Renato Ribeiro Soares, Delegado Seccional de Polícia de Ribeirão Preto e o dr. Miguel Lamano, Delegado Adido de Ribeirão Preto.

Pedimos a Deus que esses nossos irmãos reconsiderem sua responsabilidade para serem readmitidos a participação plena da vida da comunidade católica.<sup>258</sup>

O delegado, Renato Ribeiro Soares, não havia participado diretamente das torturas, entretanto era o delegado Regional de Polícia em Ribeirão Preto, oficial superior, que chefiava as investigações. Provavelmente, o fato de ser o superior nessa investigação fez com que os religiosos o punissem também com a excomunhão. Entretanto, em 1975 a Igreja reviu a excomunhão e aceitou a volta do militar à Igreja.

Foi excomungado da Igreja, ele (Miguel Lamano) e o doutor Renato Ribeiro Soares, que não torturou ninguém, mas foi o que comandou tudo, um processo dessa altura. Tudo foi ordem do outro Renato. "Por ordem do doutor Renato Ribeiro Soares, delegado tal". E ele era cursilista. Então, a prática era toda essa mesmo.<sup>259</sup>

O delegado Renato Ribeiro Soares, falecido em 2012, era católico cursilista<sup>260</sup> e recebeu a notícia como uma bomba. Já o delegado Miguel Lamano não pareceu se

<sup>258</sup> PINHEIRO, Ana Paula Araújo. & TOMICIOLI, Anna Regina Bula. **O Preço da Luta. A Igreja Católica como ponto de partida**. p. 112-113.

<sup>259</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Márcia Pereira da Silva**. (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 10 de maio de 2014.

<sup>260</sup> Movimento eclesial de evangelização cristã.

importar muito com a excomunhão. Fato é que após a excomunhão, o caso de Ribeirão Preto tomou proporções nacionais e internacionais, visto que o papa aceitou a excomunhão dos delegados. No dia seguinte à excomunhão, Madre Maurina e Vanderley Caixe estavam na capa do jornal O Estado de São Paulo. A tortura contra a presa e a perseguição a religiosos contrários às barbáries da ditadura fizeram com que relevantes membros do alto clero brasileiro se posicionassem contrários à ditadura. Segundo Áurea:

Então, foi lido o texto (da excomunhão), né, eu tenho, eu vou separando, tá dentro do processo, pra vocês terem em mãos, né. E aí eles falaram, po, não tem condição, né, os padre, o dom... O que era o Arcebispo, Dom Felício, o Padre Angélico e todos da região assinaram o documento e excomungando os delegado e foi lido no domingo, na região inteirinha da missa das sete horas da manhã até oito da noite. Não tinha sermão, o sermão era a excomunhão, aí foi aquele choque pros caras, principalmente da Oban, esse pessoal e tiveram então que me apresentar pra imprensa, falar que eu tava viva, aí tiveram que manejar, foi o que salvou nós, tá!<sup>261</sup>

Depois do reboiço que a excomunhão criou na cidade, Áurea foi entrevistada no jornal "diário da manhã". Em matéria de capa com o título "Eis a bela subversiva", Áurea aparecia viva para a população ribeirão-pretana. Era um sintoma de que após a excomunhão algo iria mudar.<sup>262</sup>

Com a transferência das presas do quartel para o "Cadeião" de Cravinhos as torturas diminuíram, mas algumas vezes os militares ainda buscaram-nas para interrogatórios violentos em Ribeirão Preto. Entretanto, é inegável que o terror diminuiu bastante nesse momento, também porque os oficiais responsáveis pelo "Cadeião" não perpetuaram as atrocidades, tendo até ajudado Áurea em um dos momentos em que foi levada a Ribeirão Preto e voltou machucada. Iniciou também o contato de Áurea e as outras presas políticas com presas comuns. Áurea lembra-se que:

Então era o seguinte, né, as quatro, entramos no camburão e fomos pra Cravinhos, quando nós chegamos a praça tava cheia de gente, que era um domingo à noite com a banda tocando e o povo tudo na rua. E o cadeião é bem ali, né, na praça. E o povo todo de Cravinhos viu a gente descendo, eu algemada, a irmã Maurina que não dava pra confundir, que ela não tinha hábito, mas ela tinha a roupa e o

<sup>261</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconde Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). Ribeirão Preto, 10 de dezembro de 2012.

<sup>262</sup> Capa do Jornal Diário da Manhã de 19 de novembro de 1969 com a matéria "Eis a Bela Subversiva" (ANEXO 3).

cabelinho branquinho dela, a Leila e a Laisa. Aí nós entramos, olhamos assim que lá dentro, quando nós vimos que não tava mais no quartel, nós se abraçamos e começamos a chorar. Aí o delegado já veio e parou, ele respeitou a gente, sabe? e falou: "Olha, agora vocês estão aqui, nós vamos tratar do melhor modo que puder, mas não façam nada errado que senão a gente vai ter que tomar uma atitude".<sup>263</sup>

Frente à condição em que estavam no quartel, o choro dessas mulheres ao chegarem a Cravinhos era de alívio. Elas não mais enfrentariam diariamente os torturadores, as tentativas de estupro, o assédio sexual, os choques elétricos, o pau de arara, a pimentinha, etc. A cela em que estavam, encontrava-se imunda e no dia seguinte os oficiais responsáveis levaram para as presas vassouras, rodo e água e permitiu que elas limpassem o local. Áurea e irmã Maurina ficaram mais tempo presas juntas, enquanto Leila e Laisa foram logo soltas, sem serem processadas pela ditadura, pois não encontraram ligação estreita delas com a FALN.

Na cadeia em Cravinhos Áurea passou a conhecer a dinâmica das prisões e teve seu primeiro contato direto com presas comuns. Hilda foi sua primeira "amiga" na prisão, Áurea era chamada de "irmã terrorista" das presas comuns. Foi principalmente com essas presas que ela aprendeu a dinâmica dentro de uma prisão e os contatos e laços que se criam quando se está presa. Trocavam cigarros, repartiam comidas e roupas, em suma, conviviam em um ambiente enclausurado.

[...] puseram nós numa cela do lado de cá que tinha uns bêbados e depois caiu uma calha numa chuva e aí eles tiveram que tirar e por gente do outro lado. Parede e meia com as marginal, as minhas maiores companheiras da minha vida, foram elas e a turma lá da boca do lixo, as companheiras da boca do lixo, que depois na penitenciária eu fiquei muito com elas e que tinham o maior carinho na gente. E eu, assim, sempre fui magrinha e tudo, então elas falaram que eu parecia uma menina. Bom, então, a Hilda, quando nós passamos pra cá, a primeira amizade foi a Hilda, ela veio na grade e falou assim: "Vocês que são as terroristas?", eu falei: "É, menos a irmã Maurina". (risos)<sup>264</sup>

Foi em Cravinhos também que Áurea voltou a conectar-se com sua religiosidade. O contato com Madre Maurina foi muito importante para que isso ocorresse:

<sup>263</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Márcia Pereira da Silva.** (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 10 de maio de 2014.

<sup>264</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Márcia Pereira da Silva.** (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 10 de maio de 2014.

Aí eu chamei ela, acordei (barulho de batendo em porta), falei baixinho: "Irmã", ela assustou, falei, "irmã, tem alguém aí nessa cela que quer falar com você, a Hilda que chamou, vai, vamo, a Hilda ela tá na grade, ela tá meio dormindo". E a outra veio, veio e falou pra ela, "Irmã, dá a sua mão". Porque assim, a gente passava e... "Dá a sua mão, irmã". Aí a irmã deu a mão, ela pôs a hóstia e falou: "O corpo de Cristo". Recebeu assim a comunhão, clandestina. Aí ela puxou, começou chorar. E aí ela me acordou, ela queria que eu também recebesse junto com ela, eu falei "mas irmã, eu não sou religiosa". Aí ela me abraçou e falou: "É sim, você pensa que não, mas você é". Me abraçou e ela comungou por nós duas. Então assim, veio uma benção tão grande pra [...] que aquilo foi deslanchando, aí nós vimos a hora que a catequista chamou o carcereiro, batia lá na grade, né: "O, já acabei aqui, tal". E foi, e o carcereiro falou assim: "Oh, cuidado com essas daí que elas são terroristas" (risos), já tinha ido...<sup>265</sup>

O desafoço de Áurea, ao ser transferida do quartel de Ribeirão Preto para o Cadeião de Cravinhos, tornou-se acidentalmente alívio para sua família. Através de pessoas em comum, os familiares de Áurea souberam que ela, junto com uma freira, tinham sido transferidas para Cravinhos, onde estavam presas na cadeia da cidade. Segundo Áurea se lembra, seu pai, junto com a irmã Eli, que se parecia fisicamente com ela, foram até Cravinhos tentarem contatá-la.

Então meu pai veio de viagem, [...] e foi com a minha irmã lá na cadeia. Aí os soldados lá falaram: "Ixi, mas essa aí não tá lá dentro?" (risos). "Meu deus, e se elas correrem, em quem que a gente atira?" O outro falou: "Uai, atira nas duas" (risos). Mas eu ouvi meu pai e minha irmã e comecei a gritar lá dentro, chamando só que eles não ouviram e eles (soldados) falaram: "Não, aqui não tem aqui e tal. O senhor procura lá no quartel em Ribeirão." Enganaram, mas não enganaram nada, né. E quando a Eli passou, passou na porta [...] no meio deles, aí que eles falaram: "Mas, é igual a outra que tá aí!" Pronto, aí ficou feliz, então ela (Áurea) tá aí mesmo.<sup>266</sup>

Áurea e irmã Maurina viviam numa relativa calma a partir do momento em que foram transferidas para Cravinhos. O fim das torturas diárias, não estarem mais no quartel ouvindo outras pessoas serem torturadas, o contato com outras presas e o tratamento mais humano desprendido a elas na cadeia em Cravinhos são fatores que tranquilizaram um pouco a vida de ambas. Entretanto, em algumas ocasiões Áurea relata que foi levada para Ribeirão Preto, onde foi vítima de maus tratos. Numa das

<sup>265</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Márcia Pereira da Silva**. (arquivo .mp3). Ribeirão Preto, 10 de maio de 2014.

<sup>266</sup> Ibid.

vezes que retornou a Ribeirão Preto o delegado Miguel Lamano forjou o seu depoimento. Áurea diz que:

E no final depois de espancar a gente o dia inteiro e por tudo que eles queriam no depoimento, aí aquela pessoa entrava como testemunha, tá. E a gente era obrigado a assinar, sem ler, e eu nem teria condição, eu briguei com o Lamano, briguei com ele, falei "Eu quero ler tudo que você escreveu!" Que ele ditava o que ele queria, né. Mas eu não tinha condição nem de enxergar direito (risos). Enchi o saco dele!<sup>267</sup>

Poucos meses depois saiu a prisão preventiva de Áurea que junto com seus companheiros, incluindo Madre Maurina, foram transferidos para o Presídio "Tiradentes". Antes de chegarem ao presídio tiveram uma rápida passagem pelo DEOPS, mas desta vez não sofreram torturas. Ter a prisão preventiva decretada, ser transferida para o Presídio era a certeza de que sobreviveram ao pior. Os integrantes das Forças Armadas de Libertação Nacional eram os primeiros, junto com integrantes da Ação Libertadora Nacional (ALN) e da Vanguarda Armada Revolucionária - Palmares (VAR-Palmares) a chegarem ao presídio. Com os anos o número de presos e presas políticos só aumentou no presídio o que deu ao "Tiradentes" a alcunha de "aparelhão", devido ao número elevado de presos políticos que ali estavam. O "aparelhão" durou até 1972, quando começaram as primeiras transferências, incluindo as dos companheiros de Áurea, com a finalidade de desativar o presídio, fato que ocorreu em 1973.

Quando Áurea chegou ao presídio "Tiradentes" estava muito fraca, quase não comia, estava deprimida e, tendo em vista a precária assistência médica no local, o seu quadro clínico se agravou. Num primeiro momento, uma tia de Áurea, que era freira, conseguiu transferi-la para o presídio do Carandiru que possuía uma assistência médica mais adequada. Por isso, segundo ela, passou uma temporada ainda no Carandiru até retomar a saúde e a forma física mais adequada antes de voltar ao presídio "Tiradentes".

Em 69, foi novembro, novembro de 1969 e eu tava muito mal e a minha tia freira desesperada, foi atrás do D. Evaristo (Arns), da Igreja e dos militares e eles não queriam deixar, mas no fim deixaram eu ir pra Penitenciária feminina do Carandiru pra tratamento, né, porque eu não comia, eu não dormia. E aí eu ia mesmo embora, sabe? Por que cai o mundo, né, não cai? Tudo, tudo que a gente programou, que a

---

<sup>267</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconde Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). Ribeirão Preto, 10 de dezembro de 2012.



gente sonhou, que a gente queria pro país, que a gente queria pra população mais pobre. Tudo, tudo destruído na tua cara, né.<sup>268</sup>

Quando Áurea retornou ao presídio "Tiradentes", depois de uma temporada no Carandiru, ficou alojada, assim como todas as presas políticas na "torre das donzelas". Com tudo que aconteceu, o relacionamento com Vanderley Caixe esfriou, tornaram-se distantes até que tudo chegou ao fim.

Posteriormente, Vanderley, conheceu Ayala Rocha, o casamento durou aproximadamente 40 anos, até 2012, ano de falecimento de Vanderley Caixe. Tiveram dois filhos.

O julgamento dos membros da FALN durou três dias, Áurea foi condenada a seis anos de prisão, dos quais cumpriu quatro anos e meio. Destes, três anos e meio passou reclusa e o restante em liberdade condicional. Neste último período esteve sempre vigiada de perto por agentes da repressão. Saiu da prisão e voltou para Ribeirão Preto, em 1973, para morar com os pais, no mesmo ano Áurea retornou à Faculdade de Enfermagem e concluiu o curso em 1975. Nesse período em que regressou a Ribeirão Preto e retornou à Faculdade de Enfermagem, Áurea foi acompanhada de perto, quase que diariamente por um militar. Por saber que estava sendo seguida, preferia manter-se sozinha. Áurea diz que o militar só parou de segui-la após sua formatura no curso de enfermagem em 1975.

Eu formei, e no dia da formatura o militarzão tava lá, foi lá pra... Diz que queria me dar um abraço. Falei oh, "Pois não, porque meu primo aí fica, né..." Fui saindo assim, ele falou "Vim te dar os parabéns porque você venceu, você é uma mulher muito forte!" Falei, "Muito obrigada." Ele falou assim, "E agora pra onde você vai?" Eu falei, "Eu? Eu vou pra casa dormir. Que eu to cansada da faculdade!" (risos) "Mas e emprego? Você não vai atrás de um emprego" Eu falei "Não, deixa que o emprego vem atrás de mim!" Assim, e veio do Acre uma oferta da Universidade Federal por que aqui eu não podia iniciar a minha carreira. Aí eu fui pro Acre montar a Faculdade de Enfermagem lá junto com o Cresno, o Machado que formou junto e que sempre falava pra mim que ia me levar pra lá e nós fomos e conseguimos montar e veio o pessoal da Ana Neri, então, uns dois anos depois eu voltei.<sup>269</sup>

---

<sup>268</sup> PIRES, Áurea Moretti. **Depoimento concedido a Pedro Fernandes Russo e Marco Antonio Visconde Escrivão para o projeto "Memórias da Resistência"**. (arquivo .WAV). Ribeirão Preto, 10 de dezembro de 2012.

<sup>269</sup> Ibid.

Áurea Moretti, hoje aposentada, trabalhou até o fim do ano de 2014, quando completou 70 anos de idade, como enfermeira, em Ribeirão Preto. Sua história de lutas e sua insistente militância junto a movimentos sociais e pessoas mais pobres fazem dela uma personalidade na cidade. Hoje está aposentada, se diz comunista e espiritualista, vive com seu marido Laudelino, antigo militante do PCB em um modesto apartamento. É mãe de um casal de filhos e tem duas netas. Áurea é também anistiada política e recebeu uma indenização do estado brasileiro pelas atrocidades que a ditadura cometeu com ela. Mantém-se atenta à política atual e acompanha os desdobramentos sobre as histórias que cercam o período da ditadura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há trinta anos, em 1985, chegava ao fim a ditadura militar no Brasil que durou 21 anos (1964-1985). Com a saída dos militares dos centros de poder iniciou-se o processo de redemocratização. O fim da ditadura foi marcado pela abertura "lenta, gradual e segura" empreendida pelo general-presidente Ernesto Geisel e continuada pelo último general-presidente João Baptista Figueiredo.

Apesar de o tema ditadura militar ser bastante estudado na academia, é fato que até a promulgação da lei que criou a Comissão Nacional da Verdade o governo brasileiro e a sociedade em geral ainda não haviam iniciado, de maneira mais profunda o processo de assimilação do que foram aqueles 21 anos de ditadura. Desde os últimos anos da ditadura até os dias atuais algumas organizações preocuparam-se em não permitirem que aquele período caísse no esquecimento. O "Grupo Tortura Nunca Mais" que organizou o projeto "Brasil: Nunca Mais", referência nessa pesquisa, os fóruns de ex-presos políticos e de familiares de mortos e desaparecidos da ditadura, dentre outras organizações civis tem papel central para que as violações aos direitos humanos perpetradas sistematicamente pela ditadura não caiam no esquecimento.

Mesmo com os perceptíveis esforços desses grupos, a preocupação da sociedade brasileira com o tema ditadura acabava legada a esferas minoritárias da sociedade, principalmente dos atingidos diretamente por ela. A Comissão Nacional da Verdade permitiu que a questão da ditadura atingisse mais camadas da sociedade brasileira e trouxe consigo um aumento da curiosidade dos brasileiros e brasileiras ao período. Outro fator que alavancou a necessidade de revisitarmos nosso passado republicano recente foi o fato de que os países latino-americanos que também viveram períodos ditatoriais já estavam bem avançados no que tange a assimilação de seu passado recente.

No Brasil o tema da ditadura ainda é difuso e não é raro encontrar cidadãos brasileiros e até políticos, como o deputado federal Jair Bolsonaro, que defendem a ditadura e as práticas de tortura e violações aos direitos humanos que ocorriam sistematicamente no período. Prova disso são as manifestações contra o atual governo em que são encontrados muitos cartazes pedindo a intervenção militar e a volta dos militares ao poder, assim como a triste defesa de práticas como o assassinato e a tortura. A atual presidente do Brasil, Dilma Roussef foi militante da Vanguarda Armada

Revolucionária Palmares (VAR-Palmares) e lutou contra a ditadura tendo sido torturada. Isso faz da figura da presidente bode-expiatório para os defensores da ditadura.

Mesmo que muitas pessoas recorram ao argumento de que apenas uma parcela minoritária dos manifestantes contra o governo defendam o referido Estado autoritário, percebermos que muitos dos que protestam não se incomodam de manifestarem-se lado a lado com os defensores da ditadura. Não parece causar constrangimento ou incômodo, por exemplo, que um histórico e reconhecido, por diversos ex-presos políticos, torturador do DOPS, de alcunha Carlinhos Metralha, tome em suas mãos um microfone em cima de um caminhão de som, em plena Avenida Paulista lotada de manifestantes, e defenda as barbaridades acometidas pelo Estado brasileiro no período da ditadura.

A CNV, apesar de não ter o poder de levar a julgamento os violadores dos direitos humanos, especialmente os torturadores e os principais responsáveis pelos assassinatos, estupros, desaparecimentos, etc, tem um relevante papel no que tange à reflexão da sociedade brasileira para o que foi a ditadura militar. A CNV chamou a atenção da sociedade para o período e, conseqüentemente, fez com que aumentassem os debates acerca desse delicado assunto. A partir do momento que a CNV foi instaurada diversas outras comissões surgiram nos estados e cidades brasileiras.

Tendo em vista a resistência dos militares brasileiros em admitirem a sistemática repressiva que criaram, as comissões da verdade acabaram levantando muito mais as lembranças dos que se levantaram contra a ditadura. Muitas pessoas atingidas diretamente pelas políticas de repressão da ditadura foram convocadas a prestar depoimento nas diversas comissões criadas pelo país. Muitos falaram de si, mas ativaram também suas memórias para falarem dos companheiros e companheiras que foram assassinados pela ditadura e também que sumiram nas mãos dos agentes da repressão.

Os trabalhos feitos pelos integrantes CNV tiveram, portanto, impacto determinante no aumento do interesse de pessoas acerca do tema ditadura. Isso levou a um crescimento significativo também nas pesquisas acadêmicas que tangenciam esse assunto. Isso fez com que se alargassem o número de pesquisas e os caminhos que elas tomavam, visto que dentro do contexto da ditadura existem centenas de tópicos a serem explorados, como governos militares, papel da mídia, organizações de extrema-esquerda urbana e rural, movimentos de familiares de desaparecidos políticos, organizações de

extrema-direita, a relação dos dois únicos Partidos permitidos após o AI-5 com o governo (A ARENA e o MDB, o segundo como oposição consentida), o papel dos homossexuais nos grupos de esquerda, etc. No caso dessa pesquisa, nos aprofundamos no papel da mulher na luta contra a ditadura.

Notamos que há um crescente interesse atualmente em se compreender o papel da mulher na luta contra a ditadura, tanto na organização e atuação de grupos de resistência quanto nos momentos de tortura e prisão. A época da ditadura conflui com um momento em que as mulheres começaram a ocupar em maior medida os espaços públicos que anteriormente era vedado à elas. Isso faz com que haja um número significativo de mulheres que aderiram à luta política, armada ou não, contra a ditadura.

Desde os primeiros anos que a democracia foi retomada no Brasil iniciou-se um processo de estudo das pessoas que se levantaram contra a ditadura, seja através de organizações de extrema-esquerda, jornais, partidos clandestinos, movimentos sociais, etc. Todavia percebemos que os estudos sobre as mulheres que se levantaram contra a ditadura são em sua maioria recentes.

Apesar de algumas obras sobre a participação feminina contra a ditadura terem sido escritas logo nos primeiros anos de redemocratização, tais como o livro "Memórias das Mulheres do Exílio", de 1987, de Albertina Costa de Oliveira que compilou diversas lembranças de mulheres exiladas políticas e a pesquisa de Ana Maria Colling, "A Resistência da Mulher à Ditadura Militar no Brasil", do mesmo ano, foi só a partir do final da década de 1990 que esses estudos foram alargados.<sup>270</sup>

Desse modo, percebemos que os estudos que preocupados com o contexto da ditadura militar encontraram na participação feminina um novo e vasto tema a ser estudado. Podemos citar aqui "Mulheres, Militância e Memória" de Elizabeth F. Xavier Ferreira, de 1996, "Mulheres que foram à luta armada" de Luiz Maklouf Carvalho, de 1998, a dissertação de mestrado de Maria Cecília de Oliveira Adão, "Militância Feminina: Contradições e Particularidades (1964-1974)", de 2002, o livro "Resistências, Gênero e Feminismos contra as ditaduras no Cone Sul", de 2011, organizado por Joana Maria Pedro, Cristina Scheibe Wolff e Ana Maria Veiga e que compila um grande número de artigos sobre a relação das mulheres contra a ditadura, sejam as militantes, sejam as mães e avós procurando por filhos e netos desaparecidos. Na obra "Nova

---

<sup>270</sup> Vale salientar que na obra "Brasil: Nunca Mais", de 1985, existe um tópico reservado que expõe as torturas sofridas pelas mulheres presas políticas.

História das Mulheres no Brasil", de 2012, organizado por Joana Maria Pedro e Carla B. Pinsky existe também um texto de Cristina Scheibe Wolff, "Amazonas, soldadas, sertanejas, guerrilheiras" que se ocupa em falar das mulheres "subversivas". Marcelo Ridenti em sua pesquisa intitulada "O Fantasma da Revolução Brasileira", 2005, resultado de sua tese de doutorado, reserva também um espaço em sua obra para citar as mulheres guerrilheiras.

Nossa pesquisa sobre a militância, tortura e prisão de Áurea Moretti Pires está inserida nesse contexto de incipiente alargamento dos estudos sobre as mulheres que se posicionaram contra o estado ditatorial. Todavia, notamos que apesar de existir um aumento nos estudos acerca da participação feminina no contexto ditatorial, ainda são muito recentes as pesquisas sobre o tema e ao mesmo tempo não são de fácil acesso, visto que não há uma larga divulgação das mesmas. Na academia, contudo, torna-se mais fácil o acesso às referidas pesquisas visto que nos debruçamos largamente nesse tema, entretanto nos questionamos se esses estudos atingem de maneira mais ampla as pessoas que não estão inseridas no cotidiano acadêmico.

Por fim, consideramos que esta biografia de Áurea contribui com estudos e pesquisas sobre a participação feminina contra a ditadura militar. Além disso, optamos por uma forma de escrita narrativa preocupada com a análise historiográfica e que ao mesmo tempo seja acessível às demais esferas da sociedade.

## FONTES

### Entrevistas

- ✓ Depoente: Áurea Moretti Pires. Entrevista cedida a Pedro Fernandes Russo. Data: 17 de maio de 2014. Em Ribeirão Preto. 2hs e 20min de duração.
- ✓ Depoente: Áurea Moretti Pires. Entrevista cedida a Márcia Pereira da Silva e Pedro Fernandes Russo. Data: 10 de maio de 2014. Em Ribeirão Preto. 3hs e 42min de duração.
- ✓ Depoente: Áurea Moretti Pires. Entrevista cedida a Pedro Fernandes Russo. Data: 03 de maio de 2014. Em Ribeirão Preto. 3hs e 39min de duração.
- ✓ Depoente: Ivan Seixas. Entrevista cedida a Marco Escrivão e Pedro Fernandes Russo durante o desenvolvimento do projeto "Memórias da Resistência". Data 03 de março de 2012. Em São Paulo. 1h e 55min de duração
- ✓ Depoente: Rachel Fonseca Lepera. Entrevista cedida a Marco Escrivão e Pedro Fernandes Russo durante o desenvolvimento do Projeto "Memórias da Resistência". Data: 17 de dezembro de 2011. Em Ribeirão Preto. 1h e 15min de duração.
- ✓ Depoente: Vanderlei Fontelas. Entrevista cedida a Marco Escrivão e Pedro Fernandes Russo durante o desenvolvimento do Projeto "Memórias da Resistência". Data: 17 de dezembro de 2011. Em Ribeirão Preto. 1h e 14min de duração.
- ✓ Depoente: José Edson de Senne. Entrevista cedida a Marco Escrivão e Pedro Fernandes Russo durante o desenvolvimento do Projeto "Memórias da Resistência". Data: 11 de dezembro de 2011. Em Ribeirão Preto. 57min de duração.
- ✓ Depoente: Vanderley Caixe. Entrevista cedida a Marco Escrivão e Pedro Fernandes Russo durante o desenvolvimento do Projeto "Memórias da Resistência". Data: 11 de dezembro de 2011. Em Ribeirão Preto. 1h e 2min de duração.
- ✓ Depoente: Áurea Moretti Pires. Entrevista cedida a Marco Escrivão e Pedro Fernandes Russo durante o desenvolvimento do Projeto "Memórias da Resistência". Data: 10 de dezembro de 2011. Em Ribeirão Preto. 1hs e 29min de duração.
- ✓ Depoente: Djalma Quirino de Carvalho. Entrevista cedida a Marco Escrivão e Pedro Fernandes Russo durante o desenvolvimento do Projeto "Memórias da Resistência". Data: 10 de março de 2011. Em São José do Rio Preto. 1h e 39min de duração

Arquivo Histórico Municipal de Franca "Capitão Hipólito Antonio Pinheiro".

- ✓ Processo 198/69 vol. 1, 2, 3, 4 e anexo. 1343fls.

Fontes Impressas:

- ✓ CARDOSO, Rodrigo. Documentos Secretos da Ditadura. **Revista ISTOÉ**, São Paulo, v. 1, n. 2248, p. 46-50, dez. 2012.
- ✓ EBLAK, Luís. A freira na prisão. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 7 jun. 1998. Caderno Mais. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs07069806.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2014.
- ✓ PINHEIRO, Ana Paula Araújo. & TOMICIOLI, Anna Regina Bula. **O Preço da Luta. A Igreja Católica como ponto de partida.**
- ✓ RIBEIRO, Veridiana. Documento do DOPS são achados em Jaborandi. **Folha de São Paulo**, Ribeirão Preto, 20 out. 2009. Folha Ribeirão. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri2310200905.htm>>. Acesso em: 01 jul. 2014.



**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ADÃO, Maria Cecília de Oliveira. **Militância Feminina: Contradições e Particularidades (1964-1974)**. Dissertação apresentada ao curso de pós-graduação da Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Unesp, 2002.

ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e Oposição no Brasil (1964-1984)**. Petrópolis, Vozes, 1984.

ARNS, Paulo Evaristo. **Brasil: Nunca Mais**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BAGATIM, Alessandra. **Personagens, Trajetórias e Histórias das Forças Armadas de Libertação Nacional**. 2006. 143 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

BASSANEZI, Carla & PEDRO, Maria J. (orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo. 1. Fatos e Mitos**. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo. 2. Experiência Viva**. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BENHABIB, Seyla. CORNELL, Drucila (org.). **Feminismo como crítica da modernidade**. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1987.

BETTO, Frei. **Batismo de Sangue**. Os dominicanos e a morte de Carlos Marighella. 9. Ed. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1987.

BOTOSSO, Marcelo. **FALN. A guerrilha em Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Holos, Editora, 2006.

BOTOSSO, Marcelo. **FALN: A Resistência Armada em Ribeirão Preto**. Monografia apresentada à Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Unesp, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 11. ed. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

\_\_\_\_\_. A dominação masculina revisitada. In: LINS, Daniel. A dominação masculina revisitada. Campinas: Papirus, 1988.

BRITO, Maria Noemi Castilhos. **Mulheres como sujeitos sociais: a diferenciação feminina**. In: Revista Ciências Sociais. Porto Alegre, UFRGS, vol. 01, n 02, 1987.

CALDAS-COULTHARD, C. R. & LEEUWEN, Theo van. **Discurso Crítico e Gênero no Mundo Infantil: Brinquedos e a Representação de Atores Sociais.** In: Linguagem em (Dis)curso - LemD, Tubarão, v. 4, n.esp, 2004. p. 11-33. Tradução de Fernando Simão Vugman e Carmen Rosa Caldas-Coulthard.

CAMPOS FILHO, Romualdo Pessoa. **Guerrilha do Araguaia – Esquerda em Armas.** Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1997.

CARVALHO, Luiz Maklouf. **Mulheres que foram à luta armada.** São Paulo: Globo, 1998.

CARVALHO, Luiz Maklouf. **O Coronel Rompe o Silêncio, Lício Augusto Ribeiro, que matou e levou tiros na caçada aos guerrilheiros do Araguaia, conta sua história.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

CHAUI, Marilena. Participando do debate sobre mulheres e violência. In: **Perspectivas Antropológicas da mulher.** n.4, 1985.

COLLING, Ana Maria. **A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1987.

CORRÊA, Carlos Hugo Studart. **Em algum lugar das Selvas Amazônicas: As memórias dos Guerrilheiros do Araguaia (1966-1974).** 2013. 574 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

CORRÊA, Marisa. O sexo da dominação. In: Novos estudos CEBRAP, n.54, julho de 1999.

COSTA, Albertina de Oliveira. **Memórias das mulheres do exílio.** Rio de Janeiro, Paz e Terra 1980.

D'ARAUJO, Maria Celina; SOARES, Glaucio Ary Dillon & Castro, Celso (orgs.). **Os anos de chumbo: A memória militar sobre a repressão.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

\_\_\_\_\_. **A volta aos quartéis: memória militar sobre a abertura.** Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995.

\_\_\_\_\_. **Visões do Golpe: a memória militar sobre 1964.** 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

D'ARAUJO, Maria Celina; CASTOR, Celso. (orgs.). **Ernesto Geisel.** 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1997.

DEBRAY, Régis. **Revolução na Revolução.** São Paulo: Centro Editorial Latino Americano, 197?

DÓRIA, Palmério. **A Guerrilha do Araguaia.** São Paulo: Alfa-Ômega, 1981.

DREIFUSS, René Armand. **1964: A Conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe.** 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FERREIRA, Elizabeth F. Xavier. **Mulheres, Militância e Memória.** Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, L. Almeida Neves. (orgs). O tempo da ditadura: regime militar e os movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003.

FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). **Entre-vistas: abordagens e usos da história oral.** Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1994.

FONSECA, Tânia Mara Galli. Utilizando Bourdieu para uma análise das formas (in)sustentáveis de ser homem e mulher. In: STREY, Marlene Neves et al. **Construções e perspectivas de gênero.** Porto Alegre: Editora Unisinos, 2001.

FREIRE, Alípio; ALMADA, Izaías; PONCE, J. A. de Granville. **Tiradentes, um presídio da ditadura: Memórias de presos políticos.** São Paulo: Scipione Cultural, 1997.

GASPARI, Élio. **A Ditadura Envergonhada.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GASPARI, Élio. **A Ditadura Escancarada.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GOLDENBERG, M., TOSCANO, M. **A revolução das mulheres: um balanço do feminismo no Brasil.** Rio de Janeiro: Revan, 1992.

GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas: a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada.** São Paulo: Ática, 1987.

GREGORI, Maria Filomena. **As desventuras do "vitimismo".** Estudos Feministas, n1., 1993, p. 143-149.

GUEVARA, Ernesto. **Textos.** Rio de Janeiro: Saga, 1968.

HALLBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HEKMAN, Susan J. (org). **Feminist interpretations of Michel Foucault.** Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 1996.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História.** 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

\_\_\_\_\_. **Revolução Francesa e Vida Privada.** In: PERROT, Michelle (org.). **História da Vida Privada: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial.**

JELIN, Elizabeth. **Los Trabajos de la Memoria**. Madrid: Siglo Veintiuno, 2002.

JIMÉNEZ, José Vargas. **Bacaba – Memórias de um guerreiro de selva da Guerrilha do Araguaia**. Campo Grande: Edição Pessoal, 2007.

JOFFLY, Mariana. **No centro da engrenagem: Os interrogatórios na Operação Bandeirantes e no DOI de São Paulo (1969-1975)**. 2008. 349 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LEITE, Maria Cristina. A cultura política comunista: múltiplas facetas no discurso de seus militantes radicais. In: Encuentro Nacional, 9.; Congreso Internacional de Historia Oral de la República Argentina, 3. "Los usos de la Memoria y la Historia Oral", 2009, Buenos Aires. **Anais**. p. 16. Disponível em: <<http://historiaoralargentina.org/attachments/article/eho2009/Memoriaypolitica/Leite-Isabel.pdf>>. Acesso em: 1 jun. 2015.

LEJEUNE, P. *Je Est un Autre*. Paris: Éditions du Seuil, 1980.

LEVI, G. Usos da biografia. In: FERREIRA, M. de M. & AMADO, J. (orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

MACIEL, Lício Augusto. **Guerrilha do Araguaia: Relato de um combatente**. Rio de Janeiro: Edição Pessoal, 2008.

MALUF, Marina. **Ruídos da Memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.

MARTINS FILHOS, João Roberto. **Movimento Estudantil e Ditadura Militar: 1964-1968**. Campinas: Papirus, 1987.

MERLINO, Tatiana; OJEDA, Igor. **Direito à Memória e a Verdade: luta, substantivo feminino: mulheres torturadas, desaparecidas e mortas na resistência à ditadura**. São Paulo: Caros Amigos, 2010.

MORAES, João Luiz de. **O calvário de Sônia Angel**. Rio de Janeiro: MEC, 1994.

MORAIS, Dênis de. **A Esquerda e o Golpe de 64. Vinte e Cinco anos depois, as forças populares repensam seus mitos, sonhos e ilusões**. 2 ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

MORAIS, Taís e SILVA, Eumano. **Operação Araguaia – Arquivos Secretos da Guerrilha**. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

MOURA, Clóvis. **Diário da Guerrilha do Araguaia**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1985.

PROJETO BRASIL: NUNCA MAIS. **Perfil dos atingidos**. Prefácio de Dom Paulo Evaristo Arns. Petrópolis: Ed. Vozes, 1988.

OLIVEIRA, Eliezer Rizzo de. **As Forças Armadas: Política e Ideologia no Brasil, 1964-1969**. Petrópolis: Vozes, 1976.

\_\_\_\_\_. (org.). **Militares: Pensamento e Ação Política**. Campinas: Papirus, 1987.

PATARRA, Judith Lieblich. **Iara**. Reportagem Biográfica. 2 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe; VEIGA, Ana Maria. (orgs.). **Resistências, Gênero e Feminismos contra as ditaduras no Cone Sul**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.

PEREIRA, Maria Lígia Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. *HISTÓRIA ORAL*, 3, Mariana, 2000, p. 117-27.

PERROT, Michele. “**Práticas da memória feminina**” In: BRESCIANA, Maria Stella Martins (org.). *A mulher no espaço público*. São Paulo: Marco Zero, 1989.

PERROT, Michele. **Os excluídos da história. Operários, mulheres, prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PERROT, Michelle. **Minha História das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.

PINHEIRO, Ana Paula Araújo. & TOMICIOLI, Anna Regina Bula. **O Preço da Luta. A Igreja Católica como ponto de partida**.

PINTO, Celi Regina Jardim. “**A mulher como sujeito político: o caso latino americano**”. In: *As mulheres e os novos espaços democráticos na América Latina*. Porto Alegre: Revista Ciências Sociais, UFRGS, vol. 1, n 2, 1987.

PISCITELLI, Adriana G. “**Tradição oral, memória e gênero: um comentário metodológico**”. In: *Caderno de Pagu*. Centro de Estudos de Gênero, IFCH, UNICAMP, 1993.

POLITI, Maurice. **Resistência atrás das grades**. São Paulo: Plena Editorial, 2009.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 1982.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 1989.

POMAR, Wladimir. **Araguaia: O Partido e a Guerrilha – Documentos Inéditos**. São Paulo: Ed. Brasil Debates, Col. Brasil Estudos, nº 2, 1980.

PRIORE, Mary Del & BASSNEZI, Carla. (orgs.). **História das Mulheres no Brasil**. 8. Ed. São Paulo: Contexto: Ed. UNESP, 2000.

REIS FILHO, D. A. **A Revolução Faltou ao Encontro: Os Comunistas no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1990.

\_\_\_\_\_. **Ditadura e Democracia no Brasil: Do golpe de 1964 à Constituição de 1988.** Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

RÉMOND, René (org.). **Por Uma História Política.** 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RIDENTI, Marcelo. **O Fantasma da Revolução Brasileira.** 2. Ed. São Paulo: Editora UNESP, 2005

SAYÃO, Débora Thomé. **Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu.** In: Revista Perspectiva, v. 21 n. 01, jan/jun 2003. Editora da UFSC: NUP/CED. Florianópolis.

SCHMIDT, Benito B. **“O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação”.** Anos 90: revista do Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre. N. 6 (dez. 1996), p. 165-192. Disponível em: <<https://www.repositorioceme.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31755/000097057.pdf?ssequenc e=1>>. Acesso em: 17 set. 2013.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** In: [www.dhnet.org.br/textos/generodh/gencategoria.html](http://www.dhnet.org.br/textos/generodh/gencategoria.html). Acesso em março de 2004.

SILVA, Fabrício Trevisan Florentino da. **História e Guerrilha: Entre a tradição rural e a prática urbana.** O Brasil das décadas de 60 e 70 do século XX. 2012. 111f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2012.

SILVA, Márcia Pereira da. **Em busca do sonho: História, juventude e repressão Franca (1960-1970).** Montes Claros: Ed. Unimontes, 2001.

SILVA, Márcia Pereira da. **Protesto e repressão no interior paulista: Franca (1966-1970).** Dissertação apresentada ao curso de pós-graduação da Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Unesp, 1998.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: De Castelo a Tancredo (1964-1985).** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SOUZA, Aluísio Madruga de Moura e. **Movimento Comunista Brasileiro; Guerrilha do Araguaia – Revanchismo: A Grande Verdade.** Brasília: Edição Pessoal, 2002.

STREY, Marlene Neves. Será o século XXI o século das Mulheres? In: STREY, Marlene Neves et al. **Construções e perspectivas em gênero.** Porto Alegre: Editora Unisinos, 2001.

STUDART, Hugo. **A lei da selva: estratégias, imaginário e discurso dos militares sobre a guerrilha do Araguaia.** São Paulo: Geração Ed., 2006.

TELES, Amelinha; LEITE, Rosalina Santa Cruz. Da guerrilha à imprensa feminista: a construção do feminismo pós luta armada no Brasil (1975 – 1980). São Paulo: Editora Intermeios, 2013.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TOSCANO, Moema & GOLDENBERG, Mirian. **A Revolução das Mulheres: Um balanço do feminismo no Brasil**. Editora Revan, Rio de Janeiro, 1992.

## ANEXOS

## ANEXO 1 - CAPAS DE "O BERRO" SOBRE A GUERRA DO VIETNÃ



Fonte: BAGATIM, Alessandra. **Personagens, Trajetórias e Histórias das Forças Armadas de Libertação Nacional**. 2006. 143 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. p. 134-135.



Endereço: Rua Major Queluz, 28. Tel: 254-3123. End. Telegráfico: ESTADO. Telex: 021-801/23/4. Inscrição: 14 de novembro de 1969.

# O ESTADO DE S. PAULO

Provisão do tempo 4 h de dia e 8 h de noite. Tempo instável, com chuvas. Temperatura normal. Vento do quadrante Ete, fraco.



Vanderlei Calce, dirigente da FALN e madre Maurina B. da Silveira, ligada aos terroristas

## Religiosos foram libertados no Sul

Das notícias de correspondência e do Serviço Local

Foram libertados ontem à tarde em Pôrto Alegre os padres Edgard Jot, da igreja de Santa Cecilia; Manoel Valdivia, da igreja de N. S. da Piedade; e Joao Ladoevic Joseph Verdonevic, além do ex-seminarista Josuê Camilo Garcia, detidos sob acusação de estar envolvidos em atividades subversivas. A noite embarcou para São Paulo, o delegado Fleury, que chegou a esta Capital às 21 e 30 horas.

Ontem, pelo manhã, a ordem Vinte e Nove estava em vigor em relação aos religiosos que se encontravam detidos no DOPS, acompanhado pelo advogado Dr. Joaquim de Jesus. Os religiosos foram libertados após a apresentação de um documento assinado por eles, no qual afirmavam que não estavam envolvidos em atividades subversivas e que não tinham conhecimento de tais atividades. O documento foi assinado por eles, no qual afirmavam que não estavam envolvidos em atividades subversivas e que não tinham conhecimento de tais atividades.

## Ensino terá grande ajuda

A USAID emprestou ao Brasil 25 milhões de dólares para o financiamento de um programa de expansão da educação secundária. O programa prevê a construção de 100 escolas secundárias, a contratação de 100 professores e a distribuição de livros e materiais didáticos. O programa também prevê a realização de cursos de treinamento para professores e a realização de estudos de viabilidade para a construção de novas escolas.

## Dólar: novas cotações

A partir de hoje, o dólar americano será cotado em reais. A nova cotação é de R\$ 1,00 por dólar. A nova cotação é de R\$ 1,00 por dólar. A nova cotação é de R\$ 1,00 por dólar.



Arcebispo excomungado

## Arcebispo excomungado delegados

Do Regional de Ribeirão Preto

Em comunicado oficial publicado ontem pelo "Estado de São Paulo", o Arcebispo de Ribeirão Preto, Dom Frei Filipe Corrêa, excomungou os delegados do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) que se reuniram em São Paulo, em 14 de novembro, para discutir a situação da Igreja Católica no Brasil. O Arcebispo afirmou que os delegados estavam envolvidos em atividades subversivas e que não tinham conhecimento de tais atividades.

## Partido do Armamento

Partido do Armamento (PA) é um grupo de indivíduos que se dedicam ao comércio de armas e munições. O grupo foi formado em São Paulo e atua em todo o Brasil. O grupo também atua no exterior, especialmente em países da América Latina e da África.

## Fóssil esperou 75 milhões de anos

Um fóssil de um dinossauro foi encontrado em São Paulo. O fóssil tem 75 milhões de anos e é o mais antigo encontrado no Brasil. O fóssil foi encontrado em uma mina de carvão em São Paulo. O fóssil é um esqueleto completo de um dinossauro e está bem preservado.

# Termina a ação de mais 22 "aparelhos"

Autoridades policiais e militares, em operação conjunta realizada no região de Ribeirão Preto, conseguiram desbaratar, em três dias, 22 "aparelhos" montados por subversivos, efetuar a prisão de dezenas de terroristas e apreender grande quantidade de armas, munições e medicamentos que seriam utilizados no movimento denominado "Frente Armada de Libertação Nacional".

A ação de movimento em direção a São Paulo, com manifestações em Minas Gerais e Brasília, onde se encontravam agindo e procuravam se organizar desde 1967, prepararam para um levante armado em direção a São Paulo, com manifestações em Minas Gerais e Brasília, onde se encontravam agindo e procuravam se organizar desde 1967, prepararam para um levante armado em direção a São Paulo.

## Religiosos

Nas diversas diligências realizadas as autoridades apreenderam relativo realizado em caráter por João Maria, em função de estarem, no momento, em São Paulo, em função de estarem, no momento, em São Paulo.

## O "currículo" dos agentes terroristas

Os principais elementos da estrutura e do funcionamento dos grupos terroristas foram revelados em um relatório elaborado pelo delegado Fleury, que chegou a esta Capital às 21 e 30 horas.



Parte do armamento apreendido em poder dos agentes terroristas

Os principais elementos da estrutura e do funcionamento dos grupos terroristas foram revelados em um relatório elaborado pelo delegado Fleury, que chegou a esta Capital às 21 e 30 horas.

Os principais elementos da estrutura e do funcionamento dos grupos terroristas foram revelados em um relatório elaborado pelo delegado Fleury, que chegou a esta Capital às 21 e 30 horas.

## Um professor na organização

Um professor foi identificado como participante de um grupo terrorista. O professor foi identificado em São Paulo e atuava em uma escola. O professor foi identificado em São Paulo e atuava em uma escola.

## Participa também no grupo

Um indivíduo foi identificado como participante de um grupo terrorista. O indivíduo foi identificado em São Paulo e atuava em uma escola. O indivíduo foi identificado em São Paulo e atuava em uma escola.

## Milhares de cópias

Milhares de cópias de um documento foram apreendidas. O documento foi apreendido em São Paulo e era destinado a ser distribuído para os membros do grupo terrorista. O documento foi apreendido em São Paulo e era destinado a ser distribuído para os membros do grupo terrorista.

## João dos Santos

João dos Santos foi identificado como participante de um grupo terrorista. João dos Santos foi identificado em São Paulo e atuava em uma escola. João dos Santos foi identificado em São Paulo e atuava em uma escola.

## Preservação

As autoridades estão tomando medidas para preservar as evidências encontradas. As autoridades estão tomando medidas para preservar as evidências encontradas. As autoridades estão tomando medidas para preservar as evidências encontradas.

## Uma foto

Uma foto foi tirada durante a operação. A foto mostra os agentes policiais e militares durante a operação. A foto mostra os agentes policiais e militares durante a operação.

ANEXO 3 - CAPA DIÁRIO DA MANHÃ - "EIS A BELA SUBVERSIVA"

**CHUVAS SOBRE A CIDADE JÁ ESTÃO PREJUDICANDO OBRAS**

As chuvas abundantes que têm caído sobre a cidade estão paralisando diversas obras públicas do município, o que ocasiona o retardamento de suas conclusões. — Como exemplo pode-se citar os serviços da margem direita do Retiro, no trecho São Paulo à Visconde de Inhaúma, onde todas as obras de infraestrutura já estão prontas, aguardando-se tão somente uma pausa das chuvas para que sejam asfaltadas aquelas três quadras.

**Bandeiras para salas de aulas de Bonfim Paulista**

O Lions Clube de Ribeirão Preto, desde constituição à Campanha "Uma bandeira em cada sala de aula", estará, hoje, às 12 horas, distribuindo bandeiras nacionais a 14 salas de aulas na Cidade de Bonfim Paulista.

**NOGUEIRA (SITUACIONISTA)**  
**JOÃO GILBERTO (OPOSIÇÃO)**  
**FORAM VOTAR EM BRASÍLIA**

O prefeito Duarte Nogueira segue hoje, via aérea, rumo à capital da República a fim de participar, amanhã, da convenção nacional da ARENA, como delegado da agremiação partidária de São Paulo.

O partido da oposição, o MDR, também manda à Brasília um dos seus representantes para participar da sua Convenção Caberá ao dr. João Gilberto Sampaio, vice-presidente do diretório local, representar a agremiação emedebista na capital da República.

# Eis a bela subversiva

**MORREU JOSEPH KENNEDY AOS 81 ANOS DE IDADE**

HYANNIS PORT, (DM) — O sr. Joseph Patrick Kennedy, faleceu ontem em Hyannis Port, em Massachusetts, aos 81 anos de idade, tendo à sua cabeceira o seu único filho homem, ainda vivo, o senador Edward Kennedy, e outros membros da família. O sr. Joseph Kennedy, que havia sido embaixador dos Estados Unidos na Grã Bretanha, encontrava-se enfermo desde que foy acometido de derrame cerebral há 3 meses período em que foram assassinados seus dois filhos John e Robert.

**ESTADOS UNIDOS PROPÕEM REDUÇÃO DAS BARREIRAS PARA COMÉRCIO COM A AL**

WASHINGTON (DM) — O secretário de Estado adjunto para Assuntos Interamericanos, Charles Messer, declarou que os Estados Unidos já estão considerando no plano industrialização alternativa, a substituição uma política comercial de maior liberalidade para com os países subdesenvolvidos, depois seis meses de consultas. Nessa declaração em Washington, numa reunião do Conselho Interamericano Econômico-Social, falou John G. Messer que os Estados Unidos tendem a tomar a liderança das forças sul-americanas, na busca de redução das barreiras comerciais não-tarifárias que afetam as exportações latino-americanas. Salientou entretanto, que seu país está preparado para assumir tal tarefa, desde que seja gerado o desenvolvimento econômico latino-americano. O sr. John Messer afirmou que o expansion do comércio é a única forma existente para se estimular o desenvolvimento da América Latina.

**RIBEIRÃO PRETO JÁ TEM A SUA COMPANHIA DE TURISMO**

A Câmara Municipal reunida na noite de ontem, aprovou em regime de urgência — a mensagem do Executivo criando a Companhia Municipal de Turismo de Ribeirão Preto

**ESTABELECIDO PROGRAMA DE RECEPÇÃO A KLABIN SEGALL**

Foi dado a conhecer, ontem, pela Assessoria de Imprensa da Prefeitura Municipal, o programa da visita do presidente da Caixa Econômica do Estado de São Paulo, sr. Oscar Klabin Segall, marcada para sábado próximo. O programa está assim elaborado: às 10 horas, chegada, por via aérea, no aeroporto "Leite Lopes"; 10:30 horas, entrega do título de "Cidadão Ribeirão-pretano", na Sala das Sessões da Câmara Municipal; às 11:30 horas, inauguração do Balneário Termas de Ribeirão Preto; às 12:30 horas, almoço oferecido pelo Poder Executivo. Após o almoço, tarde livre com visita aos principais pontos da cidade e encontro com prefeitos da região. Às 16 horas, regresso para a capital do Estado.

Durante a solenidade de entrega do título de cidadania, usará da palavra, pela ordem, os srs. Aloísio Oliva Paschoal, ex-vereador e autor do projeto que concedeu o título ao sr. Segall, o prefeito Duarte Nogueira e o homenageado.

VEJA NA TERCEIRA PÁGINA MAIS FOTOS E INFORMAÇÕES

Fonte: Arquivo Público de Ribeirão Preto.